

LETÍCIA BLACK



Frutos^{do}
PECADO 2



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

FRUTOS DO PECADO 2

Letícia Black
2017 © Direitos Reservados

Image

Eu não me lembro o seu nome.

Te encontrei em um shopping qualquer. Você me conheceu pelos meus escritos, me pegou pela mão e desabafou sobre sua vida. Sobre os abusos que tinha sofrido.

Foi a primeira vez que entendi que conversava com as pessoas através do que escrevia e que você esperava que eu respondesse, talvez com uma solução para os seus problemas, o que não pude te dar naquele dia.

Mas escrevi esse livro. E ele foi para você. E para todas as outras meninas que não tiveram a oportunidade de me perguntar, mas que esperavam que eu dissesse.

Vocês não estão sozinhas.

Image

Mariana havia preenchido o formulário para a vaga de emprego há apenas meia hora atrás e mantinha a caneta presa entre o indicador e o dedo médio, batucando com a tampa em sua perna, impaciente. Ela sabia que a maior parte dos escritórios tinha costume de fazer o candidato esperar para testar sua paciência, mas aquele sempre seria um de seus piores defeitos e ela não conseguia disfarçar.

— Srta. Abreu? — A recepcionista a chamou. Três segundos e ela estava prontamente de pé em frente à mesa da moça. Ela sorriu, quase compreensiva. — Pode entrar, Srta. O Sr. Schmidt está esperando a Srta.

Ela colocou o telefone no ganho e, só então, Mariana percebeu que ela estivera falando com ele enquanto ele autorizava a sua entrada. Agradeceu com a cabeça e seguiu para a porta fechada do escritório de advocacia Schmidt, um dos maiores e de maior renome da região de Boston. E eles tinham uma sede em Manhattan, para onde ela e Erick planejavam se mudar no próximo verão. Não que ela e Erick estivessem se falando no momento...

Antes que Mariana batesse na porta, ela ouviu a voz grave do homem dizer:

— Pode entrar.

Timidamente, a mulher abriu a porta vagarosamente, olhando para dentro e arriscando um sorriso simpático. Schmidt era um senhor grisalho de rosto quadrado e incríveis olhos verdes. Ele acenou para ela se aproximar e ela arriscou passos em saltos imensos para dentro da sala.

— Srta. Abreu! — O homem levantou-se e ofereceu a mão para ela apertar. Mariana, um pouco enrolada com sua bolsa, esticou a mão e apertou-a. Ele indicou a cadeira em frente a ele para sentar. — É um prazer receber você nessa entrevista.

Ele sorriu um sorriso tão cheio de dentes que Mariana ficou ligeiramente assustada com sua excessiva simpatia. Toda vez que alguém era muito simpático com ela, muito dificilmente acabava bem.

— Eu é que estou muito feliz por essa oportunidade, Sr. Schmidt. — Ela disse, tentando parecer simpática e não transparecer seu nervosismo.

Ele começou a mexer os papéis em sua mesa e ela pôde identificar seu currículo, cartas de recomendação e, estremecendo ao reconhecer, um arquivo judiciário que só podia remeter ao fim de seu segundo grau.

— Vejo suas notas, recomendações... Tudo muito impecável, Srta. Abreu. — Ele sorriu. — É o seu primeiro emprego?

Um pouco impaciente, Mariana concordou com a cabeça, um sorriso suspeito no rosto.

— Sim, eu tive estágios durante a faculdade e eu a terminei no último semestre... — Ela narrou. — Seria o meu primeiro como efetiva-não-estagiária.

Ele riu e puxou o papel da ficha judiciária dela. Mariana tentou não parecer nervosa enquanto ele passava o olho pelo relatório do processo que levava à prisão do meio irmão de Erick.

Quando ele levantou o olhar para ela de novo, seus olhos estavam diferentes e Mariana desejou levantar dali correndo e evitar o que ela sabia que viria à seguir.

— A Srta. deseja muito esse emprego? — Estranhando a pergunta, Mariana simplesmente se pôs a concordar com a cabeça, o que provocou um sorriso ainda mais esquisito no Sr. Schmidt. — Por que, então, a Srta. não se desfaz de alguns botões e me mostra o quanto você o deseja?

Mariana meneou a cabeça e sorriu um sorriso esperto de quem já estivera esperando por aquilo. Era a terceira vez em dois meses.

— Isso se chama assédio, Sr. Schmidt. — Ela disse.

Ele apenas sorriu e levantou a ficha judiciária que tinha uma descrição detalhada sobre tudo que aconteceu quando ela tinha dezessete anos. Do estupro à gravidez e toda a confusão que ela criara

sobre quem seria o pai. Isso era o suficiente para que metade dos seus entrevistadores a julgasse como *aquela* tipo de mulher.

— Tenho certeza que uma jovem bonita como você sabe como isso funciona. — Ele disse.

Mariana cerrou os olhos para ele. O Sr. Schmidt estava insistindo muito mais do que os outros dois homens que tentaram tirar proveito dela em suas entrevistas.

— Tenho certeza que uma jovem advogada como eu — Ela disse. — Sabe como levar isso ao tribunal.

Ele riu, balançando seus vastos cabelos grisalhos enquanto sacudia, como se Mariana fosse apenas uma pequena e confusa piada que brotara em seu escritório.

— Srta. Abreu... — Ele começou, bem devagar, como se Mariana tivesse dificuldade de compreensão. — A Srta. realmente acha que alguém acreditaria na sua palavra acima do dono de um dos maiores escritórios dos Estados Unidos? — Ele perguntou, o sorriso de quem vencera a guerra.

Mariana abaixou a cabeça e levantou-a vagarosamente, com os olhos cerrados de quem tinha uma carta escondida na manga.

— O Sr. sabe quem é meu pai, Sr. Schmidt? — Ela perguntou.

Mariana tinha a política de nunca mencionar seu pai nas suas entrevistas, por isso utilizava seus documentos antigos com o nome de sua mãe. O único documento em que ela assinava Mariana Evans era seu passaporte e esse só era pedido na contratação.

— Bom... — O Sr. Schmidt começou, com um sorriso esperto. — Se a Srta. não sabe, como eu vou saber? — Ele riu. — Sua mãe era uma stripper, não era?

Droga. Mariana pensou. Era por isso que ele estava mais insistente. Procurava mais afundo que os outros.

— Deixe-me, então, lhe mostrar. — Ela disse, fingindo não estar abalada. Abriu a bolsa e tirou o passaporte. Abriu na página que continha a informação de filiação. — Acho que, talvez, o Sr. possa achar o nome familiar.

Sr. Schmidt franziu a testa para ela, mas, mesmo estranhando sua postura, pegou o passaporte da mão dela e levantou a sobrancelha ao ler o nome.

— Jack Andrew Evans... — Ele sussurrou.

Por um momento, Mariana viu a sombra do reconhecimento perpassar por seus olhos e, então, uma físgada de medo. Ele logo se recompôs e olhou para ela como se não entendesse seu ponto. Mas ela sabia que ele entendia e, por isso, ela tinha o sorriso esperto em seus lábios.

— Jack Evans, também conhecido como o melhor advogado de toda a Europa. — Ela disse, orgulhosa pelo "título" que seu pai ganhara há dois anos atrás, na *People*. — Ele nunca perdeu um caso sequer.

Mariana abriu o sorriso, simpático e cínico para um pálido e sem jeito Sr. Schmidt.

— Acho que meus botões ficarão no lugar por hoje, Sr. Schmidt. — Ela disse, se levantando. — Obrigada pelo seu precioso tempo.

Como um trovão, Mariana abandonou a sala antes que ele ou a recepcionista pudessem impedi-la.

Embora Mariana parecesse firme durante todo o momento que dividira com Sr. Schmidt, ela não estivera. O estudo da advocacia havia lhe ensinado a manter suas expressões longe enquanto lutava por suas causas, mas ela estava destruída. Das cinco entrevistas que ela fizera desde que se formara, três tiveram resquícios de assédio nelas. E, desta vez, fora pior.

Mariana se sentia o pior ser humano da face da Terra. Parecia que todos aqueles escritórios eram incapazes de enxergar a ficha perfeita que ela tinha: Todas as notas máximas, os méritos... Ela se formara com todas as graças que um estudante de advocacia da melhor universidade do mundo poderia ter. Todos os seus professores fizeram cartas de recomendação para ela; ela era a nata da nata.

E, mesmo assim, aqueles homens só conseguiam vê-la como a adolescente confusa que ela fora, machucada e assustada o suficiente, mentindo sobre a paternidade do seu filho.

Ela secou a lágrima que escorreu ao descer do ônibus. Ela precisava ser forte. Ainda tinha que encarar Erick e ela estava realmente zangada com ele.

*_*_*_*

Erick estava destruído. Ele não sabia quanto tempo mais ele aguentaria da Mitre Corp. Ele estava dando o sangue pela empresa e, além de não conseguir reconhecimento, com os últimos cortes, ele ganhara mais funções e menos tempo para passar com Mariana e ele

sentia falta disso, principalmente quando ela não estava zangada com ele, o que, agora, não era tanto tempo assim.

Mariana andava estressada por não conseguir nenhum trabalho desde que se formara. Isso já era suficiente para deixá-la irritada noventa por cento do tempo. Mas, para melhorar, ela era ciumenta e Erick era um empresário nato e a maior parte do seu trabalho era conquistar investidores. Por conta disso, Mariana estava há duas semanas gritando com ele por tê-lo pego "conquistando" uma investidora de meia idade enquanto ela estava no banheiro durante a última festa da Mitre Corp para arrecadar fundos.

Ele entendia e aceitava porque sabia que, uma hora, a garota ia ceder à ele e o sexo de reconciliação era realmente ótimo. O que ele não gostava era ter que dormir no sofá enquanto isso.

E foi se arrastando com o pensamento de mais uma noite desconfortável no sofá que Erick lançou-se para fora do elevador de seu prédio e arrastou-se até o número 1702, girando a chave na porta.

A visão não era o que ele esperava.

Ele estava esperando uma Mariana sentada no sofá da sala, de braços e pernas cruzadas, esperando-o para mais um "passando a limpo". O que ele encontrou foi uma Mariana com olheiras na bancada da cozinha, agarrada à uma taça de vinho. A maquiagem borrada e o rosto molhado de lágrimas. Havia uma garrafa de vinho meio vazia ao lado dela.

Então ele se lembrou: Ela tivera outra entrevista àquela tarde.

Em cinco segundos, ele trancou a porta atrás de si e atravessou o aposento até a bancada da cozinha. Indeciso se ela o aceitaria, ele apenas sentou-se ao seu lado.

— O que houve, Mari? — Perguntou.

Ela balançou a cabeça com um sorriso triste no rosto e bebeu todo o resto do vinho em sua taça de uma só golada.

— O que você acha, Erick? — Ela perguntou, olhando para ele. — Aconteceu de novo, é claro. E pior.

Ela sabia que estava zangada com ele, mas o vinho havia nublado a sua mente o suficiente para fazê-la esquecer o motivo. E ela não se importava mais: Era Erick. Erick sempre estivera ao lado dela, apesar de tudo.

Magoada e ferida, ela encostou a cabeça no ombro dele. Isso foi o

suficiente para dizer à Erick que ele tinha acesso à ela novamente. Ele logo passou os braços ao redor dela e puxou-a para um abraço. As cadeiras onde amos estavam sentados balançaram e, então, Erick achou-se ousado ao puxá-la para sentar-se em seu colo, mas a garota estava tão chateada que não se recusou. Acalentou-se no abraço dele, escondendo o rosto na curva de seu pescoço como ela sempre fazia quando estava triste. Seis anos que eles estavam juntos e ele ainda estremecia ao toque dela, ainda a desejava como na primeira vez e ainda a amava como sempre a amara.

— Eu sinto muito, Mari. — Ele sussurrou baixinho, em seu ouvido. A mulher estremeceu em seus braços e ele sentiu à resposta em sua pélvis. Esperava que ela não sentisse. — Tenho certeza que você ainda vai conseguir.

Ela riu, dando de ombros. Afastou-se um pouco dele e colocou mechas de seu cabelo atrás da orelha, sorrindo triste.

— Será que isso vai me perseguir pelo resto da minha vida? — Ela questionou. — Todo dia, todo mundo tem que me lembrar que eu fui uma idiota assustada quando tinha dezessete anos?

Erick encostou a testa na dela e acariciou suas bochechas enquanto ela ainda estava nublada pelo pesar e a bebida e o permitia ter esse nível de intimidade. Ele sorriu, triste, ao vê-la fechar os olhos e deixar correr as lágrimas pelo rosto.

— Isso é passado. — Ele murmurou, sem ter nada melhor para dizer.

— Para nós... — Ela sussurrou. — Para o resto do mundo...

Erick esfregou o nariz no dela, a primeira abertura para a reconciliação que ele encontrava nas duas semanas e ele não deixaria passar. Com sorte, poderia dormir na cama àquela noite.

— Meu amor por você não é passado. — Sussurrou. — Ele nunca muda e nem nunca vai mudar.

Surpreendeu-se ao ver o sorriso no rosto da mulher. Sua barriga revirou em expectativa.

— Nem o meu. — Ela sussurrou, ainda de olhos fechados.

E surpreendeu-o ao puxá-lo para um beijo. Erick estava deliciado. A noite seria muito melhor do que ele estava esperando.

Os beijos eram apenas um encostar de lábios um atrás do outro, quase indecisos e inexperientes depois de duas semanas, meio que testando o gosto um do outro para saber se continuava a mesma coisa.

Erick investiu em um beijo mais apaixonado: lambeu os lábios de Mariana até que ela os entreabrisse para encostar as línguas.

Mariana reagiu, passando os braços ao redor do pescoço de Erick, que a empurrou levemente até que ela encostasse as costas na bancada da cozinha, deslizando os dedos pela coxa nua, subindo o leve vestidinho que a mulher costumava usar para dormir. Docemente, um de seus dedos encaixou-se entre a calcinha e sua pele, fazendo-a suspirar levemente, mas logo sua mão abandonou o lugar, subindo tranquilamente pelo corpo da mulher, acariciando sua barriga, puxando o vestido para cima e tirando-o, antes de levar as mãos aos seios dela, acariciando-os com delicadeza.

Mariana apertou o corpo contra o dele, o beijo, guiado por ela, tão desesperado que eles mal conseguiam respirar. Erick desceu as mãos pelas costas nuas dela, apertando levemente sua cintura, fazendo com que ela gemesse. Só então chegou ao seu intento: Suas nádegas. Com uma fome repreensível, ele apertou a bunda dela, deliciando-se, afastando uma banda da outra, entranhando a calcinha dela entre as bandas.

Os beijos continuaram, tão deliciosos quanto podiam ser, enquanto Mariana dedilhava o corpo de Erick por cima da camisa social que ele vestia. Aos poucos, os botões foram se abrindo e a pele foi ficando descoberta, até que, finalmente, ela jogou a camisa por seus ombros largos e deixou-a encontrar-se com o chão, descendo os lábios para dar leves beijos no peito nu de Erick.

Erick não se conteve. Logo, puxou-a para um beijo, o qual Mariana terminou, mordeu o lábio dele e levantou de seu colo, deixando-o levemente confuso. Sorrindo, ela lhe estendeu a mão e, sem nem ao menos pensar, Erick aceitou-a.

Ela guiou-o para o quarto, deitando-se na cama, espalhando o cabelo pelos travesseiros. Erick parou à meio caminho de seu intento final, admirando toda a beleza da mulher por quem ele se apaixonara. Ela sorriu ao perceber o seu olhar apaixonado e levantou uma das mãos, chamando com o dedo. Erick suspirou, embebecido, e ajoelhou-se na cama, ao lado dela, levando os lábios em sua barriga descoberta, enquanto as mãos apertavam levemente a cintura.

Mariana encurvou-se, grunhindo. Eles se desejavam de tal forma tão surreal que mal conseguiam focar em qualquer outra coisa. Ela,

encoberta de prazer, levou as mãos em garra até a nuca dele, apertando e puxando seus cabelos, obrigando-o a largar sua barriga para investir em beijos em seus lábios.

— Eu senti tanto sua falta... — Ela sussurrou, soltando seus lábios para morder a orelha dele.

Erick grunhiu, apertando o corpo contra o dela. O fino tecido da calça social estava estufado com sua ereção. Duas semanas sem sexo e ele não sabia quanto tempo conseguiria durar, só sabia que estava desesperado para tê-la outra vez... E quantas mais vezes ele pudesse ter.

— Você me deixa louco, mulher — respondeu-lhe. — Louco — frisou.

Ela riu, mas seu riso logo findou-se ao encostar de lábios. As mãos de Erick, ágeis e experientes, logo acharam o fecho do sutiã, deixando os seios da mulher livre para mimos: Beijos, apertos, carícias... Mariana mal podia mais aguentar tudo que ele lhe provocava.

Ansiosa e determinada, suas mãos avançaram para o botão da calça dele durante mais uma seção de beijos intercaladas entre seus seios. Ao percebê-la abrindo sua calça, Erick grunhiu um pouco alto demais e investiu contra as mãos dela. Mariana abaixou sua cueca e pegou seu membro em suas mãos, apertando-o e guiando-o até sua entrada.

— Faz amor comigo agora? — Ela perguntou a Erick.

O desejo incontrolável dominou Erick de tal forma que ele mal conseguia medir suas ações. Aquela mulher não fazia ideia das coisas que podia provocar nele e todos os anos em que passaram juntos não havia mudado um miligrama qualquer: Desde que a vira, sua cabeça fora dominada por Mariana e ela ainda reinava em sua mente, em seu coração e em todo o seu corpo.

Ansiando por finalizar e deixa-la em tanto prazer que gemeria seu nome da forma tal maravilhosa que ela costumava, arrepiando todos os seus pelos e levando-o até as estrelas, Erick rasgou as beiradas da calcinha dela e penetrou-a, tomando-a pela surpresa em um meio gemido sufocado.

Ele beijou-lhe os lábios, meio sem jeito pelas investidas que fazia. Ela matinha as unhas cravadas em seu ombro, a respiração falha, os olhos revirados, jogando a cabeça para trás em redenção.

— É isso que você quer? — Ele perguntou-a, beijando-lhe o pescoço, deliciado com a respiração falhada dela. — Assim?

Mariana grunhiu em resposta, levando os lábios aos dele, beijando-o fervorosamente. Erick sorriu levemente entre o beijo e, segurando-a pelas ancas, sentou-se com ela em seu colo.

A mulher pareceu ligeiramente tonta com suas carícias, ainda mais quando seus seios foram aos lábios de Erick sem que ele nem tivesse que se esforçar, mas logo recuperou-se, movimentando seu corpo contra o dele, a pele roçando deliciosamente, os lábios procurando um ao outro de forma voraz e terrivelmente apaixonada.

Para eles, não havia nada mais no mundo que soasse mais certo que suas respirações falhadas em uma ressonância deliciosa enquanto se amavam.

Tão logo quanto veio, o prazer se esvaiu e Mariana e Erick se jogaram contra a cama, abraçados, tentando recuperar o fôlego, ambos com sorrisos maravilhosos estampados no rosto.

Sonolenta, ela se aconchegou em seu peito, o braço dele passando por sua cintura de forma restritiva, protetora e dominadora. Ela era dele tal como sempre fora; e ele era dela embora ela não conseguisse entender o porquê. Ele era bom demais para ela, bom demais para qualquer mulher na face da Terra e ele era dela. Era o suficiente para fazê-la sorrir.

Ao ver o sorriso em seu rosto, Erick apertou-a ainda mais contra seu peito, dando-lhe um beijo na ponta do nariz.

— É assim que eu gosto de te ver... — Ele sussurrou.

Mariana riu, meio embasbacada pelo prazer, mas deliciada em ser tão desejada e amada quanto Erick a fazia sentir.

— Como? Descabelada, inchada e suada? — Ela perguntou, ainda rindo. — Não parece uma boa visão.

Erick revirou os olhos, rindo. Beijou-lhe os lábios docemente, vendendo-a, assim que afastou os lábios, de olhos fechados, lambendo os lábios para aproveitar seu gosto. Respirou fundo, sentindo o desejo começar a apitar novamente.

— Linda, sorrindo, feliz. — Ele disse. — Você não tem sorriso muito.

A expressão dela logo se fechou, de volta aos seus problemas. Deu de ombros, fingindo não se importar.

— É... — Disse, sem saber exatamente o que podia dizer sobre isso. — Acho que sim.

Ele suspirou, fazendo a cabeça dela subir e descer junto com seu

peito. Beijou-lhe, então o topo da cabeça, sentindo-a desconfortável com o assunto. Sua mão caçou a dela, logo encontrando o que queria: o anel que havia dado a ela em seu primeiro natal juntos. Viu-a sorrir ao começar a girar o anel pelo seu dedo.

— Eu estava pensando... – Ele sussurrou. – Em seguir nosso plano inicial.

Ela apoiou-se em seu peito, levantando o corpo com tanta pressa que ele se assustou de ter dito algo errado.

O plano inicial deles era fazer a faculdade e, assim que terminassem, eles voltariam para casa, se casariam e trabalhariam com seus pais. Em algum momento, esse plano se perdeu e eles se mantiveram nos Estados Unidos mesmo após se formarem, alguns meses atrás.

— Mas... – Ela começou, parecendo ligeiramente perdida. – Você adora aqui! Adora seu emprego!

Erick revirou os olhos, sorrindo. Levou a mão ao seu rosto e acariciou-a levemente. Mesmo que suas palavras não estivessem equivocadas, mesmo que ele realmente amasse Boston e seu emprego, nada no mundo levava mais amor do que aquela mulher e ele se mudaria para Lua se isso fosse colocar um sorriso no rosto dela.

— Eu odeio meu emprego e tudo aqui, Mariana – Ele sussurrou. – E tudo que eu mais quero no mundo é que você seja minha mulher.

Ela levou os lábios aos dele, beijando-o docemente. Erick suspirou, vendo-a deitar ao seu lado e virou-se para ela.

— Eu já sou sua mulher, Erick – Ela sussurrou. – Sempre fui.

Ele admirou-a, a certeza em seus olhos e no sorriso que ela ostentava. Mesmo com as frequentes discussões, nunca houvera uma dúvida sequer entre eles. Não havia nada além da constante insegurança dela, que ele aturava e agradecia. Brigar fazia parte da vida de um casal e a deles era sempre tão maravilhosa que suas discussões sobre ciúmes só faziam tudo se tornar melhor – Quando acabavam em sexo, é claro.

— Quero poder te chamar de Senhora Harvey... – Ele sussurrou.

Ela sorriu, de olhos fechados, o sono já lhe vencendo. Erick espelhava seu sorriso, mas estava tão acordado quando lhe era permitido, vigiando cada aspecto do rosto dela com a mesma devoção que tivera por anos.

— Você está pedindo minha permissão? – Ela murmurou.

Ele sorriu, encostando a testa na dela.

— Você só precisa dizer que sim.

Mariana suspirou, encantada. Como Erick conseguia fazer um pedido de casamento depois do sexo soar tão maravilhoso.

— A hora que você quiser – Ela, finalmente, disse.

Ele soltou todo o ar que prendia, sem nem perceber que havia feito, pela tensão, esperando a resposta dela e sorriu maravilhosamente.

— Amanhã, em Vegas? – Perguntou.

A resposta veio rápida em forma de um soco, que nem lhe fizera cócegas, em seu ombro.

— Não exagera, Harvey. – Ela murmurou.

Mariana bocejou e, logo, adormeceu. Erick sorriu, encantado, admirando-a dormir até que, finalmente, o sono também lhe venceu.

Erick acordou sorrindo. Mariana estava entre seus braços, ressonando tranquilamente. Ele tinha certeza que sexo de reconciliação melhorava o humor dela tanto quanto o dele e isso o fez sorrir ainda mais.

Ele quis voltar a dormir, mas o barulho que o acordou se repetiu. Coçando a cabeça, ele soltou Mariana e caminhou até a sala, querendo terminar o barulho irritante que se repetia e voltar para sua noiva, adormecida.

Parou, ligeiramente preso em ética ao reparar que o barulho vinha de dentro da bolsa dela. Se seu celular estivesse em qualquer outro lugar, ele atenderia, mas dentro da bolsa dela... Mariana odiava quando ele mexia em suas coisas de mulher e eles haviam acabado de fazer as pazes; ele não arriscaria uma briga.

Antes que ele resolvesse esconder a bolsa dela embaixo de uma almofada do sofá para abafar a música, seu próprio celular apitou, apenas uma vez e ele achou que deveria checar.

O celular de Mariana continuava a tocar de forma irritante, mas Erick o ignorou e caminhou até a bancada da cozinha, onde abandonara seu aparelho e abriu a mensagem.

"Faça tudo que eu ordenar ou ela vai sofrer".

Erick parou e releu a mensagem e o destinatário era um número protegido. Era uma clara ameaça a ela. Ela quem?

Dominado pelo pavor, Erick cruzou o apartamento apenas para parar

à porta do quarto e checar que Mariana continuava ali, dormindo e salva.

O alívio veio por um momento e Erick fechou a mensagem, achando que deveria ser trote. Sua mente vagou de volta ao barulho irritante do telefone tocando. Estava quase cogitando atender o celular de Mariana quando reparou que, agora, o que tocava, era o telefone residencial dos dois.

Correu até ele e retirou-o do gancho:

— Alô? — Ele disse, meio sonolento.

"Harvey!" Ele reconheceu a voz de Alan do outro lado da linha. *"Harvey, onde está a Mariana? Por que ela não atende o telefone?"*

Erick pareceu um bocado mais desperto ao perceber o desespero na voz do futuro cunhado. Ao pensar na mensagem que havia acabado de receber, seu coração disparou.

— Ela está dormindo, Alan — Disse. — O que aconteceu?

Ele ouviu a respiração meio afobada e desesperada de Alan do outro lado da linha.

"É a Lizzie, cara" Alan parecia ter corrido uma maratona, mas Erick parou de notar. Seu coração bateu apressado e, antes mesmo que Alan concluísse a sentença, ele já sabia o que era. *"Ela sumiu!"*

Image

O dia parecia infinitamente melhor quando eu sentia o corpo formigando com os recentes toques de Erick. Era como se tudo que ele fizesse comigo deixasse um rastro de calor e prazer, durando dias até que se findasse.

Mas eram sempre as memórias que me faziam sorrir, que faziam o mundo girar e parecer todo em amarelo e azul, perfeito e alegre.

Preguiçosa, girei-me na cama, procurando pelo corpo maravilhoso e cheiroso do meu futuro marido. Grunhi em descontentamento por não encontrá-lo em lugar algum, mas seu travesseiro estava por ali e, seu cheiro entranhado nele, me pareceu o suficiente por um tempo.

Eu quase havia me esquecido como era acordar depois de uma noite maravilhosa com ele. E eu sabia que isso era nada além de minha culpa.

Era complicado: Eu tinha um homem maravilhoso, lindo, educado, inteligente e todas as coisas mais perfeitas do mundo. Era só pegar qualquer foto nossa e ver a constante destoante entre nós. Alguma coisa no mundo conspirou para o patinho feio, eu, conseguisse ficar com aquele homem.

Eu não questionaria, claro. Eu era quem estava saindo ganhando. O único problema era que todas as mulheres do mundo desejavam Erick e eu não queria perde-lo. Qualquer vestígio de intenção dele em outra mulher me deixava completamente maluca. Principalmente estando nos Estados Unidos, onde o sotaque dele deixava qualquer mulher babando.

Um bando de macacas querendo uma banana.

Erick era meu e eu não ia sair abaixando a cabeça e deixando qualquer uma roubá-lo de mim. Principalmente uma velha rica.

Eu tinha perdido a conta de quantas vezes Erick havia me dito que meu medo era totalmente irreal e que, mesmo que eu quisesse, ele não me deixaria e, no fundo, eu sabia disso porque era da mesma forma que eu me sentia, mas, apesar de tudo, eu não conseguia me controlar. Era mais forte que eu.

Toda vez que eu olhava para Erick, eu tinha a mesma conclusão: Eu o amava tanto que doía só de pensar que eu podia perde-lo. Mesmo que essa fosse uma hipótese distante, doía. Doía porque eu não fazia ideia do que eu seria sem ele. Todo o meu novo eu fora construído ao redor dele e do seu apoio. Era a pedra que me sustentava e se alguém a tirasse dali, eu seria um nada, um vazio... Perdida, completamente sem rumo.

E eu me sentia perdida só de pensar nisso.

O aperto no meu coração me fez abrir os olhos. Nosso quarto ainda mantinha os vestígios da noite anterior, o que me fazia sorrir. O lençol estava quase todo desfarrado por toda a movimentação que fizemos, o que havia me deixado dormindo no colchão puro; a calça de Erick estava jogada por ali por perto e, junto dela, minha calcinha rasgada.

Senti o mesmo formigamento de sempre e suspirei. Em um ataque de praticidade – e querendo saber onde Erick estava -, joguei o edredom para longe e levantei-me, calçando minhas pantufas. Passeei pelo quarto até encontrar meu roupão, jogado por sobre a poltrona, junto com duas gravatas de Erick, enrolando-o em meu corpo nu.

O Sol estava passando por entre as frestas da cortina, convidando-me para sair. Pensei em almoçar fora com Erick, o que nós precisamos fazer e conversar sobre nossa mudança. Arrisquei-me a abrir a cortina e olhar o tempo. Era apenas mais um dia ensolarado de agosto, brilhando e aquecendo nossos corações.

Abandonei a cortina e a janela e caminhei até a porta do quarto, abrindo-a e colocando meus olhos em Erick, sentado à bancada da cozinha, mexendo seu café com desanimo. Ele não percebeu a minha movimentação, então encostei-me ao batente da porta e deixei-me observar.

Se tinha uma coisa que eu realmente conhecia, essa coisa era Erick. Eu sabia tudo sobre ele: Suas manias, seus trejeitos, seus tiques e a

forma como ele mexia o lábio quando contava uma mentira. Por isso, quando eu o observei, eu sabia que havia algo de errado.

Seus olhos estavam bem mais apertados que o normal e manchas escuras cobriam as bolsas logo embaixo dele, o que indicava que ele havia passado uma noite em claro, dormindo muito menos do que eu dormira. Porém, sua boca formava uma linha fina, tensa, e sua testa estava frizada, com três linhas de preocupação formando-se, além da forma com que ele estava mexendo o café, três viradas para a esquerda, uma batida, três viradas para a direita. Erick estava, claramente, preocupado com algum problema que ele não estava conseguindo resolver. E estava se sentindo culpado por isso.

Suspirei, curiosa e preocupada, fazendo-o perceber que eu estava ali. Assim que virou o olhar para mim, seu rosto suavizou-se em um sorriso doce e despreocupado, estendendo a mão para mim.

E era assim, por eu conhece-lo tão bem, que eu sabia que ele me amava tanto quanto eu o amava.

— Ei. — Ele cumprimentou-me, assim que eu entrelacei minha mão na sua. — Bom dia.

Sorrindo, passei meus braços pelo seu pescoço e sentei-me em seu colo, dando-lhe um beijo estalado e sentindo seus braços em minha cintura. E lá estava o sorriso que ele reservava só para mim.

— Bom dia — Eu disse.

Aproveitando que ele estava distraído com a fresta do meu roupão, deixando minhas coxas de fora, roubei o sanduiche que Erick havia deixado em cima da bancada e dei uma mordida considerável.

— Ei! — Ele reclamou, batendo na minha perna, o que significava que ele não estava tão zangado assim para parar de olhar minhas coxas — Faça um pra você!

Eu ri e apenas dei outra mordida no sanduíche.

— Não. Eu e o sanduiche vamos nos unir agora. — Eu disse. — Nós fomos abandonados pelo mesmo homem, precisamos nos manter juntos.

Erick suspirou e eu percebi sua tensão. Olhei-o e ele mostrou-se mais magoado do que deveria com aquela brincadeira.

— Mariana... — Sussurrou. Mas seja lá o que ele pretendesse dizer, ficou preso em algum lugar.

Larguei o sanduiche em cima da mesa e coloquei minhas mãos uma

em cada lado do seu rosto, capturando seus lábios em um beijo intenso e cheio de amor e saudades.

— O que houve, Erick? – Sussurrei para ele. – Não gostou de dormir na cama comigo?

Erick suspirou e esfregou o nariz no meu, docemente. Era incrível como tudo que ele fazia simplesmente me dizia o quanto ele me amava.

— Eu adorei dormir na cama com você... – Ele sussurrou. – Mas acho que passou tanto tempo que eu me acostumei com o sofá.

Joguei minha cabeça para trás, rindo. Erick sorriu e esperou que eu voltasse a encostar minha testa na dele para beijar-me mais uma vez. Acariciei seu rosto, levemente, a barba para fazer arranhando a ponta dos meus dedos. Ele revirou os olhos.

— Eu vou me barbear hoje, está bem? – Ele disse, rendido.

Sorri levemente e rocei meus lábios em toda a linha da sua mandíbula, sentindo sua respiração entrecortada em meu pescoço.

— Está tudo bem – Eu lhe disse. – Assim está bom.

Ele passou os dedos de leve pela sua leve barba, medindo seu tamanho. Ela apenas começara a crescer, mas Erick sabia que ela sempre acabava me incomodando em algum ponto. No momento, porém, eu achava que estava apenas deixando-o mais lindo ainda.

— Você não faz ideia do quanto eu amo você. – Ele disse.

Seus lábios vieram aos meus, tão doces quanto podiam ser, entorpecendo todos os meus sentidos. Suas mãos, em minhas coxas, apertaram-nas como se eu pudesse me esvaecer de seu colo a qualquer momento.

Não, Erick, eu não ia a lugar algum.

— Claro que faço – Eu lhe disse, assim que ele encerrou o beijo e eu pude recuperar meu fôlego. – É o mesmo tanto quanto eu amo você.

Ele sorriu o meu sorriso, o que ele só dava para mim. Dei um beijo estalado em seus lábios e ele suspirou, parecendo ligeiramente triste. Encostou sua testa na curva do meu pescoço e eu acariciei seus cabelos, acalentando-o. Seja lá o que fosse que estava deixando-o assim, parecia sério.

— O que houve, meu amor? – perguntei-lhe. – É do trabalho? Você não foi trabalhar hoje...

Senti o sorriso de Erick. Eu sabia que ele estava tentando esconder que estava preocupado, mas ninguém o conhecia como eu. Ninguém. E

ele não conseguia esconder nada de mim, nunca. Seus olhos me falavam, seu sorriso me falava. Eu simplesmente sabia. Como se Erick fosse um pedaço de mim, separado e fora do meu corpo, que havia se perdido em algum momento.

— Nós podemos conversar sobre isso mais tarde? – Ele questionou-me.

Erick levantou a cabeça, seus olhos azuis marejados ao encontrar-se com os meus. Meu coração apertou-se de dor e eu concordei com a cabeça, sentindo que tudo que ele precisava, naquele momento, era um segundo a mais de normalidade, um momento sem pensar no que o magoava. Beije seus olhos, fazendo-o fechá-los e sorrir docemente.

— Claro... – Murmurei. Levantei-me de seu colo e abri a geladeira, procurando algo para comer. Ouvi-o suspirar e eu tinha certeza que ele estava admirando minha bunda. – Pensei em almoçarmos fora hoje – Disse-lhe. – Pra acertar quando vamos viajar e como vamos fazer sobre tudo. – Voltei-me para ele, segurando pão e queijo. Erick pareceu ligeiramente perdido. – Você ainda quer...?

Como sempre, eu ficava insegura quanto à certeza que Erick era na minha vida. Isso apenas o fazia sorrir, como naquele momento, e me perguntar como eu conseguia ser tão boba.

— Mais que nunca. – Ele respondeu-me, os olhos apertados pelo sorriso largo que ele me apresentava.

Abandonei minhas coisas em cima da bancada, passando meus braços ao redor do pescoço de Erick, sentindo suas mãos em minha cintura, segurando-me contra ele. O beijo era natural, como sempre fora, como se eu e Erick fôssemos, nada mais nada menos, do que duas metades de uma mesma coisa. E eu não duvidava que fôssemos.

Nós havíamos passado por poucas e boas juntos e nossas histórias eram tão parecidas que eu mal conseguia entender como não nos reconhecemos no momento em que nos vimos pela primeira vez. Ou melhor, como eu não o reconhecera, porque Erick me amou desde sempre.

Erick era filho de uma prostituta. Seu pai a contratou quando a esposa ficara grávida. Quando a mãe dele faleceu, o pai de Erick o chamou para morar em sua casa, como empregado. Basicamente a mesma coisa acontecera comigo: Minha mãe era stripper e meu pai dormira com ela em sua despedida de solteiro. Ele sempre me ajudou

financeiramente e quando ela morreu, eu fui morar em sua casa. Na época, ele quisera me assumir, mas teve medo que Kate rejeitasse a nós dois, então preferiu me colocar como empregada.

Assim que eu cheguei na cidade, Erick se apaixonou por mim. Sem jeito, ele foi incapaz de me dizer... Contando à Alan, meu “irmão” de coração, seu melhor amigo.

E foi assim que o pesadelo começou. Théo, meio irmão de Erick, ouvira essa conversa. Como tinha inveja do relacionamento do pai com ele, resolvera tirar-me dele para que ele sofresse. Eu simplesmente não sabia: Théo parecia sempre cavalheiro e interessado. Eu nunca tinha me aproximado de um rapaz daquela forma, sempre tivera medo que eles me vissem como minha mãe. Mas Théo não sabia dela, ele realmente me queria.

E, em algum ponto do relacionamento, Théo me estuprou. E nós dois fingimos que não sabíamos de nada, embora, lá no fundo, eu sempre soubesse. E eu preferi acreditar que Théo era quem me ajudava a superar aquilo, mas, depois que ele provou do fruto, ficou sempre tão distante, tão ausente...

Foi a deixa que Erick precisava. Ele se aproximou tão rápido quanto um cometa, fazendo uma cratera em meu coração e povoando-a de sorrisos arteiros e confiantes e olhares doces. Eu mal conseguia me enganar que não tinha sentimentos por ele.

Foi Erick que me mostrou o tipo de cara que Théo era, que mentia para mim para ficar com outras garotas. E, na mesma noite em que eu me liberei de Théo e suas mentiras, nós ficamos juntos pela primeira vez, como o paraíso na Terra que eu sempre desejara sem saber. Soava como perfeito, se mostrava como perfeito. Mas, como tudo em minha vida, tinha tempo para acabar.

Meu irmão, Alan, na época, não entendia nosso sentimento. Ele estava convencido que era apaixonado por mim. Para melhorar tudo, Alan estava metido com drogas e eu sabia que eu era a única pessoa no mundo inteiro que podia ajudar-lhe.

Eu tive que me afastar de Erick para não magoar Alan. Isso também não demorou muito: Assim que descobrimos como nos encaixávamos, como pertencíamos um ao outro, nada podia nos impedir. E nós conversávamos e nos encontrávamos escondidos. E, em algum momento, em toda a confusão de mandar Alan para a reabilitação e

não deixá-lo saber que eu estava me encontrando com Erick, eu descobri que estava grávida.

Essa era uma das coisas que me assombrava sempre quando eu conseguia ficar relaxada. Aquela gravidez, a qual eu não soubera lidar, era o que me dava pesadelos.

Eu fora uma criança quebrada. Minha mãe não era um exemplo a se seguir e todo o dinheiro que meu pai dava a ela para que eu pudesse crescer sem nada faltando acabava sumindo de suas mãos. Eu só queria que meu filho tivesse tudo que eu não podia ter. E, por isso, eu disse a todos que era de Théo. E mesmo que ele sempre tomasse precauções contra isso, ao contrário das minhas vezes com Erick, ele não duvidou e assumiu a criança.

Erick não acreditou por um segundo sequer. E, pressionando-me, acabou me fazendo querer contar a verdade para todos. Mas antes que eu pudesse, Théo nos pegou juntos. E ele me agrediu. E eu perdi o bebê.

Por mais que eu não estivesse preparada para isso, por mais que eu fosse apenas uma adolescente confusa e despreparada, eu desejava aquela criança. Eu desejava a família que Erick e eu formaríamos, mesmo que essa vida não fosse cheia de facilidades quanto seria com Théo. Seríamos felizes e seria perfeito. Perder aquele bebê foi algo indescritível, o vazio me perturbava até hoje.

Foi no desespero de me ver machucada que meu pai me assumiu. E foi por não prestar queixas contra Théo que o pai de Erick o assumiu. Apesar de dolorida, meu aborto fez com que nós tivéssemos o reconhecimento que desejávamos. E estávamos juntos, com todas as glórias que poderíamos.

Tudo parecia perfeito, embora Lizzie estivesse namorando o garoto que Erick acreditava ser quem me estuprara e Jenna, minha melhor amiga, estivesse com Théo.

Foi na nossa formatura que a bomba inteira explodiu. Lizzie queria dormir com Matt pela primeira vez e tudo que eu desejava era impedi-la. Quando ela desapareceu, nós fomos atrás dela e Erick quase matou Matt, mas a confusão se desfez.

Matt não me estuprara, ele repetira as palavras de quem o fizera. Théo, é claro.

Depois da grande confusão que se formara àquela noite e de Erick

quase matar o irmão, Théo fora preso e seguiu-se um longo processo judicial que nos fazia voar dos Estados Unidos para a Inglaterra umas cinco vezes até que a sentença fosse proferida e meu sono pudesse ser normalizado.

E nunca, nem mesmo por um instante, nem mesmo com todos os meus defeitos e minhas dúvidas, Erick me deixou. E eu era incapaz de amar mais uma pessoa quanto eu amava Erick. Por isso, e por tudo que ele já fizera por mim, eu não aguentei por vê-lo tão triste e preocupado.

— O que há com você, Erick? — Sussurrei-lhe. — Tem alguma coisa te deixando estranho e eu preciso saber o que é. Por favor.

Erick suspirou, encostando a testa em meu queixo, parecendo totalmente rendido. Acaricieei sua nuca, calmamente, tentando relaxá-lo quando, eu mesma, quase tremia de nervoso. Erick era, normalmente, explosivo com seus problemas. Vê-lo destruído, daquela forma, só me deixava cada vez mais assustada com o que poderia ser.

Ele levantou o rosto, os olhos apertados, encostando o nariz no meu e, então, os lábios, apenas por um segundo.

— Eu preciso te falar duas coisas... Muito sérias. — Ele sussurrou.

No segundo seguinte, eu estava afastada dele, o tronco encostado na bancada da cozinha, a respiração ofegante e o coração acelerado. Irrracionalmente, eu apontei o dedo em seu rosto, sob o olhar assustado dele.

— Você. Não. — Eu proferi, entre dentes. — Não. Se você estiver me traindo, Erick...

Erick riu, nervoso, soando bastante esquisito. Ele passou a mão pelo meu braço, alcançando minha própria mão, apontada para o seu rosto e relaxando-a o suficiente para que eu entrelaçasse na dele.

— Mariana, calma, amor. — Ele sussurrou. — Quantas vezes eu vou ter que te dizer que isso nunca vai acontecer?

Deixei-o passar os braços pela minha cintura, mas virei o rosto quando ele tentou me beijar, longe de estar convencida. Havia acontecido com meu pai e ele era o homem mais correto e íntegro que eu conhecia. E como Kate, sua esposa, eu perdoaria Erick, quando e se acontecesse, mas antes ele seria morto.

— Hunf. — Eu murmurei, fazendo-o rir.

O beijo que era para encontrar meus lábios foi depositado em meu pescoço, de uma forma tão deliciosa que amoleceu meu corpo.

Contente com seu intento, Erick escorregou da cadeira, soltando meu abraço e me puxando pela mão.

— Vem — Ele disse. — Vamos nos sentar no sofá.

Mesmo contrariada sobre aonde essa conversa poderia nos levar, eu aceitei quando ele me puxou até a sala por curiosidade. Ele soltou minha mão e sentou-se, primeiro, batendo na almofada ao seu lado para que eu me sentasse ali. Suspirando, percebendo o quão nervoso ele estava, sentei-me.

— Então...? — Questionei, impaciente.

Erick suspirou e olhou-me com seus olhos azuis marejados e assustados.

— A primeira coisa... — Ele suspirou. — Há um ano atrás, mais ou menos, meu pai pagou para libertarem Théo. — Eu estremeci, mais do que eu gostaria, arregalando os olhos. Senti os braços de Erick ao meu redor e, logo, minha cabeça estava posicionada na curva de seu pescoço, seus lábios em minha cabeça. — Eu não quis te contar, achei que te deixaria nervosa por nada, já que nós estamos tão longe de casa que... — Ele se interrompeu, mas a continuação era óbvia “Que ele nunca vai fazer nada conosco”. — Ele pediu para falar comigo, quando sai da cadeia. Eu falei com ele e disse que não queria vê-lo, falar com ele ou qualquer tipo de contato e ele jurou que nunca nos procuraria. Você está bem?

Ele se interrompeu, vendo que eu secava grossas e apavoradas lágrimas, apenas para me recordar que tudo estava bem, que Erick estava ali e que nada aconteceria conosco. Havia um inteiro oceano nos afastando de todos os nossos pesadelos. Quase desejei que não nos mudássemos, agora. E, então, me lembrei que o pesadelo se instalara ali e que a Inglaterra ainda tinha muitas coisas boas para nós dois. Théo era apenas uma memória desagradável e distante.

— Eu... Vou ficar. Obrigada por ter me protegido. — Murmurei, sem saber o que mais poderia dizer. — Você está me contando isso por que nós vamos voltar pra casa agora e acha que podemos encontrar com ele? — Questionei.

Eu olhei para ele e ele mantinha o olhar preocupado e tenso de antes, o que me fazia crer que aquilo não era o que ele tinha para me contar. Mesmo assim, deixei-o me abraçar e me beijar os lábios, acreditando que ele conseguiria me acalmar quando ele mesmo estava

preso em uma bolha de desespero.

— Nós não vamos nos encontrar com ele. — Erick disse.

A firmeza em sua voz quase me fez acreditar que era verdade, mas Erick continuava nervoso, tenso e seus braços, ao meu redor, eram restritivos e protetores, como foram em cada uma das sessões em que eu tivera que sentar-me na mesma sala que Théo e ouvir incansavelmente sobre o que ele me fizera.

Tinha algo muito errado e Erick estava prestes a me contar o que era. O nervoso fazia minha barriga revirar. Erick sentiu-me estremecer e beijou meu pescoço levemente, como se aquilo pudesse me fazer relaxar.

— Então, Erick... — Eu sussurrei, ligeiramente cansada só pelo esforço de tentar tirar o nervosismo de minha voz e não deixar Erick ainda mais preocupado. — Por que você está me contando isso agora?

Erick suspirou fundo e eu sabia que ele queria adiar aquele momento por mais um tempo. Ele estremeceu e eu fiquei ainda mais nervosa. Levei minha mão ao seu rosto, acariciando-o enquanto ele fechava os olhos, curtindo minha carícia. Beije seus lábios e ele correspondeu de uma forma mais voraz do que eu achei que deveria, como se quisesse curtir cada segundo ao meu lado.

Meu coração disparou, correspondendo ao seu beijo, meio sem jeito por não entender o que estava acontecendo. Erick apertou minha cintura e, antes que eu percebesse, estávamos deitados no sofá, ele por cima de mim, respirando pesadamente. Abri meus olhos, sentindo-o me encarar e lá estava: Seu olhar doce e apaixonado, que fazia meu mundo girar e minhas pernas bambearem. Como se mais nada no mundo importasse para ele, apenas eu.

Ele aproximou-se, novamente, depositando um beijo leve em meus lábios e girou o corpo, encaixando-se entre mim e o encosto do sofá. Girei meu corpo, juntando o meu ao dele, nossos rostos próximos, os narizes encostando. Fechei meus olhos, sentindo-o roçar o nariz no meu, a mão em minha cintura, puxando-me de encontro a ele.

— Isso é sobre a segunda coisa que eu preciso te contar... — Ele sussurrou. — É sobre eu não ter dormido.

Levei minha mão ao seu pescoço, esperando-o continuar. Quando ele não o fez, beije seus lábios, sentindo sua tensão refletindo no beijo quase restritivo. Erick não queria mais distrações, ele queria falar sobre

o que era. Apenas não conseguia.

— Está tudo bem... — Eu sussurrei, mesmo entendendo o suficiente para saber que nada estava bem. — Pode falar.

Erick mordeu o lábio, encarando-me com avidez. E, então, ele sorriu, parecendo triste. Sorri-lhe, em resposta, tentando acalmá-lo, sem sucesso.

— Ontem, eu acordei porque seu telefone estava tocando sem parar. — Ele murmurou. — Estava dentro da sua bolsa e eu sei que você odeia quando eu mexo na sua bolsa, então meu plano era abafar sua bolsa com uma almofada e voltar a dormir, mas nosso telefone também começou a tocar... — Erick estremeceu e eu mal conseguia respirar, prestando total atenção em suas palavras. — Era Alan. Estranhei ele ligar tão cedo porque devia ser umas cinco da manhã lá. Ele queria saber... — A voz de Erick falhou e eu procurei sua mão, apertando-a. — Ele queria saber se você fazia alguma ideia de onde estava Lizzie, porque ele não estava conseguindo encontrá-la.

Eu não respirava. Eu não me mexia. Erick apenas me encarava, esperando minha reação. Quando ela não veio, ele continuou.

— Um pouco depois, seu pai me ligou para falar que recebeu uma carta, pedindo resgate para ela. — Ele disse. Eu estremei e ele encostou a testa na minha, apertando os olhos. — Eu não sei se isso está relacionado com Théo, não sei o que está acontecendo, mas... Mari, eu estou aqui com você.

A informação veio rápida demais e demorou para que meu cérebro processasse. Quando ele o fez, meu corpo reagiu de forma esquisita: Empurrei Erick com força, fazendo com que ele segurasse minha mão e me puxasse para um abraço apertado, ao qual eu inundei-nos com lágrimas e gritos frustrados.

Image



Eu não sei exatamente qual foi a ordem em que se sucederam os eventos dos dois dias seguintes, já que minha mente estivera nublada com os mais obscuros pensamentos e tão afogada em preocupação que eu mal me recordava que deveria empacotar ao menos pertences de emergência.

Erick, o tempo todo, fora maravilhoso comigo. Compreensivo, preocupado, carinhoso. Ele empacotou oitenta por cento das coisas que ele achou que eu precisaria. Fez com que eu me alimentasse, me manteve informada... Tudo que eu precisava, Erick estivera lá.

Não estávamos nos mudando ainda, não totalmente. Erick apenas atentou para a minha necessidade de estar perto da minha família. E de poder tocar Lizzie no momento que ela saísse desse pesadelo.

Erick quem organizou tudo: Ele pediu demissão no trabalho, embora não tivessem aceitado sua demissão e, aceitando a situação, acabarem dando férias prolongadas para ele; arrumou nossas coisas e contratou alguém para limpar nossa casa toda semana, até voltarmos.

E foi Erick quem me manteve sã durante esse tempo.

— Amor, você está pronta? — Erick chamou-me, da sala.

Eu não estava pronta. Em algumas horas, eu teria que encarar minha família e parecer forte para ajuda-los. Eu não parecia nem um pouco forte.

Olhei-me no espelho. Eu estava destruída. Desde que soubera do sequestro de Lizzie, eu fora totalmente incapaz de pregar os olhos. Erick também: nós havíamos passado nossas noites em claro, abraçados, assistindo filmes ou conversando.

Eu carregava olheiras profundas e escuras, meu nariz estava constantemente inchado devido a minhas fugidas ao banheiro para chorar. Como eu me apresentaria assim para minha família, querendo parecer forte?

— Mariana? — Erick chamou-me, agora da porta.

Virei-me para olhá-lo, lê me encarando com uma expressão totalmente preocupada. Ele estava infinitamente melhor que eu, como sempre, e mal parecia que não dormia há três dias, uma noite a mais que eu. Erick ainda ostentava sua beleza incomum, sua confiança e todo o seu carisma.

Olhando para ele, eu recordei-me de onde toda a minha força sempre viera: da pureza do amor de seus maravilhosos olhos azuis ao meu olhar.

— O taxi chegou, está tudo bem? — Ele questionou.

Erick se aproximou, colocando a mão sobre o meu ombro. Sua pergunta era totalmente retórica, não havia nada de "bem" acontecendo comigo. Mesmo assim, sorri-lhe o mais graciosamente que eu pude.

— Estou pronta, Erick. — Eu lhe disse. — Podemos ir.

Erick sorriu e beijou a ponta do meu nariz. Sem me esperar, ele deixou o quarto. Suspirei, olhando ao meu redor e logo o segui.

Tentei ajudar Erick com as malas pelo elevador e para fora do prédio, mas sei que eu apenas o atrapalhei totalmente. Mesmo assim, Erick me deixou arrastar uma mala pelo hall, até o carro que nos aguardava.

A viagem até o aeroporto foi, em suma, silenciosa. Erick compreendia, mais que qualquer outra pessoa no mundo, o meu sofrimento: não só por Lizzie estar em algum lugar, passando por toda aquela provação da qual eu nunca desejaria que ela passasse nem ao menos por perto, mas por eu sentir que era minha culpa.

Pelo que mais Théo sequestraria Lizzie senão para a atingir a mim, a garota que o condenara a prisão? Eu estremecia só de pensar que ele pudesse estar fazendo com ela as mesmas coisas que fizera comigo, de forma incansável, sem ninguém para acalmá-la e protegê-la.

Não era o medo que me deixava sem sono e levava lágrimas aos meus olhos. Era a impotência. Eu não podia protegê-la do que estava acontecendo, eu não podia abraçá-la e lhe dizer que tudo ficaria bem.

— Mari, vamos? — Erick acordou-me de meus devaneios.

Sequei uma lágrima teimosa que me escapara, sorri-lhe, triste, e

aceitei a mão que ele me oferecia, ajudando-me a sair do carro.

O motorista já havia retirado nossas malas do carro e as colocado em um carrinho, então Erick apenas pagou-lhe algumas libras a mais do que valera a corrida, abraçara-me pela cintura e empurrara o carro para dentro do aeroporto.

Não havíamos comprado nossas passagens. Erick tinha um amigo que era agente de viagens e ele aconselhara irmos ao aeroporto e perguntarmos pelos voos que sairiam nos próximos momentos, pegando preços super baratos de última hora. Pareceu uma ideia maravilhosa, no momento.

Nós fomos ao aeroporto com a intenção de conseguir passagens para o voo de meio-dia e quinze, mas tudo o que conseguimos foi um:

— O voo está lotado, Sr. Harvey. — A atendente da linha aérea nos informou.

Erick apenas me encarou, eu sentada sobre nossas malas, no carrinho, e beijou-me os lábios levemente ao perceber minha ansiedade, me empurrando para o próximo balcão.

Tentamos quatro voos. Todos lotados ou com preços não razoáveis.

— Ele falou que isso podia acontecer — Erick justificou. — Nós vamos conseguir um voo logo, eu juro. Vou tentar o voo de quatro e cinquenta, ok?

Com isso, ele deixou-me sentada, com um copo de café, batendo meus pés contra a beirada do carrinho, impaciente.

Deixei meu olhar vagar pelas pessoas atarefadas no aeroporto. Eu gostava de olhar as pessoas e imaginar o que se passava pela vida delas, mas, ali, a maioria, eram executivos apressados que não paravam nem por um segundo para checar se seus cadarços estavam desamarrados.

Minha mente logo se voltava para Lizzie. Eu gostaria de saber se ela estava bem, se estava comendo...

Esfreguei minha mão em meu rosto, tomando um gole grande de café para tentar clarear minha mente, mas era totalmente impossível. Tudo que eu fazia, que eu pensava, tudo me levava ao desespero de não saber onde minha irmãzinha estava.

Era até engraçado de se pensar. Quando eu me mudara para a casa de Jack, após a morte da minha mãe, eu a odiava. Eu invejava seus longos e maravilhosos cabelos loiros, sua atenção e todos os mimos

que ela conquistava. Antes que eu percebesse, eu era a que estava mimando-a mais.

Lizzie era uma pessoa maravilhosa. Era doce, decidida, talentosa, amorosa e extremamente companheira. Todos os momentos da minha vida em que eu precisara dela, precisara de um ombro para chorar ou de conselhos, nem sempre muito bons, ela estivera para mim. Mesmo do outro lado do oceano.

E mesmo que nós tivéssemos descoberto nosso parentesco quase tarde demais para criarmos vínculos tão complexos quanto os de irmãos, nós conquistáramos isso e ainda mais além: Nós éramos amigas.

Abracei-me, quase me contorcendo de dor. Meu coração estava mais que pesado, mais que doído. Era uma sensação totalmente indescritível.

Qual era o problema de Théo? Será que ele não entendia que ele já havia me quebrado e me prejudicado de todo?

Eu não conseguia reagir bem a toques de estranhos, até mesmo um simples apertar de mãos era motivo de ansiedade para mim. Eu tinha feito tratamento, um toque especial de Erick na minha vida, e me controlara bem, mas era complicado. Estar em um ambiente jovem, então, era um pouco pior. Nós paramos de frequentar esses ambientes depois de Erick começar a perder a conta de quantas vezes eu perguntava a ele se ele achava que “aquela garota estava fazendo aquilo porque quer”.

Algumas coisas entranham na gente de forma irreversível. Kate me alertara, antes. Nunca passava. Eu sempre me enchia de nojo e de repulsa ao me recordar daquele momento. Não era incomum: Fora minha primeira vez. Era só assistir um programa de fofocas, um filme adolescente, ler um livro... O tópico estava em alta. Era fácil mergulhar naquelas lembranças dolorosas outra vez.

E, então, meu bebê.

Era ainda mais difícil lidar com isso.

Eu era nova e eu sabia que se eu tivesse tido aquele bebê, minha vida com Erick seria extremamente diferente e um bocado mais complicada. Eu não entendia o que era ser mãe, quando aconteceu, eu apenas sabia que eu queria. E todo dia, ao olhar os olhos de Erick, eu apenas pensava que, talvez, nosso bebê tivesse os olhos dele, os olhos

que eu mais amava no mundo todo.

O sentimento era doloroso demais. O vazio, nunca preenchido, o futuro sempre desconhecido. Era menino ou menina? Ele ou ela iria ser estudioso? Gostaria de cereais ou de panquecas no café da manhã? Eram sempre coisas bobas do dia-a-dia que eu me pegava desejando saber.

Nós queríamos aquele bebê. Erick também o desejava. Durante todo o tempo, Erick falava sobre crianças e do quanto ele gostaria de ter. E nada no mundo me deixaria mais completa, mas estivemos esperando o momento certo. Minhas pílulas nos impediam de sequer tentar o momento errado.

Até que eu parara de tomar, dois meses atrás, sem nem sequer consulta-lo. A faculdade terminara, eu não conseguia um emprego... Achei que talvez, ter um bebê, coisa que eu terminantemente desejava, fosse iluminar minha vida.

Mas nada acontecia. Eu já havia feito uns quatro testes e nada de bebês. Nem uma sombra de bebês.

Eu já começava a achar que eu não podia tê-los. Mais um ponto para Théo.

E agora, o que ele queria? Tirar minha irmã? Eu não conseguiria lidar com isso.

Apertei meus olhos com força e abri-os, levemente, procurando por Erick, por seu apoio e seus olhos gentis, mas a visão que tive não fora nem um pouco perto do agradável.

Como uma onça, eu levantei-me do carrinho e me pus a empurrá-lo até onde Erick encontrava-se, apoiado pelo cotovelo, debruçado sobre o balcão, claramente flertando com a atendente, que diabos, a vaca era para lá de bonita.

Desci do carrinho, batendo os meus pés com força no chão e, dando a volta para poder me posicionar para empurrar as malas, trotei até meu galante noivo.

— Ah, vamos...! — Eu o ouvi dizer. — O voo sai em vinte minutos... Sei que você pode fazer um preço melhor.

Ele mexeu o ombro da maneira despojada que ele fazia quando queria mostrar a alguém quanto ele era forte. Parei bem atrás dele e cruzei os braços, vendo até onde aquilo iria. Cerrei os olhos quando a atendente riu, mexendo no cabelo, tentando arrumá-lo melhor.

— Ah, certo... — Ela disse, sorrindo. Anotou algo em um papel que eu sabia que era seu telefone. — Mas não posso fazer por menos de trezentos dólares.

Vi Erick concordar com a cabeça e, então, ele se voltou em minha direção, já fazendo sinal positivo com a mão. Ao me encontrar logo atrás dele, com uma expressão assassina no rosto, seu sorriso se extinguiu e ele engoliu a seco. Voltou novamente para a atendente, que nada estava entendendo, levantando dois dedos para mostrar a ela.

— Duas, por favor. — Erick pediu. Inesperadamente, puxou-me pela cintura. — Amor, onde estão seus documentos?

Com um sorriso vitorioso, eu entreguei meus documentos a ela, que me encarava com cara de bunda, totalmente emputecida.

Ela começou a fazer nossas fichas vagarosamente, perguntando informações basicamente importantes. E, surpreendendo-me, questionou algo que eu não me recordava de ter que responder nos últimos formulários de passagens de avião.

— Estado civil?

A raiva me subiu pela garganta por tamanha audácia de paquerar Erick na minha frente. Minha vontade era voar no pescoço dela e socá-la até ela ter um monte lenta, dolorosa e sangrenta.

— Solteiro — Erick respondeu, parecendo inocente.

— Noivo — Eu corriji-o, automaticamente.

Erick não havia percebido o que a garota estava fazendo, mas ele claramente entendia que eu estava morta de ciúmes porque ele me encarou com um sorriso esperto no rosto.

— Não acho que “noivo” seja estado civil, Mariana — Ele disse, ainda sorrindo. — Se você queria alterar isso, podia ter se casado comigo há dois dias atrás.

Revirei os olhos para seu comentário, mas aquela resposta fora o suficiente para dar um banho de gelo na garota.

— Sim para o casamento, não para Vegas. — Eu disse. — Achei que tinha sido clara.

Erick deu um sorrisinho de lado ao ver que eu estava amolecida e satisfeita. A atendente, por outro lado, estava quase soltando fogo pelas ventas ao perceber que havia perdido totalmente a cantada.

Dez minutos depois, ela ainda nos prendia com perguntas e tecladas em seu terminal. Minha paciência estava por muito menos que um fio e

eu comecei a bater os pés no chão com força. Erick logo reparou em minha movimentação e, então, olhou para meu rosto. Suspirou e se voltou para a atendente.

— Er... — Ele murmurou. — Nós não queremos perder esse voo, se você não se importa...

Ela levantou a cabeça do terminal, sorriu falsamente, me fazendo cerrar os olhos em sua direção, respirando fundo para não falar algo indevido e jogar todas as minhas frustrações em cima dela. Finalmente, apenas cinco minutos antes da hora em que o voo estava marcado, ela imprimiu as passagens e, por Deus, o check-in junto.

— Boa viagem. — Nos disse, ainda com o sorriso para lá de falso.

Erick procurou meu olhar, parecendo ligeiramente desesperado, arrancando as passagens da mão da atendente com uma brutalidade repreensível.

Apenas cinco segundos depois, eu estava de volta à pilha de malas, sentada em cima enquanto Erick empurrava o carrinho em alta velocidade pelo aeroporto em direção ao nosso portão de embarque, com nós dois às gargalhadas, como se nenhum de nossos problemas existissem e estivessem à milhas de distância.

— Atrasados! — Erick declarou assim que nós alcançamos o portão de embarque do nosso voo.

Com um pouco de sorte, o segurança designado para nossa vistoria já nos conhecia de tanto que nós viajávamos para casa em todo feriado. A checagem fora apenas para que ninguém achasse que ele não estava checando e durou míseros segundos.

Faltavam apenas dois minutos para fecharem os portões.

As duas moças pegaram as nossas passagens, rindo do jeito afobado que Erick agarrou nossas malas e marchou decidido, quase correndo, para embarcar, comigo em seu encalço. A porta do avião fechou-se assim que nós a cruzamos, ainda rindo da experiência. Procuramos por nossos lugares e Erick guardou nossas malas enquanto eu me sentava ao lado de um senhor de meia idade, parecendo entediado. Erick logo ocupou o lugar ao meu lado.

Eu estava fechando o meu cinto, o aviso já apitando para que eu fizesse, quando eu reparei nos movimentos de Erick e estranhei. Ele esticou o corpo de forma estranha e tirou algo do bolso de trás da calça, voltando a se sentar.

Admirei-o por um momento, absorvendo a informação: Erick estava desligando o celular. Ele me olhou e sorriu levemente ao me encontrar encarando-o.

— Que foi? – Ele perguntou-me, inocentemente.

Ele já estava aproximando-se para me beijar, achando que era um de meus momentos de devaneio, onde eu ficava encarando-o e pensando no quão lindo ele era, quando se interrompeu e percebeu que eu estava em choque. Pegou minha mão e apertou com força, os lindos olhos azuis nos meus.

Minha mão apertava a bolsa com força, como se o ato fosse conseguir impedir o que eu teria que fazer para poder voar.

— Não... Não posso desligar... O celular – Eu gaguejei – E se meu pai tentar me ligar para falar algo sobre Lizzie? Eu não posso.

Erick sorriu lindamente e levou minha mão aos seus lábios. Com a mão livre, ele tentou tirar minha bolsa de meu colo, mas eu a segurei com força e a puxei de volta, junto com minha mão que estivera em seus lábios. Pateticamente, eu agarrei minha bolsa contra o meu corpo.

— Meu amor, você precisa desligar pra poder estar mais perto das notícias... – Erick sussurrou, mas ele não parecia exatamente convencido disso. – E seu pai não vai ligar pra gente, ele sabe que a gente vai estar voando...

Os argumentos de Erick eram fortes, mas eu estava entorpecida pelo medo de perder alguma coisa. Antes que eu percebesse, meu lábio inferior começou a tremer e eu me debulhei em lágrimas desesperadas, agarrando minha bolsa com força. Erick tentou me acalmar, passando a mão pelo meu cabelo (enquanto ainda tentava tirar minha bolsa de mim).

— Ei! Aeromoça! – Ouvi o cara ao meu lado chamar. – A garota aqui está tendo um ataque de pânico porque não quer desligar o celular. Manda ela sair do avião!

Vi Erick quase mata-lo com o olhar, antes que uma aeromoça parasse em seu lado e agachasse levemente, tentando ser um pouco mais discreta, em vista que todos os passageiros tinham os olhos sobre nós, no momento.

— Oi. – Ela cumprimentou. – Ela tem pânico de avião? Vocês podem descer e pegar o próximo, enquanto esperam ela se acalmar.

Erick negou veementemente e, puxando com força, finalmente

conseguiu tirar a bolsa de mim. Chorei um pouco mais desesperadamente enquanto ele me abraçava e tirava o celular.

— Não, desculpe. Não é pânico de avião. — Erick murmurou. — A irmã dela foi sequestrada, estamos voltando pra Inglaterra pra ela ficar mais perto da família... Ela só está com medo de ficar sem notícias enquanto estamos voando.

Dito isso, Erick olhou ameaçadoramente para o meu vizinho de assento, que se encolheu, sentindo-se meio culpado. O braço de Erick era acolhedor, ao redor de mim, embora nossas poltronas não fossem exatamente confortáveis.

A aeromoça me olhou, meio que com pena e, então, voltou a encarar Erick.

— Eu posso conseguir um calmante para ela. — Ela ofereceu. — Acredito que a faça dormir a viagem inteira.

Erick encarou-me por alguns momentos, colocando uma mecha de cabelo rebelde atrás de minha orelha. Eu estava tentando controlar meu choro, sem muito sucesso, em vista da atenção que eu conquistara de todos os meus companheiros de voo.

— Tudo bem? — Ele perguntou. — Vai ser bom você dormir um pouco...

Mesmo contrariada, eu concordei com a cabeça, sabendo que eu estava descontrolada demais e que eu estava atrasando o voo. Não demorou nem um pouco até que o remédio estivesse em minha frente. Suspirei e encarei Erick, que apenas concordou com a cabeça, me incentivando.

Tomei o comprimido rapidamente. Ainda percebi Erick fazendo carinho em minha nuca e a leve inclinação do avião quando ele decolou. O resto da viagem foi um borrão de sono sem sonhos.

— Amor... — Ouvi a voz de Erick em meu ouvido e, então, uma mordidinha leve me fez estremecer. — Chegamos... Vamos, acorde.

Abri meus olhos, levemente entorpecida, mas desperta o suficiente para me por de pé sozinha. Erick segurou-me em meu braço quando eu cambaleei levemente e eu sorri para ele, agradecida.

— Você está melhor? — Erick questionou-me, assim que me viu ligeiramente desperta.

Sorri, mesmo aquela não sendo a minha vontade. Erick estivera tão ocupado em me deixar bem que talvez eu pudesse fingir um pouco

sobre isso. E também estava um bocado mole por causa do calmante, então meu rosto não corresponderia a sinais normais.

— Sim. — Respondi.

Erick sorriu lindamente e me ofereceu sua mão para me ajudar a levantar. Aceitei-a de bom grado, segurando bem firme nele ao sentir minhas pernas bambas, ainda sob o efeito do calmante. Erick riu e passou o braço ao redor de minha cintura.

— Acho que ainda não – Ele disse, antes de dar um beijo estalado no topo da minha cabeça.

Sem tirar a mão da minha cintura, Erick tentou retirar as malas do bagageiro, sem muito sucesso. A minha mala, a que ele tentou resgatar primeiro, acabou caindo no chão, fazendo um barulho desagradável que provavelmente teria me feito gritar com Erick por uns dois dias se eu estivesse bem, mas, como eu ainda estava meio drogada, o barulho apenas chamou a atenção da mesma aeromoça que me oferecera o calmante.

— Quer que eu a acompanhe até a saída enquanto o senhor pega as malas? – Ela questionou, prestativa.

Erick suspirou, parecendo aliviado, como se um enigma estivesse se solucionando à sua frente. Eu sorri, um pouco nervosa com a companhia da aeromoça, mas ela teve a paciência de aguardar até que Erick pegasse e equilibrasse as malas para nos acompanhar, na esperança que eu me acalmasse.

Enquanto a aeromoça me guiava para fora do avião com a mão na minha cintura e um Erick estabonado e reclamão atrás de nós, eu percebi que nós éramos os últimos a bordo. Suspeitei que eu havia dormido demais e Erick, como sempre, esperara até o último segundo para me despertar.

Era incrível como ele me fazia amá-lo mais a cada gesto... O que devia ser impossível, mas ele conseguia.

Alcançamos o ambiente das esteiras e Erick abandonou as malas aos meus pés, saindo de perto para pegar um carrinho. A aeromoça, então, voltou-se para mim com um sorriso doce.

— Bom, é aqui que eu deixo você. – Ela sorriu e pegou minha mão, apertando-a. – Eu desejo toda sorte do mundo para você resolver o problema com a sua irmã, okay?

Mesmo desconfortável com o toque indevidamente íntimo dela, eu me

emocionei com suas palavras, seu desejo sincero pela recuperação de Lizzie, mesmo não conhecendo a mim, muito menos a ela. Sorri, encantada.

— Obrigada. — Disse, simplesmente, incapaz de achar qualquer outra coisa melhor para dizer.

Erick se aproximou naquele momento, fazendo um barulho desnecessário ao freá-lo à nossa frente (garotos e seus brinquedos). Ele começou a colocar as malas sobre o carrinho e a aeromoça, com um sorriso, deu-lhe um tapinha de despedida no ombro e se afastou.

— Vem! — Erick disse.

Sem aviso ou cerimônia, Erick pegou-me pela cintura, levantando-me do chão e colocando-me sobre a pilha de malas. Balancei a cabeça negativamente, rindo leve como se não houvessem problemas em nossas vidas, enquanto Erick me empurrava pelo desembarque, até nos depararmos com uma plaquinha escrita “Harveys”. Revirei os olhos, virando-me para olhar para ele, que ostentava o mais belo dos sorrisos.

— Nós não nos casamos ainda, Erick. — Eu disse-lhe, sorrindo tola.

Erick deu de ombros, mostrando claramente que pouco se importava com aquele detalhe. E, só para confirmar, ele curvou-se, capturando meus lábios nos seus, apenas por um segundo.

— Dane-se — Disse, por fim.

O motorista que fora nos buscar era funcionário do pai de Erick. Embora eu esperasse ver um rosto conhecido, era óbvio que nosso motorista provavelmente estava devidamente ocupado e o Sr. Stuart fora bem simpático, nos cumprimentando e perguntando pela viagem assim que nós o alcançamos.

— Está menos zozona? — Erick questionou, quando o Sr. Stuart se posicionou para empurrar o carrinho.

Percebendo que aquela era minha deixa, eu concordei com a cabeça, aceitando a mão que Erick me oferecia para me ajudar. Ele me abraçou instantaneamente, dando-me um beijinho atrás da minha orelha e me ajudando a não tropeçar em meus próprios pés a caminho do carro.

Quando Erick abriu a porta do carro para mim, eu sorri de leve ao ver o volante do lado *certo*. Erick logo ocupou o lugar ao meu lado e reparou no ar mais leve que eu emanava.

— O que foi? — Questionou-me, automaticamente.

Dei de ombros, escorregando pelo banco do barro até que minha cabeça encontrasse seu peito e seus braços fortes me envolvessem em um abraço protetor.

Suspirando, vendo o motorista entrar no carro e dar partida, a cidade pela qual eu sempre fora apaixonada passando pela janela de uma forma mais rápida do que eu gostaria para poder admirá-la.

— É bom estar em casa. — Respondi-o.

Image

Era uma situação quase constrangedora, embora eu tivesse quase certeza de que essa não era a palavra certa para descrever aquela sala. No mínimo, era estranho e confuso.

Casa. Estar em casa, finalmente. Estranho era a palavra para aquele desejo e a sensação de estar completa, estando ali, quando eu passara tanto tempo odiando aquele lugar com todas as minhas forças. Só depois de ter sido aceita, como parte da família, eu passara a me sentir realmente bem ali e a adorar aquele lugar, mas ainda era estranho.

Agora lá estava eu, tão desconfortável quanto quando lhes servia o jantar. Era tão esquisito que doía, como se o que nos mantivesse unidos e contentes fosse Lizzie e seus longos cabelos loiros brilhantes, balançando pelo ambiente, trazendo vida ao lugar.

Era isso. A casa estava morta sem ela.

Éramos nós cinco: Eu, Erick, Alan, Kate e Jack, sentados nos sofás da sala, sem conseguir construir uma conversa decente e agradável. Estávamos todos quebrados e destruídos de uma forma tão surreal que fingir que estávamos felizes com nosso reencontro acabava não soando muito bem.

Não era que não estivéssemos com saudades; nós estávamos. Cada abraço dado nos membros da minha família fora apertado, cheio de lágrimas e fizera doer meu coração de tanto contentamento em estarmos perto de novo, mas ali estávamos nós, chorosos e descontentes, pois nos faltava um pedaço.

E, apesar de tudo... Era muito bom estar em casa.

Enquanto nos encarávamos com sorrisos desconfortáveis no rosto, pus-me a admirar a todos com cuidado. Erick, o mais próximo possível de mim, como sempre, mantinha o braço ao redor de meus ombros, sentado displicentemente no sofá, tentando parecer calmo e despojado o suficiente para que isso acabasse espelhando em mim. Ele era apenas a coisa mais maravilhosa em todo o universo.

Na poltrona ao nosso lado, Alan estava completamente destruído. Toda a confiança que ele adquirira desde que parara de usar drogas havia se esvaído e seus ombros estavam caídos em extrema derrota. Ele se mantinha curvado, as mãos juntas e os cotovelos apoiados na coxa, como se quisesse falar algo, mas não conseguisse encontrar coragem para tal. Como eu, ele tinha olheiras de quem não dormia há dias, embora as minhas estivessem bem menos acentuadas pelas horas de sono provocadas pelo calmante.

Em frente a mim, no sofá de três lugares, estavam Jack e Kate e, sem menor sombra de dúvidas, eles eram a expressão do desespero. Jack, sempre tranquilo, tentava manter a expressão serena. Talvez porque, se ele se alterasse, a casa toda explodiria em um caos alarmante. Porém, seus olhos, sempre tão límpidos e expressivos, me informava o quão perto do colapso ele estava. E mesmo com a dor estampada em cada musculo de seu corpo, ele permanecia forte e protetor... Para Kate.

Kate era a dor. Seus olhos não conseguiam continuar secos, embora, na maior parte das vezes, as lágrimas não corressem pelo seu rosto. Seu cabelo loiro, sempre tão arrumado, estava emaranhado e cheio de nós, o que já dizia o quão mal ela estava, mas sua calamidade estava longe de terminar por aí. A roupa estava amassada, o rosto pálido, as olheiras... Seus lábios, porém, estavam extremamente avermelhados, não por maquiagem, mas pelas diversas vezes que ela os mordiscava para conter as lágrimas. Minha madrastra nunca merecera nada daquilo. Embora geniosa, era amável. E estava completamente arrasada.

— Não faz sentido. — Jack murmurou, interrompendo minhas análises. Eu já estava concordando com a cabeça quando ele continuou, mostrando que eu não fazia ideia do que ele estava falando. — Vocês já são adultos, não vou esconder isso de vocês. — Ele se levantou, tirando um papel do bolso de trás da calça e jogou-o na

mesinha de centro. – Recebemos uma carta hoje. Eles querem quinze milhões de libras.

O silêncio que se seguiu a fala de meu pai foi desesperador. Mal notei que minha respiração havia acelerado de tal forma a ganhar a atenção de Erick o suficiente para que sua mão procurasse a minha e a apertasse com força, querendo me passar um pouco de tranquilidade. Kate estava, novamente, segurando as lágrimas e meu pai, com um suspiro cansado e derrotado, voltou a se sentar ao lado dela, puxando-a para seus braços, onde ela se acalentou como se fosse apenas uma menininha assustada.

Fora Alan que cortara o nosso fúnebre silêncio.

— Quanto nós temos? – Questionou.

Jack mordeu o lábio, Kate aos prantos de tão nervosa. Solucei, tentando ficar calma, e foi o suficiente para que Erick me puxasse pela cintura e me abraçasse, em uma posição quase semelhante a Jack e Kate.

— Um pouco mais que cinco, talvez. – Jack respondeu. – Não muito mais que isso... Mas nós temos isso em bens... Só temos que arrumar algum jeito pra vender algumas coisas... – Ele suspirou. – Qualquer coisa, nós tiramos algum dinheiro em empréstimo, mas vai tudo ficar meio apertado a partir de agora. – E, em tom de brincadeira, quase que como se pudesse aliviar a tensão, ele continuou: — E nem pensem em me pedir mesada!

Eu acabei rindo, anasaladamente, o que fez Erick relaxar um pouco no aperto que ele mantinha ao redor de mim. Mas, antes que eu pudesse me conter, meus pensamentos foram rodear formas de como conseguir todo aquele dinheiro que faltava para recuperar Lizzie. Foi, então, que eu me lembrei:

— Nós temos dinheiro. Um milhão e alguma coisa. – Eu soltei.

Jack encarou-me, meio chocado com a quantidade de dinheiro, mas minha preocupação maior fora Erick, que ficou instantaneamente tenso, apertando minha mão com força, como se quisesse falar algo.

Eu sabia que tinha feito algo extremamente errado no impulso. Não por ter oferecido o dinheiro, mas por não ter perguntado à Erick antes, embora eu soubesse sua resposta. Aquele dinheiro fora economizado e soado aos montes, de todas as nossas mesadas, dinheiro para faculdade e estágios. Tão acostumados, como éramos, a não ter muita

coisa, nossas mesadas sempre foram exorbitantes para nós e desde que começamos a morar juntos, nós propusemos a juntar cada centavo supérfluo – e às vezes, não tão supérfluo assim – para comprarmos uma casa, tão grande quanto nossos sonhos.

— É a minha irmã – Eu disse à ele, desesperadamente, tentando justificar tudo.

Mesmo tenso, Erick suspirou e sorriu. Naturalmente, ele deslizou até que seus lábios estivessem nos meus, apenas por alguns segundos porque estávamos em frente ao meu pai e Erick sempre teve um pouco de medo dele.

— Eu sei, tudo bem. – Ele disse.

Eu sabia que não estava nada bem e que Erick não havia gostado nem um pouco da situação, mas estava tentando e se esforçando ao máximo para aceitar.

Depois disso, a gente logo arranjou um jeito de ir para casa. Eu estava meio sem graça e Erick estava sem muita paciência. Dissemos que estávamos cansados da viagem, o que, no meu caso, não era bem verdade, já que eu dormira a viagem inteira.

O motorista de Erick ainda nos esperava, com nossas malas, para nos levar a casa dele. E, durante toda a viagem, Erick permaneceu calado e pensativo, coisa que não quis interromper. Confesso que me senti um bocado culpada por ter oferecido o dinheiro sem lhe consultar, mas sua reação e falta de compreensão estava me deixando cada vez mais zangada.

O que eu fiz foi simplesmente continuar namorando a minha cidade. Eu quase tinha esquecido o quão bonito era durante a noite, com todas aquelas mansões iluminadas e as árvores e tudo mais. Eu simplesmente adorava aquele lugar e nem tinha me tocado do quanto.

A viagem, devido à pouca distância, não durou mais que dez minutos. Arrastei-me para fora do carro, apenas para notar a mão de Erick estendida para me ajudar a sair. Encarei-o, meio receosa, mas aceitei. Ele, logo, enlaçou minha cintura.

Toda vez que eu pisava no gramado dos Ward's, eu me sentia fora de contexto. Aquele lugar me trazia memórias boas e memórias ruins, mas como na maioria das vezes, Erick me arrastava para sua casa, tudo acabava ficando bem.

Exceto que, daquela vez, Erick me arrastava para a casa grande.

Travei aos degraus da entrada, fazendo com que Erick parasse, meio passo à minha frente e voltasse para mim, para me encarar. Ele estava prestes a discutir comigo, quando viu meus olhos arregalados de susto, encarando a porta à minha frente. Isso o fez suspirar e acariciar meu rosto.

— Eu só preciso falar com meu pai – Ele murmurou. – Você sabe... Oi, estou aqui e tudo mais.

Sorri, nervosa. Fazia anos que eu não entrava na casa grande e todas as minhas memórias daquele lugar eram desagradáveis e eu gostaria de mantê-las afastadas de mim. Mesmo assim, concordei com a cabeça e deixei que Erick tocasse a campainha, tentando parecer firme e decidida ao seu lado.

Mas a quem eu estava tentando enganar?

Meu corpo inteiro tremia de nervoso quando uma empregada finalmente abriu a porta, saudou Erick e nos pediu para entrar. Ela pediu que nos acomodássemos na sala, mas ao perceber meu estado, Erick preferiu que ficássemos no hall, em pé, apenas aguardando a primeira oportunidade para sumir dali.

Ouvimos uma palma animada e, então, Christopher surgiu pelo corredor, com um sorriso maior que seu rosto. Os anos faziam bem, sempre, ao senhor Ward. Embora já estivesse quase chegando aos sessenta, ele era bem conservado. Também ganhara uns quilinhos a mais, deixando-o com uma cara de bondoso e amável, mais longe impossível de sua própria personalidade. Por isso que não era bom julgar um livro pela capa.

— E o bom filho à casa torna. – Ele disse, saudando Erick com um tapinha no ombro, fazendo com que Erick soltasse-me para que ele pudesse abraça-lo. Subitamente, senti frio e abracei-me, deslocada. – Embora não seja a melhor das situações... – Ele, então, virou-se para mim, sorrindo e parecendo bem mais maleável do que realmente era. – Sinto muito pela sua irmã... Eu vou ajudar da maneira que puder porque... Bom... – Ele pareceu realmente sem jeito e Erick, ao perceber meu desconforto, voltou a passar o braço pela minha cintura. – Eu gostaria de dizer que Théo não tem nada a ver com isso, mas eu não posso. Tentei ligar para ele assim que soube da sua irmã, para ter certeza que não era ele, mas ele não me atende, não responde meus recados... – Cuidadoso, o Sr. Ward se aproximou e segurou minha mão,

calmamente, provavelmente ciente de minhas dificuldades com toques. – Eu cometi um erro terrível ao ajuda-lo a sair da cadeia. Achei que ele tinha mudado, parecia mudado, e eu só queria que ele tivesse uma segunda chance de fazer as coisas direito. Como pai, eu estive cego. Espero que você possa me perdoar.

Mordi meu lábio, com lágrimas nos olhos. Eu já tinha escutado, incansavelmente, que ele gostava de mim por eu ser forte, decidida e sabe-se-lá-mais-o-quê, mas nós sempre tivéramos nossas diferenças e eu nunca tinha acreditado nas palavras de Erick. Ali, agora, eu podia ver, pela primeira vez, que por trás das farpas trocadas, o carinho dele era genuíno. Ao menos em meio à problemas, o que era mais do que eu poderia pedir.

Concordei com a cabeça, sem encontrar palavras certas para dizer. Ele levou minha mão aos seus lábios e a beijou carinhosamente, me fazendo sorrir de leve. Erick beijou o topo da minha cabeça.

— Você a destruiu, pai – Ele brincou. – O que eu vou fazer com ela agora?

Eu ri e o som saiu meio esquisito porque tudo o que eu queria era chorar. Erick apertou de leve minha cintura e o Sr. Ward achou que aquele era um bom momento para mudar de assunto.

— E o trabalho, filho, como vai? – Ele questionou.

Erick respirou fundo, soltando-me para pegar minha mão, seguindo o pai que fazia o caminho para sala. A visita, que era para ser curta, acabara ganhando um rumo que talvez demorasse um pouco mais, mas eu não estava me sentindo tão desconfortável quanto das últimas vezes. Na verdade, estava mais tranquilo que em casa, onde o assunto não giraria em torno de Lizzie, agora que Christopher demonstrara sua afeição por mim.

— O de sempre, você sabe – Erick revirou os olhos e eu pude ver porque ele virara de frente para mim, sentando-se ao sofá. Ele deu dois tapinhas no assento ao seu lado, convidando-me a ocupa-lo, o que eu logo fiz, voltando a me aconchegar nele. – Muito trabalho, nenhum reconhecimento, pouco dinheiro...

Cerrei os olhos para Erick. O salário dele era bem legal, apesar de não, exatamente, nos manter sem a nossa mesada, em alguns meses mais complicados. Mas eu sabia que aquela era a maneira de Erick voltar a trabalhar com o pai sem pedir seu emprego de volta.

— Já falei pra você, Erick — O Sr. Ward começou e eu sabia que Erick tinha conseguido o que queria. — Que, no momento que você quiser, a empresa te aceita... E eu tenho certeza que posso te colocar como segundo no comando. Até porque, seu velho aqui está ficando cansado e posso querer me aposentar em breve. Você sabe que tudo vai ser seu, não sabe?

Pela cara de Erick, ele não sabia. Eu já tinha pensado sobre isso, é claro. Afinal, por mais que Christopher quisesse deixar algo para Théo, ele não lhe daria a empresa. Nem a casa. Nem as coisas maiores e mais caras. Se eu entendia um pouco sobre o Sr. Ward, ele apenas deixaria o suficiente para que nada faltasse à Théo e, talvez, instruções para que Erick auxiliasse-o, se fosse necessário.

— Que, isso, campeão? — Christopher indagou, ao ver a cara de pasmo que Erick fazia. Sorri de lado ao “campeão”. Era sempre delicioso ver que Erick conquistara o pai da forma que ele sempre quisera. — O que você achou que eu poderia fazer?

No fundo, eu achava que Christopher gostava mais de Erick porque ele não tinha pretensão alguma. Era essa inocência, doce, para as coisas do pai que o diferenciava tanto de Théo. E por se afastar tanto do irmão, tão propenso a decepcionar, que ele acabava conseguindo qualquer coisa do pai. Qualquer coisa.

— Eu... Só... Hm... — Erick parecia engasgado, então eu sacudi-o, com um sorriso no rosto. Ele me encarou, sorrindo de leve. — Não tinha pensado, exatamente, sobre isso.

Christopher balançou a cabeça, com um sorriso leve no rosto. Levantou-se, indo até a estante da sala e pegando uma pasta-fichário, abarrotada de papéis.

— Vocês jovens acham que seus pais são eternos — Ele murmurou. — Mas não são. Eu aprendi isso bem novo. Espero que vocês dois aprendam isso bem mais velhos que eu. — Ele pareceu distraído, folheando a pasta e caminhou até nós dois, fechando-a no caminho. — O que você acha da minha proposta? Porque eu estou precisando de ajuda nisso aqui — Ele sacudiu a pasta — E não consigo pensar em ninguém melhor que você.

Erick aceitou a pasta, meio receoso e eu vislumbrei algumas coisas, quando ele a abriu, embora eu não entendesse quase nada. Era, obviamente, sobre um contrato de festivais de show, algo que parecia

ser bem lucrativo.

— Na verdade... — Erick sussurrou, assim que leu o suficiente para saciar sua curiosidade. Ele olhou para mim, com um sorriso e eu concordei com a cabeça. — Nós já estávamos pensando em voltar para cá. Mas, bom, as coisas aconteceram rápido demais e ficou muita coisa em casa e eu meio que estou de férias no trabalho...

Christopher riu como se aquelas fossem todas questões fáceis de resolver: e eram.

— Nós mandamos alguém nos Estados Unidos para empacotar suas coisas. Tenho certeza que vamos encontrar funcionários querendo conhecer Boston de graça. — Ele riu. — E quanto ao seu trabalho, ligue para eles e diga que você vai assumir seu cargo de vice-presidente na empresa do seu pai. Faça questão de falar “Ward Co”. e ninguém vai questionar você.

Os dois estavam sorrindo de lado. O mesmo sorriso. Aconchegada no abraço de Erick, eu podia perceber o peso que saía de seus ombros quando ele suspirou. Sabia que, agora, ele estava se sentindo em casa como eu me sentira assim que eu havia pisado em Londres.

— Quando eu começo? — Perguntou.

O Sr. Ward riu, adorando o amor que Erick tinha pelo trabalho. Eu sabia que ele já estava louco para mexer em todos aqueles papéis incansavelmente.

Alguns momentos mais tarde, nós tomamos nosso caminho para casa, Erick com o peito estufado, a pasta debaixo de um braço e o outro ao redor da minha cintura. Parecia um momento perfeito para ele.

Entramos no corredor entre a casa e a garagem e, assim que eu pude ver a nossa casa, eu sorri e desvencilhei-me de Erick, correndo até a porta. Arranquei meus sapatos, girando a maçaneta, quase sem poder me conter.

Entrei pela cozinha, girando, olhando tudo com um sorriso. Erick entrou, segundos mais tarde, emburrado, abandonando a pasta sobre a mesa.

— Eu amo esse lugar — Eu disse, como sempre dizia quando entrava nela.

Erick balançou a cabeça negativamente, indo até a geladeira para checar se havia algo para comer. Assim que ele encontrou nosso jantar e colocou sobre a pia, ouviu-o murmurar, quase que como não fosse

para que o escutasse.

— É bom mesmo, já que agora ficaremos com *isso* mais tempo.

Eu parei de checar todos os detalhes da casa para virar-me para ele e encará-lo, chocada. Ele arregalou os olhos, percebendo que eu o escutara e parou de mexer na travessa de macarronada para me olhar.

— Você está sendo totalmente injusto – Eu disse. – Tudo bem se seu irmão é um grande idiota e que você não faria por nada, mas e sobre Lizzie? Eu deveria não ajudar, podendo?

Ele fechou os olhos, impaciente, e passou os dedos pelo cabelo, como sempre fazia quando ficava nervoso.

— Eu, sei, eu entendo – Disse. – Eu só não gosto dessa casa e queria algo melhor para nós dois. Você sabe como foi complicado guardar todo esse dinheiro.

Eu já estava com lágrimas nos olhos, mesmo com sua explicação calma sobre seus motivos. Eu não os entendia. Ele não me entendia.

— Você não entende – Eu lhe disse. – Se fizesse, você não estaria me dizendo que uma casa é mais importante que minha irmã.

Antes que eu chorasse, antes que ele pudesse retrucar, eu virei-me e bati meus pés para fora da cozinha, enfiando-me no banheiro e batendo a porta com força. Solucei, voltando a chorar, não só pela briga com Erick, mas por todas as coisas que eu não conseguia controlar. Minha vida estava se tornando um carrinho desgovernado, descendo na contramão e não havia nada que eu pudesse fazer.

Para abafar meu choro, eu arranquei minha roupa e liguei o chuveiro, enfiando-me debaixo da água quente, misturando-a com minhas lágrimas. Encostei minha cabeça na parede e chorei até que eu me sentisse aliviada o suficiente. Não foi muito tempo, mas eu consegui respirar.

Assim que eu achei que estava pronta para começar a me ensaboar, eu ouvi a porta do banheiro ser aberta. Na minha raiva, eu apenas a bati, esquecendo de trancá-la.

Eu segurei minha respiração pelos longos segundos que se passaram até eu ouvir a porta do box se abrir. De costas para a porta, eu apenas virei meu rosto para ele, tentando mostrar meu desagrado, mas acabei percebendo que ele estava nu e que estava encarando minhas nádegas de forma indiscreta.

Antes que eu pudesse me esgueirar para fora do box, ele me abraçou

por trás, encaixando-se em mim, os lábios encostando-se de leve em meu pescoço, como ele sempre fazia quando queria me convencer de algo porque ele sabia que sua melhor chance era ali.

— Eu não quis dizer aquilo, você sabe... — Ele murmurou em meu ouvido, mordiscando o lóbulo da minha orelha. Minhas pernas bambearam, mas Erick mantinha-se firme, segurando-me pela cintura. — Eu amo muito sua irmã e nunca negaria isso. Mas você sabe o quanto eu odeio essa casa e o quanto eu queria que nós tivéssemos a casa mais bonita de todo o mundo... — Ao ver que eu estava totalmente deliciada com seus lábios e vencida aos seus encantos, Erick deslizou uma de suas mãos até a base da minha barriga, apenas para checar se haveria alguma resistência de minha parte. E o máximo que eu fiz foi morder meu lábio em expectativa. — Não é que eu esteja chateado por você ter oferecido o dinheiro para o resgate da Lizzie... Mas você consegue entender minha frustração sobre isso? — Eu já não sabia se eu entendia ou não. O meu julgamento havia sido totalmente substituído pela libido, mas, mesmo assim, concordei com a cabeça. — Ótimo. Porque você está totalmente deliciosa nesse chuveiro e eu realmente quero fazer amor com você agora mesmo.

Eu apenas virei meu rosto para beijá-lo, seu pênis ereto roçando em minha bunda de forma deliciosa e provocativa, a mão descendo da base da minha barriga até se encontrar no meio das minhas penas, movimentando-se com o intuito de me dar prazer. E como deu.

Erick soltou meus lábios em um gemido rouco meu e eu abaixei a cabeça, os olhos apertados, incapaz de controlar meu corpo ou meus grunhidos de prazer. Não demorou nem um pouco até que eu estremecesse, gozando em seus habilidosos dedos e que eu sentisse seus lábios de volta em meu pescoço, provocativos, traçando a linha da minha mandíbula e posicionando-se em minha orelha, mordiscando-a e fazendo com que eu reclamasse por mais em minha respiração entrecortada.

— Acho que eu mereço uma coisinha especial hoje... — Ele sussurrou em meu ouvido, apertando sua ereção contra minhas nádegas. — Você sabe o que eu quero... Eu posso? — Perguntou-me. Respirei fundo, olhando-o, ligeiramente incomodada e assustada. De tempos em tempos, Erick aparecia com uma fissura sobre sexo anal e, depois de alguma lábia da parte dele, eu acabei deixando todos os meus medos

de lado e confiando que, com ele, seria bom. E era. Mas era um pouco mais complicado, devido às minhas limitações e gostava tanto do convencional... – Só se você quiser, linda...

Eu não podia dizer que não queria. Qualquer coisa com Erick vinha acompanhado de um imenso “sim” meu e, além de tudo, eu sabia que Erick tentaria incansavelmente até que eu cedesse e sua vontade sumisse por meses a fio.

Era até engraçado: Momentos atrás, eu estava chorando porque havíamos discutido e agora eu esta prestes a deixa-lo fazer o que quisesse comigo pelo fato de ter aceitado que eu oferecesse todo o nosso dinheiro sem conversar com ele.

— Tudo bem – Eu disse, depois de respirar bem fundo. – Mas você sabe... Com calma.

Erick nunca tinha muita calma na hora do sexo anal, mas pelo menos ele tinha o cuidado de não me machucar, e nunca havia feito. Ali, como eu estava, senti-o passando um pouco de sabonete ao redor da entrada, antes de começar a força-la, quase que levemente. Soltei um suspiro, meio perdido e fora de contexto, mas Erick abraçou-me pela cintura, penetrando-me com o mínimo de velocidade que sua empolgação conseguia e soltou um gemido rouco em meu ouvido que arrepiou todos os pelos da minha nuca.

— Hm... – Eu murmurei.

Foi o suficiente para que o deixasse fora de si. Ele empurrou-me contra a parede, meu rosto espremido contra os azulejos. Eu não fazia ideia do que ele sentia, mas toda vez em que eu permitia que ele me penetrasse por trás, ele se esgotava muito rápido,. Então, não me surpreendi quando eu o senti explodir dentro de mim apenas alguns momentos depois, urrando desesperadamente. Eu me remexi, excitada e não resolvida e senti— relaxar e sair de dentro de mim, apertando-me contra ele ao puxar-me pela cintura, me fazendo logo senti seus lábios em minha nuca.

— Eu fui até a Lua, e você? – Ele me questionou.

Erick tinha manias deliciosas e adoráveis, aquela era apenas uma delas. Ele sempre queria saber como eu havia me sentido, com toda a sinceridade. Quanto mais longe eu fosse, maior seria o prazer. Uma vez, eu tivera um orgasmo múltiplo muito louco e eu disse-lhe que eu havia ido à Plutão. Ele ficou muito feliz com isso.

— Ainda estou subindo o Everest, Erick. — Eu disse.

Ouvi-o estalar os lábios em puro descontentamento. Era óbvio que essa não era a resposta que ele esperava que eu dissesse. Ouvi-o suspirar e eu estava achando que ele esperava que eu tivesse ficado, ao menos, tão satisfeito quanto eu.

— Bom... — Ele murmurou. Um segundo depois, eu estava de frente para ele, as duas mãos em minha cintura, apertando-me contra ele. Passei o meu braço pelo seu pescoço e encerrei o beijo, tentando respirar em meio à toda aquela água.

— Maldito chuveiro! — Erick praguejou, desligando-o, antes de voltar a me beijar, como se não tivesse existido interrupção alguma.

Ele voltou a me imprensar contra a parede, uma de suas mãos apertando meus seios, sem nenhum pudor. Eu já estava gemendo de leve entre beijos quando Erick desceu seus lábios para um de meus dedos e eu entranhei meus dedos em seus cabelos molhados, de olhos fechados e mordendo meu lábio para com força para conter meus gemidos de resposta aos chupões que ele dava em um de meus mamilos.

— Hum... — Ele murmurou, arriscando uma mordidinha que me fez gemer pateticamente. — Acho que estamos em um foguete...

Senti uma de suas mãos em minha coxa, deslizando até meu joelho e ele se levantou, levando minha perna junto e encaixando-a acima de seus quadris.

— Sim. — Eu disse, sentindo seus lábios de volta ao meu pescoço e seu corpo colado ao meu. — Estamos decolando.

Senti seu sorriso enquanto ele beijava toda a extensão do meu pescoço. Sem aviso, ele apertou-me ainda mais contra a parede e levantou minha outra perna do chão, me erguendo e sustentando no ar.

— Que bom — Ele sussurrou, dando-me um selinho — Então é melhor se segurar.

Eu mal tive tempo para passar meus braços por seu pescoço antes que ele se movesse, me carregando para fora do box com seu pênis, meio endurecido, roçando em mim deliciosamente.

Senti-me sendo colocada sobre a pia enquanto Erick se ajeitava entre minhas pernas, com um sorriso para lá de obsceno.

— A pia? — Questionei.

Eu estava esperando que ele me carregasse para a cama, mas ele

parecia ter outros planos mais emocionantes para a gente.

— Como isso nunca tivesse acontecido... – Ele murmurou.

Sorri de leve, sentindo seus lábios próximos da minha orelha, lembrando de quando nós nos escondíamos do mundo e tivemos uma noite muito interessante com a ajuda de uma pia. Fora naquela noite que eu “descobri” que estava grávida.

A mim, me pareceu um sinal.

— Vamos aterrissar na Lua nos próximos momentos – Ele disse.

Não havia necessidade dele ter anunciado porque eu me senti à caminho no momento em que ele começou a tatear minha vulva, antes de abaixar-se para sugar meu clitóris e perpassar a língua por toda a extensão.

Ele penetrou-me com dois dedos, a língua passeando pela base da minha barriga e eu arfando perigosamente alto, sentindo minha barriga revirar-se e meu prazer vindo com uma velocidade estonteante.

Erick percebeu, melhor que eu, que eu estava prestes a gozar, mas não era isso que ele queria. Não agora. Então ele simplesmente tirou os dedos rindo dos meus resmungos insatisfeitos e pôs-se a beijar meu sexo delicadamente. Respirei fundo, agraciada, não satisfeita, para então sentir sua língua encostar-se a minha entrada e arfei. Erick afastou o rosto, segurando o riso.

— Podemos ir para a Lua juntos, agora? – Perguntou-me.

Com todo o fôlego e concentração que eu podia ter, arfei um:

— Podemos ir para Marte, se você quiser.

Erick sorriu e sua boca veio á minha no momento em que ele me penetrou e eu acabei gozando ali. De ali em diante, meu corpo formigou terrivelmente e o prazer continuou de forma estupenda, enquanto eu mal conseguia gemer, tão embasbacada quanto eu estava. Agarrei o ombro de Erick, apertando minhas unhas e ele cravou os dentes na curva do meu pescoço, parecendo perceber que meus gemidos entredentes eram mais do que pareciam ser.

Joguei meu corpo para trás, sem saber exatamente como agir... Era como se aquilo fosse mais do que eu conseguisse aguentar. Parecia com Plutão... Mas ia mais longe ainda.

Sem aviso, meu corpo contraiu-se e liberou-se mais uma vez. Depois outra. Na terceira vez, eu apertei minhas pernas, totalmente rendida, não aguentando mais, berrando desesperadamente. Foi nesse

momento em que Erick atingiu seu segundo momento, fazendo com que eu respirasse fundo e gemesse quase lamentando, mas agradecendo por não ter morrido de cansaço.

Sentia sua respiração em meu pescoço, tão alterada quanto a minha. Não achei que fôssemos nos mover por algum tempo, mas Erick me puxou para si, ainda dentro de mim, me fazendo fechar os olhos e arfar mais um gemidinho. Ele começou a andar e acabou por me jogar sobre a cama, quase bruto, não por falta de cuidado, mas talvez porque seu corpo não estava respondendo tão bem quanto o meu também não estava.

Girei para o lado, apertando minhas pernas uma na outra e mordendo o lábio, murmurando mais um gemidinho. Erick deitou atrás de mim, puxando-me para que ele se encaixasse em conchinha.

Seus lábios vieram à minha orelha.

— Quanto longe fomos? – Perguntou.

Suspirei fundo, tentando criar concentração suficiente para formar uma frase.

— Tão longe que eu não sei onde estou. – Murmurei.

Erick riu baixinho e encostou sua testa em minha nuca.

— É outra galáxia – Ele sussurrou. Sorri levemente, fechando os olhos, sentindo meu corpo implorar por um descanso. – Você só pode ser de outra galáxia.

E antes que eu pudesse pensar em algo para lhe dizer, acabei adormecendo.

Image

— Mariana... – Ouvi. – Mari, acorda!

Abri os olhos apenas para encarar os belos globos azuis que eram os olhos de Erick, encarando-me. Ele estava com a gravata meio bagunçada e eu logo estiquei meus dedos, fazendo um nó perfeito.

— Bom dia – Sussurrei, finalizando.

Ele estava sorrindo de lado, apaixonado. Depositou um beijo doce em minha boca, passando os dedos pelo meu cabelo emaranhado. Ouvi-o suspirar, aquele suspiro apaixonado que ele só reservava para mim.

— Eu estou saindo pra ir trabalhar com meu pai... – Ele sussurrou.

Eu ainda estava meio sonolenta, mas comecei a entender o que estava acontecendo. Eu ainda estava nua em cima da cama e Erick estava completamente vestido e engravatado, agachado ao meu lado, prestes a me dar um beijinho de até logo.

— Mas já? – Eu perguntei. Ele sorriu, envergonhado.

Eu sabia que aquilo não era insistência do pai dele, o que ele provavelmente ia insistir que era, mas a sua incrível vontade de fazer alguma coisa. Erick adorava fazer o que ele fazia e encontrar algo em que podia trabalhar no tempo em que estivéssemos na Inglaterra, antes mesmo de nos assentarmos, era exatamente o que o deixaria mais feliz.

— É aquele contrato... Você sabe? – Ele abriu o sorriso mais doce de todo o universo.

Eu ri, me sentando. A coberta escorregou do meu corpo, deixando-me nua e eu levantei-me com o olhar de Erick bem atento a cada um dos meus movimentos. Fingindo que aquilo não me afetava nem um

pouco, abri meu armário e, dentro dele, minha mala, procurando algumas roupas íntimas para dormir.

— Dois empregos, huh? – Brinquei com ele.

Terminei de vestir minha lingerie, selecionando um vestido qualquer na minha mala. Senti a mão de Erick em minha cintura e, então, seu abraço. Fingi não perceber que ele estava ligeiramente excitado quando ele beijou o topo da minha cabeça.

— Tenho certeza que você consegue qualquer coisa, assim que quiser – Ele disse, fazendo um carinho gostoso em minha cintura.

Concordei com a cabeça e desvencilhei-me dele, indo até o banheiro para escovar meus dentes e meus cabelos. Conseguia ver seu olhar atento a cada movimento meu pelo espelho. Eu poderia até achar e fingir que era por causa da pouca roupa que eu usava, mas eu sabia que ele estava preocupado comigo.

— Eu estou bem – Garanti-lhe, encarando-o pelo espelho.

Ele concordou com a cabeça, mas continuou a me encarar, enquanto eu me movia pela casa. Sai do banheiro com Erick em meu encalço e vesti o vestido sob o seu olhar de águia. Qualquer demonstração de incomodo com o fato dele ficar ocupado e longe de mim o dia todo poderia fazê-lo desistir, mas eu não queria que ele se anulasse (ainda mais) por minha culpa. Eu o amava mais do que amava a mim mesma e mesmo que ficar algumas horas longe dele, sabendo que seu abraço seria a única coisa que faria com que eu me esquecesse de tudo que estava acontecendo, fosse me destruir, eu preferia que ele se distraísse um pouco fazendo o que ele mais gostava de fazer.

— Qualquer coisa que você precisar... Você só precisa me ligar – Ele disse. No segundo seguinte, ele estava ao meu lado, sua mão em minha bochecha, acariciando-a – E eu vou estar do seu lado no segundo seguinte.

Sua promessa fez com que meus olhos marejassem. Concordei com a cabeça, meio bêbada de emoção e senti seus lábios nos meus, mais ansiosos e desejosos que o recomendado para nossas roupas recém-vestidas. Mesmo assim, ele se afastou antes que meu ar faltasse, antes que eu estivesse sequer satisfeita. Suspirei, vencida, sabendo que ele devia estar com mais pressa do que aparentava, para o meu próprio bem.

— Me leva até a casa do meu pai? – Perguntei.

Vi-o levantar a sobrancelha, estranhando o meu pedido. Tenho certeza que ele não esperava que eu lhe perguntasse isso. Sorri levemente e senti seus lábios mais uma vez nos meus, apenas um encostar leve, uma resposta positiva ao meu pedido, seguido de um sorriso doce.

— Claro – Ele murmurou.

Ele se afastou, entrelaçando a mão na minha e mal me deu tempo de pegar minha bolsa antes que ele me arrastasse para fora da casa, pelo corredor que nos mantinha afastados do gramado impecável da casa grande. Já havia um carro estacionado na frente da garagem, aguardando por nós dois.

— Senhor Harvey, Senhorita Evans – O funcionário, que não parecia ter mais de dezoito anos, nos cumprimentou com dois acenos de cabeça e, então, girou a chave nos dedos, antes de entregar à mão estendida de Erick – Enchi o tanque, senhor.

Erick concordou com a cabeça, abrindo a porta do carona para mim, antes que o garoto tivera a chance.

— Obrigado, Fred – Erick agradeceu, dispensando-o.

Outra coisa maravilhosa sobre Erick: Ele sabia o nome de todos os funcionários do pai dele e do meu. E eu mal conseguia gravar todos os nomes dos nossos aparentados!

Chegamos a casa de meu pai poucos minutos depois e eu me remexi no banco como uma gata, descontente em me mover. Erick admirou-me por um segundo e soltou seu cinto, curvando-se para me dar um beijo. Beije-o com vontade, sabendo que só o veria mais para a noite e só de pensar, eu ficava com saudade. Ele mordiscou meu lábio inferior, sugando-o e encerrando o beijo.

— Entregue, madame. – Ele murmurou.

Sorri, encantada com seus lábios vermelhos pela intensidade do beijo, pensando que os meus só podiam estar piores. Abaixei a cabeça de leve e concordei, abrindo a porta do carro. Erick segurou minha mão.

— Qualquer coisa, Mariana. Qualquer uma. – Ele disse, urgente. – Me ligue, me mande mensagem. Qualquer coisa.

Concordei com a cabeça e ele soltou meu braço, permitindo que eu saísse do carro. Fechei a porta e fiquei parada, acenando para ele até que eu não pudesse vê-lo e nem mesmo ouvir o barulho do motor.

Suspirei, virando-me para a casa. Mesmo afastada da entrada, eu

conseguia ver a movimentação intensa da janela e os longos cabelos loiros de Kate esvoaçando de um lado para o outro, parecendo mais tratados que no dia anterior. Provavelmente alguma das funcionárias a ajudara a se cuidar um pouco melhor.

Subi os degraus de entrada e empurrei a porta, entrando no caos da mansão. Metade das coisas estava fora do lugar: A mesinha que ficava com flores próximo a entrada havia sido arrastada para o canto, isolada de todos, e, no lugar dela, estava o armário da sala, tão grande que quase não me deixava passar pelo corredor e adentrar.

— Vocês colocaram essa droga pra dentro! — Ouvi a voz de Kate se elevar na confusão. — Não quero saber! Quero esse armário na garagem PRA ONTEM! ANDEM!

Tive que me espremer contra a parede do corredor antes que os rapazes comessem a empurrar o armário novamente.

— Alô, Senhorita Evans! — Eles me cumprimentaram, animados, como se Kate nem os tivessem tratado segundos antes. Balancei minha cabeça, sem nem me lembrar quem eles eram

Assim que o armário passou por mim, arrastando sonoramente o teto na porta enquanto eles tentavam empurrar aquela coisa imensa para fora de casa, a minha ficha caiu. Ambos eram funcionários do escritório do meu pai. Eram estagiários, anos antes e agora já deviam ser efetivos. E estavam ali, provavelmente de graça. E não haviam carregado armário nenhum para dentro nunca.

Suspirei. Kate, provavelmente estava precisando de um calmante dos brabos.

— Opa, espere aí! — Eu gritei para um dos rapazes, agarrando um vaso de cerâmica, onde eu, Alan e Lizzie costumávamos esconder bebidas dentro. — Cuidado com essas coisas que quebram!

Eles riram e concordaram com a cabeça. Abriu o vaso e ainda havia uma garrafa meio cheia de whisky dentro. Tirei-a de lá e coloquei-a em uma das gavetas do armário, sobre o olhar atento deles. E, então, dei-lhes uma piscadinha. Os dois quase morreram de tanto rir.

Sorrindo, abracei o vaso, um pouco pesado demais para que eu o carregasse e arrastei-o para longe, tentando leva-lo para perto das escadas, onde havia pouca movimentação. Quase fui atingida umas quatro vezes, prestando atenção aos berros desconexos de Kate com os funcionários e amigos que estavam tentando ajudar. Tinha

esperanças que eles entendessem que ela não estava bem.

— Perdida? – Ouvi alguém dizer.

Virei-me para as escadas e deparei-me com Alan em sua melhor roupa de dormir. Sorri-lhe de leve.

— Salvando nosso frigobar da destruição – Eu lhe disse, sacolejando o vaso.

Quase derrubei a tampa e fiz careta à gargalhada de Alan. Ele terminou de descer as escadas e pegou o vaso dos meus braços.

— Bom... – Ele murmurou – Já tentei ajudar aqui embaixo também... Mas minha mãe está louca. Completamente. – Ele revirou os olhos e, em seguida, suspirou, triste – Acabei ficando de babá.

Pisquei. Em toda aquela confusão – e por ter chegado tarde à Inglaterra -, eu ainda não tinha posto os olhos nos meus pequenos irmãozinhos gêmeos: Sam e Tony. Duas pipoquinhas morenas de olhos verdes, tão inquietos quando crianças de seis anos podiam ser.

— Como eles estão? – Eu perguntei, já me arriscando a subir as escadas. Alan logo me seguiu, tomando cuidado com o vaso.

— Ah, eles não sabem de nada, é claro. – Ele deu de ombros. – Nós dissemos que Lizzie está viajando e que vamos vender as coisas velhas e feias para irmos para a Disney quando a Lizzie voltar.

Levantei as sobrancelhas. Tinha certeza que a parte da Disney tinha sido inventada por Alan. Ele ainda não tinha percebido que nós não teríamos dinheiro pra viajar nem para a Irlanda por um tempo.

— Faz algum tempo que eu não os vejo... – Murmurei, quando alcançamos o alto da escada.

Alan sorriu de lado, deixando o vaso ao lado da porta de seu próprio quarto e nós caminhamos até o fim do corredor, atravessando meu quarto e o de Lizzie, até o quarto de brincar dos gêmeos. Ele abriu a porta e eu espiei lá dentro, uma Sammy linda, sentada em um banquinho com as pernas cruzadas e as sobrancelhas franzidas em uma leitura de Rapunzel. Já Tony estava em frente a televisão, fazendo uma espécie de movimento de Karatê enquanto jogava um videogame. Bati na porta e ambos moveram seus olhos esverdeados em minha direção.

— IRMÃÃÃÃÃ! – Gritaram juntos, como costumavam fazer quando ficavam empolgados com a mesma coisa.

Fui atingida por duas bolas de ataque que me derrubariam no chão

se Alan não tivesse me segurado. Às gargalhadas, agachei-me e abracei os dois.

— Que saudade de vocês, pequeninos! – Eu disse, apertando-os contra mim.

Samantha apertou-me de volta, mas Antony fez careta e se desvencilhou. Eu ri, apertando suas bochechas.

— Joga videogame comigo? Estou matando ninjas! – Tony disse.

Sam se soltou do abraço, parecendo totalmente revoltada.

— NÃO! Ela vai fazer meu cabelo!

E eles iniciaram uma discussão antes que eu pudesse interferir. Tive que separar os dois antes que eles saíssem rolando pelo quarto em uma briga acirrada.

Eu quase os invejava por terem a companhia um do outro. Alan, Lizzie e eu não tivemos tanto tempo para rolar no chão por brigas bobas... Eu fui introduzida tarde demais da vida dos dois.

O resto da manhã fora uma bela confusão entre videogames, maquiagem, penteados, princesas e heróis. Após o almoço, Samantha estava vestida de Cinderella e Antony era o Capitão América, ouvindo uma história. Alan abaixou a cabeça por sobre a mesa e logo dormiu. Samantha afundou em um pufe e dormiu também. Tony, embora entediado com *Cachinhos Dourados*, resistiu ao sono com sua super hiperatividade e, quando eu fechei o livro, levantou-se em um pulo.

— Vou jogar mais videogame! – Anunciou.

Baguncei seus cabelos e dei-lhe um beijo no topo da cabeça, me levantando também.

— Só não faça muito barulho para não acordar seus irmãos, está bem? – Eu disse-lhe. — Eles estão muito cansados.

Ele concordou com a cabeça, piscando seus brilhantes olhos verdes para mim. Vi-o correr para a televisão e apertar um botão. Quando deu play no jogo, nenhum som foi escutado. Sorri tolamente para o quão fofo foi.

Sai do quarto e meus pés me guiaram para o único lugar que eu não deveria ir: O quarto de Lizzie. Tudo estava intocado, como se ela tivesse acabado de sair dali.

Uma série de sapatos estava pelo chão, como se ela tivesse acabado de se arrumar para uma festa e testado todos eles antes de encontrar o que melhor combinaria com sua roupa. Dois cintos estavam jogados em

cima da cama, junto com uma calça jeans, provavelmente considerada inadequada para o evento, e seu estojo de maquiagem estava sobre sua penteadeira, ainda aberto.

Caminhei até a penteadeira, fechando o estojo e deixando-o arrumado. O caderno de desenhos de Lizzie estava ali, então peguei-me abrindo e folheando todos os vestidos maravilhoso que ela costumava desejar. Moda era seu hobbie escondido, embora cursasse arquitetura, ela havia conseguido puxar algumas matérias de moda e vinha desenhando sua própria coleção há meses. Passei meus dedos pelas páginas, sentindo todo o carinho que ela depositava em cada pedaço daquele papel e vi uma gota de água pingar. Percebi que estava chorando, então levantei-me como uma bala e sai dali, atravessando o corredor até meu próprio quarto.

Encostei-me na parede ao lado da porta, controlando meus soluços que eu nem percebera que estava fazendo. Ao passo que conseguia parar de chorar de saudade e de medo por Lizzie, eu prestava mais atenção em meu próprio quarto.

Era um pouco deprimente e vazio. A maior parte das minhas coisas havia sido levada para os Estados Unidos com a minha mudança para lá, mas eu ainda conseguia perceber alguns pedaços da adolescente que eu tinha sido... Algumas coisas perdidas aqui e ali.

Um cofre de moedas sobre a cabeceira, uma foto do meu primeiro jantar fora como filha oficial, algumas folhas coloridas, provavelmente recados dos meus amigos, a caixa que Jenna havia me dado com o presente para o bebê.

Eu quase me sentia acolhida.

Peguei a caixa e sentei-me com ela sobre a cama, secando minhas lágrimas. Abri-a e sorri, encontrando ainda mais papéis. Recados, anotações, conversas... Eu estava muito feliz por ter guardado tudo.

Passei a tarde distraída, lendo tudo o que encontrava... Algumas conversas sobre bebês, sobre Erick, sobre Théo, sobre Alan, algumas festas, cinemas, babados, namoros e tudo mais de fútil da vida adolescente, que eu tanto sentia falta. Sentia falta dos meus amigos, principalmente de Jenna. Depois que ela e Alan terminaram seu namoro, nós havíamos conversado poucas vezes. A distância destruíra nossa amizade, mas eu tinha certeza que ela guardava tanto carinho por mim quanto eu guardava dela. Talvez, agora que eu estava de volta,

nós pudéssemos sair e nos divertir como antigamente.

Continuei mexendo nos papéis até que, no fundo da caixa, eu encontrei um desenho que Lizzie fizera para mim. Nós duas abraçadas, com os nossos cordões de irmãs brilhando em dourado. O verdadeiro cordão estava guardado em um envelope grampeado na folha. Nós tiramos e guardamos quando Sammy e Tony nasceram. Prometemos voltar a usar quando Sammy tivesse idade para usar seu próprio cordão sem, como dizia Kate, correr o risco de se enforcada sem querer ou ser enforcada por querer por Tony.

Estava quase na época certa.

Antes que eu pudesse abrir o envelope, porém, uma mãozinha arrancou a folha de minhas mãos, os olhinhos verdes admirando o papel.

— Pra onde a Liz viajou? — Ele me perguntou.

Passei os dedos pelos seus cabelos soados de tanto jogar videogame. De volta ao mundo real, eu percebi que estava escurecendo e que eu passara a tarde toda entretida com papéis.

— Ela viajou para longe, meu amor — Disse-lhe. — Mas antes que você perceba, ela vai voltar.

Ele fez bico, o que me fez apertar suas bochechas rosadas. Ele voltou a olhar para o desenho por alguns momentos, antes de olhar para mim novamente e repetir a pergunta:

— Para onde a Liz foi? Onde ela está? — Eu abri e fechei a minha boca algumas vezes, tentando formular uma resposta que o satisfizesse. Seus olhos marejaram e ele fez bico com a minha demora. — Por que ninguém me diz onde ela está e quando ela vai voltar? Eu tô com saudade. Ela nem disse tchau.

As lágrimas de Tony escaparam de seus olhos e correram pelo seu rostinho angelical, me fazendo puxá-lo para meu colo automaticamente. Acaricieei seus cabelos, tentando fazê-lo parar de chorar.

— Meu amorzinho... — Eu sussurrei. — A Liz viajou para longe e ela está em um lugar que a gente não consegue chegar e ela vai precisar de um pouco de tempo para conseguir voltar, mas o papai já está tentando comprar uma passagem de volta pra ela, está bem? — Eu disse-lhe.

Ele se afastou para encarar-me, como se estivesse avaliando se o que eu dizia, finalmente, era a verdade.

— Mas como ela foi parar lá se ninguém pode parar lá? – Ele questionou.

Cerrei meus olhos. Crianças e suas perguntas extremamente inteligentes e pertinentes.

— Bom... Homens malvados levaram ela pra lá. – Eu disse, sem nem mesmo pensar. Tony arregalou os olhos e eu corriji-me – Mas nós não precisamos nos preocupar porque os homens maus já foram embora. Ela deve estar melhor que a gente agora. Provavelmente na praia. Você não ia gostar de estar na praia agora, Ein?

Fiz cócegas nele e ele se contorceu, se jogando na cama. Continuei fazendo-o rir enquanto ele implorava que eu parasse. Parei porque ele já estava ficando sem ar e ele se sentou na cama com seu orgulho ferido e lágrimas de riso nos olhos. Sorri-lhe, tranquilizadora.

Na verdade, meu sorriso dizia “Nem tente, sou maior que você. Bem maior”.

— Já, já ela estará de volta, tá bem? – Eu lhe disse.

Ele concordou com a cabeça e desceu da cama, pulando em um pé só, fazendo com que eu pegasse pela mão e o segurasse, tentando mantê-lo quieto e sem se machucar.

— A gente pode ir para a praia também?

Eu ri, mas antes que eu pudesse responder, ouvi um pigarreio e olhei para trás, encontrando Erick parado, encostado na porta, com a gravata frouxa e um sorriso leve no rosto.

Enquanto eu o olhava, abobalhada, Tony o alcançou e roubou sua atenção. Tony venerava Erick desde sempre. Assim como Sam, mas Tony via Erick como um tipo de super-herói e queria copiá-lo em tudo. Das camisas de homenzinho até o cabelo penteado igual. Tudo. Eu achava lindo.

— TIO HARRY VOCÊ TEM QUE VER O VIDEOGAME QUE EU GANHEI! – Ele berrou, animado, puxando a calça de Erick, que continuava a me olhar.

Erick riu e pegou Tony no colo, apertando o nariz dele, enquanto o garoto fazia uma careta engraçada.

— Eu já vou lá jogar com você, está bem? – Erick disse, voltando a colocá-lo no chão. – Vai lá preparando o jogo que eu vou falar com a sua irmã e já estou indo, okay?

Antony bateu uma espécie de continência

desajeitada e saiu correndo pelo corredor até seu quarto.

— NÃO CORRA! – Eu berrei, tarde demais.

Erick riu, se aproximando. Sentou-se ao meu lado, ignorando todos os papéis em cima da minha cama e beijou-me levemente.

— Alguém andou chorando... – Ele acusou.

Sorri-lhe levemente enquanto ele apertava meu nariz, que provavelmente me entregava.

— Lembranças... Boas e ruins. – Sussurrei.

Erick puxou-me para seu colo, dando-me outro beijo. Escondi meu rosto em seu pescoço, respirando seu perfume, que eu tanto adorava.

— Vi você com o Tony... – Ele murmurou. – Você tem todo um jeitinho adorável com crianças. Acho isso lindo.

Eu ri, beijando de leve seu pescoço e sentindo seu braço me apertar com um pouco mais de força.

— Você também...

Ele me olhou e toda a intensidade do olhar não precisava ser exprimida em palavras para que eu soubesse o que ele queria dizer. Estava na hora. Havia passado da hora. Nós havíamos conversado tanto sobre isso quando ainda éramos tão jovens e assustados, havíamos nos preparado para antes da hora e, então, o incidente nos dera a chance de tentar outra vez, quando fosse o tempo. Erick

estava procurando um jeito de me dizer que era o que ele queria sem me assustar.

— É o que eu mais quero também. – Confessei-lhe.

Eu não precisava dizer que eu estava tentando sem a permissão dele. Não precisava dizer que eu não estava mais tomando meus anticoncepcionais, torcendo para engravidar o mais rápido possível. Não era necessário.

Ele colocou uma mecha de cabelo minha atrás da minha orelha e puxou meu rosto para que pudesse me beijar, doce e tranquilamente, apaixonado e tudo mais. De uma forma tão especial que só os beijos dele conseguiam passar... E me fazer sentir.

— Assim que esse furacão acabar. – Ele me prometeu, dando-me mais um beijo incrível.

Image

Tentei ignorar o fato de que o dia já estava claro e clareava minha visão por detrás das minhas pálpebras fechadas, perturbando meu sono glorificado por dois comprimidos de calmante, os quais havia tomado escondidos de Erick. Tentei, de verdade, fingir que poderia dormir aquele sono gostoso se enfiasse a cabeça embaixo do edredom, mas eu não podia. E isso ficou claro quando celular de Erick tocou e ele sentou-se na cama, apressado.

Suspirei, gemendo baixinho por ter que me levantar. Sentei-me na cama, espreguiçando, deixando o lençol escorregar pelo meu corpo, apenas coberto por peças íntimas. Erick estava de pé, já, olhando para o monitor do celular. Levantei meus olhos para ele e sorri levemente, meio grogue de sono ainda.

— Bom dia, gostosão – Disse-lhe.

Ele piscou duas vezes antes de rir, provavelmente tão sonolento quanto eu. Logo, porém, ele fechou a cara e voltou a olhar o celular. Torci o nariz, vendo-o se irritar. Devia estar atrasado.

Vi-o pegar a própria roupa, ainda agarrado ao celular como se ele fosse a sua própria vida.

— Quer companhia no banho? – Perguntei.

Embora eu tivesse tomado banho antes de dormir por ter me arriscado em uma competição de videogame contra Alan, o meu último banho com Erick arrepiava os pelos da minha nuca só na lembrança. Eu não perderia uma oportunidade sequer.

Erick parou à porta do banheiro, me olhando, ainda meio perdido. Sorrii leve e eu percebi, em seu sorriso, o pedido de desculpas.

— Acordei atrasado... — Ele murmurou. — Você vai querer carona? Se quiser, melhor levantar.

E, com isso, sumiu para dentro do banheiro. Fiz careta para a porta fechada, malcriada, e arrastei minhas pernas para fora da cama, forçando-me a sair dali. Por mim, eu dormiria mais umas sete horas, mas sabia que minha família precisava de mim naquele momento. Então me obriguei a vestir uma roupa qualquer e esperar por Erick.

Ele saiu do banheiro alguns momentos depois, sacudindo o cabelo molhado, já vestido, o que me fez fazer bico. Erick riu e beijou-me os lábios.

— Amor... — Ele sussurrou, os braços ao redor da minha cintura, meu sorriso extremamente bobo e retardado no meu rosto. — Você tomou calmante pra dormir, não tomou?

Não era exatamente uma pergunta. Ele estava cerrando os olhos para mim e eu sabia que se eu negasse, eu estaria ferrada.

— Só um pouquinho... — Murmurei.

Ele cerrou os olhos e balançou a cabeça negativamente, mas o sorriso leve em seu rosto me informava de que eu não estava com problemas. Ele só estava preocupado.

— Eu estava pensando... — Ele murmurou, encostando os lábios nos meus. — Não é melhor você ficar na casa do seu pai? Eles estão precisando de você... — Eu tentei soltá-lo, mas ele me manteve por perto — E eu estou enrolado com minhas coisas, fico preocupado com você. Vou ficar mais tranquilo se eu souber que você está bem, com sua família... Posso ir te ver...

Eu estava com lágrimas nos olhos e mordendo os lábios por ouvir coisas que faziam sentido, mas eu não gostava nem um pouco. O melhor do meu dia era dormir ao lado de Erick e, embora ele não quisesse dizer, eu tinha certeza de que isso não iria acontecer com frequência se eu me mudasse para a cada de Jack e Kate.

— Mas... — Eu sussurrei — Você não precisa me levar e me buscar todo dia. Tenho certeza que posso pedir um motorista ou pegar um táxi. Não precisa se preocupar comigo.

Eu estava quase implorando, pateticamente. Erick acariciou meu rosto, olhando-me apaixonado.

— Eu estive com a cabeça enfiada naquele contrato... Ele é complicado — Ele me explicou — Não vou voltar cedo para casa, não se

eu quiser fazer o que eu tenho que fazer direito. Ficarei mais tranquilo sabendo que você está lá e não aqui, me esperando sozinha. Por favor?

Com um pedido daqueles, eu não tive escolha a não ser fechar os olhos e concordar com a cabeça, sentindo um beijo de Erick em minha testa, antes de se afastar. Momentos depois, eu estava acompanhando Erick, arrastando minha mala pelos gramados, até a entrada da minha casa, nem um pouco feliz com isso. Eu não queria me afundar no caos da minha família, eu precisava de um tempo longe daquilo, mas entendia o que Erick havia me proposto. Ele tinha medo de me deixar sozinha e de me sequestrarem também. Afinal, se fosse Théo, eu corria riscos maiores do que nós conseguíssemos pensar.

Jack estava ao telefone, na varanda, quando nos alcançamos. Eu não havia visto meu pai, no dia anterior, e estivera com a cabeça tão cheia que nem me lembrara de perguntar por onde ele andava, mas não era preciso. Meu pai estivera atrás de maneiras de conseguir todo aquele dinheiro, era mais que claro.

Mais até do que Kate, seus olhos tinham olheiras profundas. Meu pai era um homem sensível e estava segurando as pontas de todos nós, enquanto sofria por cada membro da nossa família. Além disso, ele era extremamente responsável, o que só me podia fazer acreditar que ele estava se culpando por não ter cuidado de Lizzie o suficiente.

— Não, Bary... — Ele murmurou. — Eu só vou querer dinheiro emprestado em último caso. Nós temos algumas coisas à venda... É, seria ótimo se você pudesse passar aqui e ver se compra alguma coisa... É, muito obrigado. De verdade. — Ele falava ao telefone. Eu sorri e passei meus braços ao redor dele, o que Jack correspondeu prontamente. — Pode deixar. — Ouvi-o desligar. — Oi, princesa. De mudanças? — Ele mexeu o queixo para Erick, que passava minha mala ao nosso motorista, sempre por perto para ajudar.

Sorri-lhe e Erick se aproximou, cumprimentando meu pai.

— Erick está ocupado com umas coisas, disse que ficaria melhor se eu ficasse aqui com vocês. Não tem problema, certo? — Eu questionei.

Ele sorriu um sorriso triste que quebrou meu coração em três mil pedaços. Era horrível ver meu pai sofrer daquela maneira.

— Não, querida, claro que não. Vai ser ótimo tê-la em casa de novo. — Ele me garantiu.

Seu telefone tocou mais uma vez e ele olhou a bina, levantou um dedo e se afastou para a beirada da varanda, atendendo a ligação. Voltei a olhar para Erick, meio sem jeito, levantando-me nas pontas dos pés. Erick sorriu e se aproximou, depositando um beijo doce em meus lábios.

— Você vai ficar bem? – Ele me perguntou.

Mesmo sendo uma mentira deslavada, eu sorri e concordei com a cabeça. Como eu podia pensar em ficar bem? Satisfeito, Erick deu-me um beijo na ponta do nariz e soltou meu abraço, saindo em direção ao carro.

— Você vem hoje? – Eu perguntei, antes que ele desse a partida.

Ele sorriu, mostrando que tinha me ouvido. Mas sua reação me fez crer que eu não sentiria seus braços ao redor de mim essa noite.

Suspirando, entrei dentro de casa para encontrar uma Kate descabelada, sacolejando um quadro na parede, o qual ela não tinha altura suficiente para arrancá-lo dali.

— NINGUEM ESTÁ VENDENDO QUE É PRA TIRAR ESSA DROGA DAQUI? – Ela berrou, para ninguém especificamente.

Fechei os olhos com força e caminhei até a cozinha, onde eu sempre podia encontrar alguma empregada. Havia duas.

— Senhorita Evans! – Uma delas se admirou. Eu havia visto-a apenas duas vezes, não o suficiente para decorar seu nome. – Senhorita, há algo que possamos fazer? Um café, uma água...

Uma cadeira me foi oferecida e eu sorri, sentando-me. Um copo de água surgiu à minha frente, antes mesmo de eu poder pedir. Elas eram muito prestativas.

— Nós vamos doar metade do nosso salário esse mês. Pra ajudar a senhorita Lizzie... Vocês são muito bons pra gente, sabe? – A outra disse, depositando um prato de biscoitos na minha frente.

Concordei com a cabeça. Alan havia comentado que todos os funcionários haviam dito que doariam metade do salário. Todos eles ganhavam a cima do necessário e meu pai fazia questão de pagar-lhes cursos, escola para os filhos e qualquer despesa educacional que precisavam. Normalmente, depois de uns cinco anos trabalhando conosco, eles acabavam conseguindo empregos melhores e era o que mais deixava meu pai feliz.

Peguei um biscoito e mordisquei, lembrando que não havia tomado

café da manhã e não me recordava de ter jantado na noite anterior. Meu corpo havia classificado “fome” como um sentimento desnecessário em toda aquela bagunça.

— Eu, na verdade, gostaria de um calmante. Para Kate. — Completei, quando elas se entreolharam. Aparentemente, Erick já havia conseguido passar instruções para alguém sobre me manter longe dos calmantes. Eu odiava aquilo. — Ela precisa relaxar um pouco.

Elas se entreolharam mais uma vez e uma delas suspirou, parecendo não gostar muito de concordar comigo. Depois disso, nós picamos um comprimido de calmante e diluímos em um delicioso suco de laranja, o qual eu entreguei a Kate momentos depois.

Primeiro, Kate apenas parou de gritar com todo mundo e ficou parada, olhando um quadro em especial. Depois, ela bocejou e sentou-se ao sofá. Depois disso, ela apenas caiu em um sono profundo.

— Uma pausa, pessoal — Eu disse. Alguns riram e todos sumiram em direção à cozinha, provavelmente tencionados a conseguir um café da manhã mais reforçado.

Fiquei ali, sentada com a cabeça de Kate em meu colo, desembaraçando seus fios loiros com meus dedos, tranquilamente. Ela era especialmente bonita, mesmo que estivesse beirando seus cinquenta anos e as rugas estivessem vencendo seus milhares de cremes para pele. Eu, particularmente, achava que eram aquelas poucas rugas, as maiores provocadas por sorrisos, eram o que a deixavam mais bonita.

Eu conseguia ver todos os detalhes que fizeram meu pai se apaixonar por ela. Não porque ela era bonita, mas ela era especialmente inteligente, cheia de ideias geniais, espirituosa... Mas, acima de tudo, ela era a melhor mãe do mundo. E, embora ela não fosse minha, ela tinha reservado uma parte do seu coração para me amar e cuidar de mim como se eu fosse sua filha. E eu era muito grata a ela por isso.

Sequei uma lágrima teimosa dos meus olhos por não saber como que eu poderia ajudar Kate ao ouvir a porta da frente se abrindo. Achei que pudesse ser meu pai, mas Alan me abraçou por detrás do sofá, me assustando.

— Consegui quarenta mil no meu carro! — Ele comemorou.

Eu levei meu dedo aos lábios, pedindo silêncio. Ele franziu a testa e, só então, percebeu que sua mãe estava dormindo sobre o meu colo no sofá. Sorriu, então, e no momento seguinte, estava em minha frente, pegando-a nos braços para leva-la ao seu quarto.

Encostei-me no sofá e aguardei até que Alan voltasse a descer as escadas e senta-se ao meu lado. Ele pegou minha mão e a apertou. Palavras não precisavam ser ditas. Nada precisava ser dito. Deixei minha cabeça cair sobre seu ombro e ele me abraçou.

Estivemos assim por mais tempo do que deveríamos.

— Eu vi uma mala no seu quarto. — Alan finalmente quebrou o silêncio.

Remexi-me e soltei-me do abraço dele, esfregando o meu nariz para manter minha vontade de chorar longe de mim.

— É. — Eu concordei. — Resolvi ficar aqui com vocês.

Uma mentira deslavada. Eu não tinha resolvido, tinha sido resolvido para mim. Eu apenas concordara com aquilo.

— Sabe... Ficar perto de vocês e tudo mais — Eu completei, ao ver que ele não estava acreditando nem um pouco em mim.

— Erick está ocupado trabalhando? — Ele questionou.

Suspirei e concordei com a cabeça, vendo-o revirar os olhos para mim. Fui atingida por um soquinho no braço e lhe dei língua.

— Estou aqui, não estou? — Eu lhe disse. — O meio não importa, o importante é o final! — Ele revirou os olhos mais uma vez e eu levantei-me. — Vamos, vamos tentar separar esses quadros antes que sua mãe acorde e berre alopadamente que não fizemos nada enquanto ela dormia.

Ele riu e nós logo nos levantamos para escolher os quadros que teríamos que vender. Logo, os nossos funcionários e amigos começaram a passear pela casa, tirando fotos de todas as obras de arte e levando até nós, na sala, para que escolhêssemos as que seriam vendidas.

Não demorou muito até que eu entendesse o porquê Kate estava tão nervosa. Lizzie era toda ligada às artes e metade daqueles quadros nos faziam lembrar de comentários dela, tentando analisa-los até a última pincelada. Alguns chegavam a me levar lágrimas aos olhos, de tantas lembranças.

Foi muito difícil pegar um montante deles, dez, dez quadros que

Lizzie adorava, os que provavelmente mais valiam na nossa coleção. Já eram mais de três horas da tarde quando terminamos de embalar todos os quadros e nossos amigos e funcionários do escritório de Jack foram embora. Os funcionários voltaram aos seus afazeres normais e Jack entrou em casa, franzindo a testa.

— Onde está Kate? – Ele perguntou.

Jack foi automaticamente abordado por uma das empregadas, que trazia um prato de comida fumegante. Ele ainda não havia comido, então foi obrigado a se sentar no sofá conosco e comer um pouco.

— Dei calmante para ela dormir um pouco – Eu lhe disse.

Jack arregalou os olhos e depois sorriu, suavizando sua expressão preocupada. Ele viu a fileira de quadros no canto e deu algumas garfadas na comida.

— Vou dar uma olhada em Sam e Tony – Alan anunciou.

Concordamos e ele subiu às escadas silenciosamente. Eu abri o notebook, colocando em meu colo. Peguei os cadernos, onde eu havia anotado os nomes dos quadros e seus pintores e comecei a pesquisar seus preços na internet. Jack logo estava com a cabeça sobre o meu ombro.

Assim que ele acabou de comer, pegou o caderno de minhas mãos, vendo tudo que eu havia anotado. Mais cedo, enquanto os funcionários tiravam fotos dos quadros, eu havia pedido para alguns deles tirarem fotos dos móveis que estavam na garagem. Com um pouco de paciência, eu havia conseguido nomeá-los e descobrir quanto eles valiam. Nosso bazar, até o presente momento, estava beirando os dois milhões.

— Você é maravilhosa. – Ele me disse. – Isso é genial. Podemos até tentar um leilão. Eu não fazia ideia de essas coisas valiam tanto.

Sorri levemente. Abri a pasta com as fotos dos armários e dos quadros e mostrei à ele.

— Tem outros quadros aqui que a gente pode incluir depois... – Eu lhe disse. – Pensei em fazer um bazar no sábado e no domingo, aí todo mundo pode vir e comprar o que quiser.

Jack rapidamente tirou o celular de seu bolso e entregou a mim. Eu peguei, franzindo a testa.

— Ligue para todo mundo dessa lista de contatos. – Ele disse. – A maioria deles sabe o que aconteceu e quer ajudar. Fale sobre a data e

o horário que você quiser, pegue os e-mails, mande as fotos com os preços e pergunte se eles querem alguma coisa em especial.

Concordei com a cabeça. Jack me deu um beijo na testa e subiu escada acima, provavelmente indo checar como Kate estava.

Eu passei a lista de contatos do meu pai para o computador. Fiz uma planilha para marcar para quem eu já havia ligado, quando iria ao bazar e no que estava interessado.

— Alô, senhor Abran? – Questionei. – Aqui é Mariana Evans, meu pai pediu que eu ligasse para informar sobre o bazar... Sim, para arrecadar dinheiro pro resgate da minha irmã. Sim, sábado e domingo. No sábado? Claro. Sim, temos cerâmicas também. Africanas? Não tenho certeza. Sim. Claro que posso checar. Pode me mandar seu e-mail para que eu envie as fotos do que temos? Sim. Com G? Certo. Eu mando o e-mail amanhã pela manhã, okay? Muito obrigada, senhor Abran. Ah, o senhor que é um amor, obrigada.

Escrevi no meu caderno um aviso imenso de “SEPARAR CERÂMICAS” antes de anotar na planilha o e-mail do senhor Abran e que ele tinha interesse em cerâmicas, provavelmente africanas.

— Alô? É o senhor Bernard? Aqui é Mariana Evans, meu pai pediu que eu entrasse em contato sobre... Não, não é sobre empréstimos. Sim, o bazar. O mais caro? Claro, senhor, posso separá-lo pro senhor. É um quadro. Duzentos e dez mil libras. Quatrocentos, tem certeza? Muito obrigado, senhor. Sim, tenho certeza que Lizzie vai apreciar isso assim que ela estiver de volta. O senhor vem no sábado? Sim, claro. Pode me passar seu e-mail? Sim. Certo. Obrigada, senhor Bernard. Vejo o senhor no sábado, muito obrigada.

Com um sorriso do tamanho do mundo, anotei o e-mail do senhor Bernard ao lado de uma reserva do quadro mais caro da coleção, ainda com um pequeno inflacionado, provavelmente uma desculpa exagerada para nos dar dinheiro sem que fosse “esmola”, o que meu pai jamais aceitaria. Todos gostavam muito de Lizzie, mas eu não estava esperando que realmente todos aceitassem tão bem a ligação quanto estava acontecendo.

— Senhora Brigitte? Senhorita, certo, me desculpe. É Mariana Evans. Sim, irmã de Lizzie Evans. Um vestido? Não, senhorita, não sei se está pronto. Sinto muito, minha irmã foi sequestrada há cinco dias. Está tudo bem... É... Bom, nós estamos organizando um bazar para arrecadar

dinheiro para o resgate dela. É no sábado e no domingo. No domingo? Certo. Pode me passar seu e-mail? Te mando as fotos do que está à venda. Muito obrigada, senhorita. Até domingo, então.

Suspirei fundo, encarando o telefone por alguns momentos, antes de desligar. Brigitte parecia conhecer Lizzie e havia se emocionado com a notícia, a qual ainda não tinha conhecimento. Dissera palavras bonitas e me deixara sem jeito e com lágrimas nos olhos.

Balancei a cabeça, digitei o e-mail de Brigitte e arrisquei ligar para a próxima pessoa da lista.

Duas horas mais tarde, eu estava cansada, havia reservado quatro quadros e dois móveis – todos pedidos como “o mais caro” e inflacionados – e pouco havia passado da metade da lista. Já estava escuro, eu estava cansada e havia bebido mais de um litro de suco de laranja enquanto estava ao telefone.

— Senhorita... – Uma das moças de mais cedo se aproximou e arrancou o telefone das minhas mãos. – A senhorita pode continuar amanhã de manhã. Chega.

Eu tinha certeza que eu podia continuar por mais umas duas horas, mas aquilo era emocionalmente cansativo. Repetir e relembrar que minha irmã estava em perigo, contar para pessoas que gostavam dela e ainda não sabiam sobre isso. Duas mulheres choraram ao telefone comigo e prometeram comprar quanto elas pudessem.

Pediram por roupas, pediram para leiloar desenhos da Lizzie, ofereceram dez mil por um lápis que ela já tivesse usado. A maioria das pessoas só queria ajudar financeiramente, a troco de nada. Era adorável ver como minha irmã tinha aquele dom de conquistar a todos que já haviam colocado os olhos nela, uma vez ou outra.

E mesmo querendo continuar com as ligações e acabar com aquilo logo, eu não tive escolha a não ser concordar sobre o olhar severo daquela mulher. Levantei-me e subi as escadas.

Antes de procurar meu quarto, porém, resolvi checar minhas duas pipoquinhas, que eu apenas havia visto durante o almoço. O tanto que eu os conhecia me dizia que era possível que ambos tivessem amarrado Alan e agora estivessem fazendo a dança da chuva ao redor dele.

Felizmente, não estavam. Arrisquei colocar minha cabeça para dentro do quarto de brincar e os três estavam deitados no chão, assistindo Rio,

tão atenciosamente que nem me notaram. Sorri e resolvi não atrapalhar, voltando o caminho até meu próprio quarto.

Sentada em minha cama, com a mala aberta à minha frente, não resisti e não pude conter meus dedos, que pegaram meu celular e ligaram o número de Erick sem a minha autorização. Como se precisassem.

— Oi, amor – eu cumprimentei-o, assim que eu percebi que ele havia atendido. O sorriso já estava em meu rosto.

“Oi, princesa, está tudo bem?”

— Sim... – Murmurei. – Só estou com saudades. Queria companhia para jantar. O cheiro está maravilhoso.

Ouvi-o estralar a língua e meu humor afundou, já sabendo que ele não apareceria. Suspirei, engolindo lágrimas. Eu não iria chorar por pouco, não iria. Tinha que ser forte.

“Ah, amor, me desculpe, mas não vai dar. O contrato está com um monte de problemas, não sei se vou conseguir sair até a hora do jantar. Tenho uma reunião com meu pai daqui a pouco”.

Suspirei novamente.

— Mas você vem para dormir, não vem? – Perguntei, esperançosa.

O barulho da respiração dele me dizia: Não, não posso.

“Eu vou tentar, amor, juro que vou tentar”. Ele me prometeu, mesmo eu sabendo que não teria jeito.

Pisquei meus olhos, contendo minhas lágrimas.

— Tudo bem... Não vou te atrapalhar – Murmurei. Ele suspirou, aliviado. – Mas nos vemos amanhã, certo?

“Sim, sim, claro”.

Ele não estava nem me ouvindo.

— Tchau, Erick. – E desliguei o telefone, antes que ele pudesse me responder, me jogando na cama com o coração na mão.

Tinha algo errado com Erick. Eu não sabia o quê, mas tinha.

Image

Rolei na cama de um lado para o outro durante a noite toda, esperando sentir, a qualquer momento, os braços de Erick me envolvendo. Mas, como esperado, o dia amanheceu e nada dele.

E eu não tive acesso a nenhum calmante, então nada de pregar os olhos.

Quando ouvi a primeira movimentação de pessoas na casa, levantei-me, abrindo minha janela para olhar a entrada da casa, os funcionários chegando para trabalhar.

Espreguicei-me e arrastei-me para o meu banheiro, me despindo e tomando um banho rápido, que talvez pudesse tirar todo o cansaço que eu sentia de mim. Aproveitei para pensar no que podia estar de errado com Erick.

Haviam algumas opções estranhas, mas não deixei de lista-las:

1 – O pai dele havia pedido que ele se afastasse de mim, com medo que Théo fizesse alguma coisa com ele;

2 – Ele tinha uma amante da Inglaterra e queria aproveitar o tempo com ela;

3 – Ele realmente estava ocupado e não se importava comigo tanto assim.

Nenhuma das opções me agradava muito. Então, quando sai do chuveiro, enrolada na toalha e com a cara mais emburrada do mundo, eu tinha tomado a decisão: Querendo ou não, eu iria ver Erick.

Escolhi uma roupa bonita. Um vestido amarelo e branco. Erick adorava quando eu usava vestidos porque eu não gostava de usá-los muito. Mas fazia exceções, como hoje.

Sai do meu quarto, decidida a encontrar Erick em seus primeiros

momentos no escritório. Já era quase oito horas. Se eu me apressasse, conseguiria chegar lá antes das nove.

Silenciosamente, acreditando que todos ainda dormiam, eu caminhei pelo corredor em direção à escada.

— Onde a mocinha pensa que vai? – Fui interrompida.

Era Kate. Eu devia estar encrencada pelo calmante de ontem. Ela estava toda de rosa, havia colocado algumas joias, estava penteada e maquiada. Seus sapatos de salto ecoaram pelo corredor em minha direção.

— Eu... Estava pensando em dar uma passadinha no Erick pela manhã – Eu disse, meio que gaguejando diante de tanta imponência que só ela conseguia emanar tão rapidamente.

Ela colocou a mão na cintura, parando à minha frente e batendo os pés no chão, parecendo realmente ponderar minhas atitudes como se eu ainda fosse uma adolescente.

— Você tem responsabilidades, mocinha – Ela disse. – Sua irmã precisa de você e você vai sair atrás de homem?

Cerrei meus olhos, devidamente magoada com suas palavras. Eu sabia que Kate estava com os nervos à flor da pele, mas ela não tinha direitos de falar aquilo, não para mim.

— E eu vou cumprir com todas elas quando eu voltar. – Eu lhe disse. – Tem algo estranho com Erick e eu estou indo ver isso. Não demoro. Ligo para os amigos do meu pai após o almoço, sem correr o risco de acordar ninguém.

Ela analisou a minha roupa e meu cabelo impecáveis e, em seguida, focou-se em minha expressão dura e segura.

— Estranho... – Ela sussurrou. E, então, encarou-me. – Estranho como?

Eu sorri leve, sabendo que os pensamentos dela estavam alinhados com o meu, uma leve suspeita de que ele estivesse com uma garota qualquer.

— É isso que eu pretendo descobrir.

Ela cerrou os olhos e analisou a situação. Esperei pacientemente o seu aval, mas, mesmo que eu não o tivesse, eu iria até Erick.

— Certo. – Ela disse, para meu alívio. – Mas não demore muito.

Concordei com a cabeça e sem perder mais nenhum segundo, corri pelas escadas até o portão de entrada, atrás do nosso motorista. Ele

estava tirando um ronco sobre o volante, mas acordou instantaneamente ao me ver.

— Senhorita? – Questionou-me.

Sorri-lhe, sem cerimônias, entrando no carro.

— Preciso que me leve até o escritório de Erick, tudo bem? – Pedi-lhe.

Ele pareceu meio perdido, acabando de acordar. Coloquei o cinto de segurança e fiquei encarando-o pelo espelho retrovisor.

— Senhorita, eu tenho que levar a Senhora Kate em uma tour daqui a pouco... – Ele me informou.

Dei de ombros.

— Não se preocupe, ela ainda não está pronta. É só me levar lá, tenho certeza que eu posso conseguir carona de volta. – E dei uma piscadinha.

Ele riu, ligou o carro e lá fomos nós.

O escritório do Sr. Ward era um pouco mais afastado de onde morávamos, mais para o centro da cidade. E por isso, eu teria algum tempo sozinha para pensar no que estava acontecendo e organizar meus pensamentos.

Tudo que eu estava fazendo nos últimos dias era mais mecânico que outra coisa. Eu dormia ou não. Comia obrigada. Fazia tarefas que me mandavam fazer. Se eu parasse, um segundo sequer, para pensar no que estava acontecendo, eu piraria.

E, naquele momento, eu parei.

Tudo que eu vinha fazendo era para ajudar minha irmã mais nova. Lizzie, a garota – e eu me recusava em pensar nela como mulher – mais doce e adorável que eu já conhecera. Ela permitira que eu entrasse em sua vida e que cuidasse dela, mesmo eu sendo uma total estranha no começo. Ela me ajudara com Erick, com a gravidez, com tudo que eu precisara... E me pedira conselhos sobre garotos e sexo, coisa que eu relutei um pouco para fazer, mas acabei fazendo.

Minha irmãzinha, que eu não sabia onde estava... E que estava nas mãos de alguém vil e indecente. Eu daria tudo para trocar de lugar com ela, ser eu a sofrer ao invés dela. Eu já havia passado por tanta coisa... Lizzie não merecia ter esse tipo de provação. Ela era quase uma princesa.

Sequei uma lágrima que desceu sem a minha permissão, percebendo

que estávamos estacionando em frente ao prédio. Soltei um sorriso estranho para o motorista, que me olhava analisador, como se quisesse falar algo, mas não sabia o quê. Acenei com a cabeça, informando-lhe que estava tudo bem e caminhei diretamente para o elevador.

Quando eu desci do elevador no andar onde era o escritório de Erick, eu tive um total *déjà vu*. Nada parecia muito diferente, a não ser os materiais tecnológicos e algumas pessoas. A maioria delas me reconheceu e acenou.

Caminhei diretamente para a que parecia ser a secretária do andar. Ela levantou o olhar do computador ao me ver aproximando, voltou a olhar para máquina e levantou o olhar de novo, parecendo me reconhecer. Sorri-lhe tentando parecer simpática e não começar a surtar porque ela era bonita.

— Oi, eu gostaria de poder falar com o sr. Harvey? — Eu disse, em meio tom de pergunta.

Ela se atrapalhou, se tremeu toda e pegou o telefone, apertando o botão que provavelmente a ligaria com a sala de Erick. Sorri, percebendo que ela não deveria ter muito tempo na empresa e que provavelmente me conhecia por uma foto ou sabe-se-lá-como.

— Senhor Harvey, sua noiva está aqui para vê-lo. — Ela anunciou. Ah, ela sabia do novo status, então, talvez, Erick tivesse comentado algo (lê-se anunciado a plenos pulmões) — reunião? Não, senhor, sua primeira reunião é depois do almoço. — Ela franziu a testa enquanto ele falava. — Seu pai não está na empresa, senhor...

Eu nem esperei ela continuar, sabendo, conhecendo Erick tão bem, que ele estava tentando encontrar uma desculpa plausível para ela poder me passar. Precisava lembrar de comprar um presente para ela porque ela estava tentando me ajudar.

— Não se preocupe — Eu disse a ela, que apenas levantou o olhar, dividindo a atenção entre mim e Erick aí telefone — Eu sei o caminho.

Certamente essa não fora a resposta que ela esperava. Se levantou e me chamou, mas eu já estava longe. Quando eu cheguei em frente a porta de Erick, ele ainda estava ao telefone, parecendo bastante confuso com a secretária que deveria estar contando que eu estava a caminho.

Zangada, eu cerrei os olhos enquanto ele batia o telefone no gancho. Entrei, sem cerimônia alguma e sentei-me no sofá e bati ao meu lado,

pedindo para ele sentar ao meu lado. Ele suspirou, parecendo cansado e espalmou as mãos na mesa, se levantando. Ele cruzou o espaço da sala, caminhando até a porta e eu cheguei a segurar a respiração, achando que ele me deixaria ali sozinha.

Mas, felizmente, ele apenas olhou para os dois lados do corredor, estranhamente e fechou a porta, trancando-a antes de vir sentar ao meu lado.

Eu estava tentando entender o porquê de tudo aquilo quando ele puxou minha mão e a enlaçou entre as suas. Sua atitude, ao invés de me amolecer, me deixou ainda mais zangada. Como ele podia pensar que eu cederia apenas com um carinho ou outro?

— Aconteceu algo? — Ele questionou, parecendo genuinamente preocupado e curioso.

Aquilo quase me pegou desprevenida e me amoleceu, mas eu estava realmente zangada. Por isso, puxei minha mão, tirando-a de sua posse para cruzar meus braços e, em seguida, cruzei minha perna, deixando meus pés balançarem impacientemente sobre seu olhar atento. Vi-o franzir a testa, aparentemente tentando entender o que eu estava fazendo.

— Trabalhando até tarde o suficiente para me negar um jantar e dormir comigo? — Perguntei, minha voz uma oitava mais alta, devido à minha revolta. — Inventando reuniões imaginárias para evitar que eu entre no seu escritório? — Eu olhei para ele e ele me encarava, impassível, quase como se não entendesse do que eu estava falando — Você acha que eu não te conheço o suficiente para saber que você está me evitando, Harvey? E, então, eu pergunto à você: Aconteceu algo?

Ele suspirou e bateu com as mãos nas coxas, se levantando do sofá. Acompanhei seus movimentos apenas com meus olhos, analisando cada centímetro da sua face, a procura de algo que pudesse me dizer o que estava acontecendo, quando ele não me dizia.

Erick ajoelhou-se à minha frente inesperadamente. Segurei a respiração, vendo-o procurar meus olhos, cheio de sentimentos que eu não conseguia identificar, mesmo que eu tentasse arduamente.

Mas havia amor. Um monte disso.

— Eu realmente estou atolado de trabalho — Ele murmurou. Arriscou colocar a mão sobre minha perna, impedindo-me de balançá-la. Deixei. — Não tem nada que você precise se preocupar da minha parte. É só

que... Meu pai quer que eu assuma um cargo que eu não tenho certeza se estou preparado, não tenho tanta experiência. Então eu realmente estou tentando fazer as coisas darem certo por aqui. – Ele parecia dizer a verdade, mas eu via em seus olhos que tinha algo mais – E eu não quis entrar na casa do seu pai no meio da noite e invadir seu quarto... Ele não costumava gostar muito disso, nem de dia. – Levei minha mão ao rosto e ri, não resistindo àquelas lembranças boas. – Não tem nada para você se preocupar aqui, eu te juro.

Eu o vi engolir a seco e franzi a testa. Aquele era um dos sinais mais típicos quando ele mentia.

— Não. – Eu disse, voltando a balançar meu pé, mesmo com sua mão sobre minha perna. – Tem algo errado e você não quer me contar.

Erick riu e revirou os olhos, apoiando suas mãos em minha perna. Em um movimento rápido, ele levantou o corpo até que seus lábios estivessem nos meus e suas mãos estivessem nos dois lados do meu rosto, me obrigando a beijá-lo de volta até que eu cedesse.

E eu, tola que era, o fiz. Antes que eu pudesse perceber, estava deitada no sofá com Erick sobre mim, apertando-me pela cintura e beijando-me tão fervorosamente que me fazia corar só de pensar que estávamos em um lugar tão pouco apropriado.

Após algum tempo, vendo-me tão molenga aos seus encantos, Erick encerrou o beijo com uma mordida em meu lábio inferior e apoiou o braço no sofá, afastando o rosto do meu e me olhando a uma distância mínima, apenas o suficiente para que não nos fizesse ficar vinhos ao encararmos um ao outro.

— Bom... – Ele disse, com um sorriso doce no rosto. – Que tal você não se preocupar mais com coisas bobas enquanto eu trabalho, huh?

Balancei a cabeça, chateada. Embora nublada pelas sensações que Erick causava em mim, eu ainda tinha certeza que tinha algo muito sério acontecendo e que Erick estava mantendo aquilo afastado de mim. Mas entendi que ele não iria me dizer, então soltei um sorriso de lado, meio infeliz, e concordei com a cabeça, fazendo Erick sorrir abertamente.

— Achei que você pudesse almoçar comigo – Eu murmurei, a voz falhada como se eu estivesse prestes a chorar.

Erick olhou-me, chocado, percebendo, talvez apenas agora, que ele estava magoando meus sentimentos, me mantendo longe.

— Que horas são? – Perguntou-me, levantando-se do sofá.

Ele bateu os pés até sua mesa enquanto eu me sentava no sofá, tentando arrumar toda a bagunça que ele havia feito em meu vestido e em meu cabelo, não com muito sucesso.

— Sei lá, Erick, umas onze e pouca? – Perguntei, enquanto ele mexia no computador, tentando checar a hora. – Eu acho que eu preciso de um espelho.

Erick levantou o olhar para mim e sorriu de lado, claramente orgulhoso de todo estrago que fizera. Levantei-me de sofá, tentando desamassar o vestido e ouvi-o estalar a língua.

— Dez pra meio-dia e eu não fiz nada – Ele suspirou. – Droga, mulher, você me distrai. – Ele fechou os olhos. – Acho que eu vou ter que passar o almoço, Mari, me desculpa.

Abaixei a cabeça e balancei-a, concordando, não escondendo que eu estava chateada. No segundo seguinte, Erick estava à minha frente, envolvendo-me pela cintura em seu abraço forte.

— Me desculpe mesmo, princesa... – Ele murmurou, encostando o nariz no meu. – Mas, escuta, nós nem conversamos direito... Você quer mesmo se mudar de volta pra cá, não quer?

Fechei os olhos e ri. Eu achei que já tinha ficado extremamente óbvio apenas pelo fato dele ser vice-presidente da empresa do pai dele, mas Erick ainda me perguntava aquilo.

— Claro, Erick – Espalmei as mãos em seu peito, levantando-me nas pontas dos pés para beijá-lo. – Eu preciso de carona pra casa... – Sussurrei, beijando-o mais uma vez.

Ele suspirou e eu sabia que ele estava prestes a ceder à todos os meus pedidos só pra ter mais um segundinho pra me beijar, mas seu celular tocou e ele voltou-se todo para a sua mesa.

Franzi a teste, sentindo toda a tensão em seu corpo antes dele desvencilhar-me de mim e correr até o celular, checando algo enquanto respirava de forma irregular.

— O que foi? – Perguntei, já nervosa.

Meu primeiro pensamento era somente Lizzie. Ele levantou o olhar para mim, percebendo meu pânico e tentou sorrir, mas seu sorriso era estranho e não bonito.

— É só o meu pai... – Ele murmurou. – Estou em problemas agora. Nada de garotas, lembra?

Soltei uma risada nervosa e concordei com a cabeça. Erick cruzou o espaço entre nós como uma bala e me deu um selinho.

— Vou arrumar um carro pra você, tudo bem? — Ele murmurou. — E eu prometo que vou tentar ir dormir com você essa noite, então, por favor, não me tire esse vestido até eu chegar.

Eu ri, sentindo-o apertar minha cintura com uma força exagerada e encostar seus lábios nos meus mais uma vez, apenas de leve, apenas um até logo.

E eu fui embora com o coração na mão. Apesar de saber que não havia nada de errado comigo, Erick ainda estava agindo estranho. E eu gostaria muito que ele me dissesse o que estava acontecendo e, então, eu poderia ter alguma ideia do que fazer.

Como prometido, ao chegar ao térreo, havia um táxi executivo me esperando para me levar em casa e ele parecia ter instruções claras para não olhar nenhuma parte do meu corpo porque se manteve com os olhos abaixados todo momento em que falou comigo.

Erick nunca mudava. E, ao contrário da minha viagem de ida, a de volta fora com um sorriso leve no rosto.

Ao chegar em casa, porém, esperando encontrar um aos exacerbadado, encontrei a calma. Ao reparar que eu estava encarando o vazio, Matilda — eu finalmente decorara o nome da governanta — disse:

— A senhora Evans está convidando as amigas para o bazar. E o senhor Evans precisou ir ao escritório, disse que, mesmo com isso tudo, tinha algum trabalho para fazer.

Concordei com a cabeça, o silêncio da casa me incomodando um bocado depois de dias de trabalho e casa cheia. A ausência de Lizzie ficava mais gritante a cada segundo.

— E Alan e as crianças? — perguntei, esperando ao menos me distrair com meus irmãos e toda a confusão que eles causavam.

Fingi não perceber que Matilda estava me encarando com um olhar que beirava a pena.

— Foram assistir um filme que os gêmeos estavam perturbando para assistir. O senhor Evans garantiu que tentaria te ligar assim que a sessão acabasse.

Concordei com a cabeça, tomando meu caminho para a sala, para continuar meu trabalho de avisar aos amigos de Jack sobre o bazar, acreditando que aquilo, e só aquilo, iria distrair minha cabeça de tudo

que estava acontecendo.

Sentei-me ao sofá e peguei o computador deixado estrategicamente sobre a mesinha de centro, só então reparando que Matilda me seguira. Encarei-a por sobre o ombro, vendo-a corar.

— Só queria avisar que o almoço está pronto, senhorita. — Ela anunciou, torcendo as mãos, claramente ansiosa. — Posso preparar seu prato e trazer para a senhorita.

Eu não tinha fome, nem nenhuma vontade de tentar comer. E, embora parecesse que ela fizera algo delicioso e queria que eu provasse e elogiasse, eu não estava com esse pique.

— Tenho certeza que está maravilhoso... — Disse, para aliviar — Mas eu almocei com Erick, obrigada Matilda. — Menti — Mas pode separar um prato para o meu jantar.

Meio decepcionada, ela concordou com a cabeça e sumiu em direção à cozinha. E lá estava eu sozinha com aquela mansão imensa, vazia, com apenas minhas tarefas para me distrair.

E voltei às ligações, cada uma mais desgastante e maravilhosa que a outra. Todos prometendo ajuda. Uma senhora me fez chorar porque ela chorara, imaginando o que faria se fosse a neta dela. Pessoas comentando como o mundo estava ruim atualmente, mas duas ligações mexeram horivelmente comigo. A primeira foi a senhora Willem.

— Por favor, a senhora Willem? — Perguntei. A, provavelmente, empregada, pediu que eu esperasse alguns momentos e eu aguardei, até que uma voz agudíssima me respondeu “Alô?” – Senhora Willem, aqui é Mariana Evans...

“A bastarda ou a estuprada?” Ela questionou.

Eu abri e fechei a boca algumas vezes, sem saber como responder aquilo. Respirei fundo e tentei me lembrar de todas as minhas aulas de diplomacia para ligar com aquilo.

— Na verdade, senhora, Willem, eu sou as duas. – Disse, firme. – Estou ligando a pedido de meu pai...

“Sim, claro”. Ela disse. *“O que eu não entendo é o porquê que uma ralé como você está ligando para mim”*

Respirei fundo, mas não fui capaz de segurar minha língua:

— Se a senhora me deixasse falar, dona Willem, talvez já tivéssemos resolvido esse mal-entendido.

Ouvi um barulho esquisito e, então, ouvi a voz dela mais longe,

gritando:

“OLENA, ATENDA ESSA LIGAÇÃO E MANDE ESSA GAROTINHA NÃO ME PROCURAR MAIS PORQUE EU NÃO QUERO SABER SE A IRMÃ DELA PRECISA DE ESMOLA”

Desliguei antes que precisasse passar mais um segundo daquilo. Tampei meu rosto com minhas mãos, respirando fundo sobre as lágrimas que brotavam em meus olhos, mas eu era mais forte que isso. Era mais forte. Aquela mulher sabia exatamente o que estava acontecendo, mas ela só queria incomodar, me deixar mal. Eu não a deixaria vencer.

Bebi um pouco do suco de laranja que haviam deixado ali para mim e tomei coragem para ligar fazer minha última ligação.

— Senhor Ward? – Perguntei.

“Mariana?” Ele questionou e eu assombrei-me que ele reconhecesse minha voz. Ele suspirou. *“Ah. Já sei. Erick comentou comigo sobre... Bazar? É algo assim?”*

— É sim, senhor Ward. – Suspirei, aliviada que ele fosse tão fácil.

“Achei que já havia lhe dito para me chamar pelo nome, Mariana”. Eu ri e ele riu junto. *“Então, eu não vou querer comprar nada, mas tenho certeza que tenho algum dinheiro para ajudar”.*

— Ah, senho... Christopher. – Corrigi-me, fazendo-o rir. – Meu pai não quer... Hm... Dinheiro em troca de nada.

“Vamos considerar uma parte do seu presente de casamento, certo?” Eu segurei a respiração. *“Ah, desculpe. Sei que ainda não é exatamente oficial, mas Erick estava animado, comentando sobre isso agora à pouco. Estava querendo saber onde você iria gostar de passar a Lua-de-Mel. Tenho que lhe dizer que estou muito feliz com isso”.*

Eu não sabia o que dizer. Mordi meus lábios, emocionada, ouvindo a campainha tocar ao longe. Ainda virei-me, querendo ir atender, mas Matilda passou, levantando as mãos, informando-me que eu podia continuar onde estava.

— Eu... Obrigada.

Ele riu de leve.

“Eu mando o dinheiro pelo Erick, querida”. Ele disse. *“Estou me sentindo culpado pela sua irmã e desejo que ela retorne o mais rápido possível. No que precisar... Você sabe meu número agora”*

— Eu não sei o que dizer, Christopher. Eu... Muito obrigada.

"Disponha, querida".

Ele desligou no momento em que Matilda deixou uma caixa em cima da mesa, voltando para a cozinha. Olhei curiosamente para a caixa, vendo-a endereçada em meu nome.

Fazia anos que eu não recebia nenhuma correspondência na Inglaterra. Não fazia ideia do que aquela caixa estava fazendo com meu nome e, sem conseguir conter minha curiosidade, enviei minha caneta na caixa e abri-a.

Um emaranhado dourado reluziu assim que eu empurrei a tampa para o lado. Segurei a respiração e peguei o emaranhado.

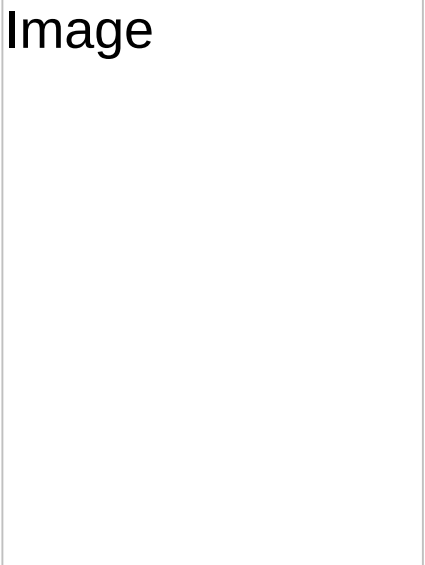
Cabelo. Loiro. Bem cuidado, mas bagunçado.

Ao levantá-lo, embaixo dele se revelou um pequeno quadrado que me chamou a atenção. Peguei-o e as lágrimas foram impossíveis de conter.

Ali, uma foto de Lizzie com o rosto cheio de marcas avermelhadas de pancadas recentes.

E careca.

Image



Eu não respirava. Eu não sentia nada.

Meu coração parou de bater, meu nariz parou de puxar ar para que eu respirasse, meus olhos pararam de piscar, meu cérebro parara de pensar. Todas as minhas funções vitais estavam congeladas em choque por admirar aquele pedaço de papel fotográfico.

Eu podia ouvir meu coração rasgando-se em meu peito. Quebrando-se em mil pedaços, sofrendo de uma forma que eu não conseguia colocar em palavras e que eu nunca conseguiria, em minha vida, expressar.

Dor. Eu era acostumada com a dor. Ela estivera em todo o lugar, em toda a minha vida. Mas toda vez que ela voltava, parecia voltar mais forte, parecia que sabia em quais pontos eu conseguiria resistir e atacava novos pontos. Eu me sentia vulnerável.

Lembrava-me bem de quando minha mãe morreria. De como era a sensação de se sentir sozinha no mundo inteiro, de não ter um lugar para me escorar e não saber que futuro me aguardava. Lembrava-me da dor de sentir que eu nunca mais a veria, minha desleixada e defeituosa mãe, mas ainda minha. Aquela que me botava para dormir e me dava sorrisos doces quando se recordava que eu ainda estava por ali.

Ainda sentia a dor e a humilhação do meu estupro, o sentimento de vulnerabilidade e de sujeira em todo o lugar. De não merecer chegar perto das pessoas, de ser usada. Ainda doía em mim em cada osso do meu ser, os olhares de pena de gente que não entendia o que era cada pedaço de você ter sido abusado por alguém tão vil, tão macabro.

E a dor de perder um filho, que ainda era pior e mais forte que todas aquelas juntas. O vazio e a incompetência de não ter conseguido segurá-lo em meu ventre por mais tempo. O sangue, o desespero, o futuro cheio de possibilidades que se esvaía de minhas mãos.

Mas, lá estava eu, novamente. Sem reação, perdida em dor e sofrimento por ser incapaz de proteger a criatura mais perfeita do mundo todo: minha irmãzinha.

Meu olhar ainda estava preso na foto de Lizzie, admirando todos os detalhes que eu não podia evitar. Seu lábio inferior estava cortado, o sangue pisado marcava-o e ao redor. Suas bochechas estavam avermelhadas e eu podia ver marcas de dedos meio arroxeadas nelas. Havia um corte em sua sobrancelha. Os olhos estavam arroxeados ao redor, por falta de dormir, mas, principalmente, parecendo ter levado um soco.

Ela ainda conseguia ser linda. Seus olhos, embora cheio de lágrimas, mostravam uma força e ousadia incríveis, como se ela estivesse enfrentando à altura a pessoa que tirava aquela foto. Por mais que parecesse encolhida e amarrada, ela estava por cima. Parecia uma vencedora.

E, mesmo assim, seus cabelos estavam em minhas mãos e sua cabeça estava tão lisa que eu estava me sentindo terrivelmente incomodada.

Eu mal podia ver atrás dela, mas não pude deixar de buscar por pistas. Havia alguém segurando seus braços, um braço musculoso parecia mantê-la sem se debater. O ambiente era escuro, havia uma infiltração próximo à sua cabeça, e parecia de pedra e chão.

Saindo da minha forma congelada, eu movi meu olhar até minhas mãos, apertando em punho o maço de cabelo de Lizzie com tanta força que eu não me recordava de ter. Eu os segurava como se fosse a minha vida, como se aquilo fosse algo que eu não pudesse deixar fugir.

Era a única coisa de Lizzie que eu tinha agora.

Sem pestanejar e com lágrimas escorrendo de meus olhos como se fossem cachoeiras, eu levei o cabelo ao meu rosto, cheirando-o e apertando contra mim. Infeliz, reparei que o característico perfume do shampoo de Lizzie havia desaparecido e sido substituído por um forte cheiro fétido de banheiro público com mofo.

Minhas mãos foram diretamente para meu próprio cabelo, levando-o

ao meu nariz. Eu estava usando o shampoo de Lizzie desde que eu tivera a oportunidade de colocar as mãos dele e seu cheiro me fazia lembrar-me de ficar de pé, lutando para tê-la de volta.

Inconvenientemente, a voz da senhora Willem soou em minha cabeça. *“A careca ou a estuprada?”*

Não. Eu protegeria Lizzie de todas as formas que eu tivesse ao meu alcance. Eu seria as duas.

Com lágrimas por todo o lugar e as pernas bambas, eu levantei-me aos tropeços, derrubando telefone, computador, o copo de suco, cadernos... Tudo que estava ao meu redor. Parei por um segundo, apenas, para perceber que, de alguma forma, a mesa de centro da sala havia sido virada em algum dos meus movimentos. Não me importei. Eu tinha coisas mais importantes para fazer.

Na estante da sala, abri uma gaveta. Matilda e Izabely entraram na sala quase ao mesmo tempo, de olhos arregalados para a bagunça que eu fizera. Mal notaram quando eu peguei a tesoura da gaveta e cortei uma mecha do meu cabelo, apenas um centímetro acima da raiz.

— SENHORITA! — Matilda berrou, ao ver meu cabelo caindo em direção ao chão. Ela correu até mim e arrancou a tesoura de minhas mãos, não antes que eu conseguisse cortar outra mecha. — Senhorita, por Deus, o que está fazendo? Nós vamos consertar isso, eu conheço uma cabeleireira que...

— Tild. — Izabely chamou.

Eu e Matilda olhamos para ela. Ela tinha lágrimas nos olhos e segurava o mesmo maço de cabelos dourados que estivera em minhas mãos, momentos antes, com todo o carinho do mundo. Ela levantou-se, caminhando até nós, e entregou a foto de Lizzie para Matilda.

Estávamos as três chorando e ninguém havia pronunciado uma palavra sequer sobre o assunto. Não precisava de explicações.

Encarei Matilda, meus olhos rolando lágrimas sem parar, mas minha determinação estampada em cada poro de minha face, em cada milímetro do meu olhar. Matilda suspirou, afastando as lágrimas de seu rosto com as costas das mãos e olhou para a tesoura, soltando um suspiro.

Com um aceno, elas se entenderam. Izabely começou a recolher o cabelo de Lizzie com todo o cuidado, os que eu havia espalhado ao me levantar e o montante que havia ficado dentro da caixa. Senti a tesoura

próxima ao meu couro cabeludo antes de notar que Matilda estava cortando meus cabelos com cuidado.

— Não se preocupe, senhorita — Ela me disse, a voz falhada e trêmula. — Vou fazer um corte lindo em seu cabelo, o senhor Harvey vai adorar.

Apenas balancei minha cabeça levemente, contente que alguém pudesse fazer aquilo por mim quando minhas mãos tremiam tanto de desespero. De tanta impotência.

Izabely saiu da sala por uns momentos, voltando rapidamente com um elástico e uma escova. Amarrou os fios de cabelo de Lizzie com todo o cuidado do mundo e os escovou até que eles tivessem a forma de antes, lisos e arrumados. Com todo o cuidado, ela arrumou a mesa, limpou a minha sujeira e deixou a cascata dourada de Lizzie sobre ela, finalmente andando até nós.

Matilda estava cortando as últimas mechas do meu cabelo com cuidado. Eu estava chorando tanto que eu não conseguia ver o quanto já havia finalizado, mas sentia que Izabely estava catando meus fios de cabelo pelo chão, fazendo a mesma coisa com o que fizera com os de Lizzie.

Como eles sequer merecessem tal tratamento.

— Pronto, senhorita. — Matilda anunciou.

Ela olhou para meu rosto e soltou um sorriso triste, puxando seu avental para secar meu rosto das lágrimas. Izabely levantou o olhar de onde estava, engatinhando no chão ao recolher meus cabelos, e deu-me um sorriso de leve

Passei a mão pelos meus cabelos, tão curtos que nem escondiam meus dedos dentro deles. Balancei a cabeça, agradecendo, sem conseguir dizer nada.

Sem rumo e sem ação, me sentindo completamente vazia de propósitos, sentei-me de volta no sofá. Matilda e Izabely se entreolharam. Assim que Izabely terminou de recolher, amarrar e pentear meus cabelos, ela os deixou ao lado dos de Lizzie e as duas sumiram de volta à cozinha, levando a tesoura com elas. Um aviso claro de que aquele era o limite para os meus cabelos, nada mais curto que aquilo, mesmo que eu quisesse.

Não sei exatamente quanto tempo se passou enquanto eu me mantive sentada no sofá, sem saber o que fazer, mas foi algum. Fingi

não reparar que Matilda e Izabely estavam revezando para ir até a sala de minuto a minuto, checar se eu continuava em segurança. A caixa e a foto continuavam sobre a mesa, provavelmente aguardando a inspeção de Jack e Kate.

E eu estava quebrada.

Esperei que uma delas viesse e se fosse para que eu tivesse certeza que teria um momento antes que elas notassem minha falta. Levantei-me e, silenciosamente, caminhei até o banheiro mais próximo, me trancando lá dentro o mais rápido que pude.

E lá estava eu, uma diferente eu, refletindo no espelho.

Essa nova mulher estava machucada, seus olhos refletiam a mais profunda dor. Mas ela também parecia forte e decidida, tão esperta quanto podia ser. Seus cabelos curtos davam-lhe um ar selvagem e indomado, quase o oposto do inocente e frágil que eu demonstrava com meus cabelos longos.

E eu sabia que cada pedacinho daquela mulher já estivera dentro de mim antes.

— Senhorita? – Ouvi a voz de Matilda do lado de fora da porta, enquanto ela dava soquinhos de leve, checando se era ali que eu estava.

Respirei fundo, só então percebendo que eu parara de chorar, que eu havia absorvido aquilo.

— Estou bem! – Garanti-a. Minha voz firme a ajudou a acreditar em mim, com certeza. – Só precisava... Me checar.

Ouvi um suspiro e uma batidinha de leve na porta. Encarei a madeira, esperando que a porta se abrisse e que ela me arrancasse dali pelos cabelos e me obrigasse a ficar sob seu olhar atento.

Mas ela não tinha as chaves. E eu não tinha mais cabelos.

— Qualquer coisa é só me chamar, senhorita! – Ela disse.

Não respondi. Senti algo vibrar em meu bolso e retirei meu celular dali, sem nem notar que ele estivera ali durante todo o dia. Acendi-o, abrindo uma mensagem de Erick.

“Por Deus, Mariana, estou preocupado, já. Por que não me responde?”

Franzi a testa e chequei minha caixa de entrada, vendo que havia mais cinco mensagens de Erick não lidas. Uma me falava que o pai dele não queria mais que ele trabalhasse depois das três e as outras

eram mais desesperadas, perguntando se eu estava bem ou zangada.

Sorri de leve e, sem saber como contar-lhe sobre o que estava acontecendo, tirei uma foto minha no espelho do banheiro e enviei-lhe com uma mensagem que dizia *“Espero que você não se importe”*.

Sentei-me sobre a tampa fechada do vaso sanitário, encarando o nada por mais alguns minutos. Era como se eu não soubesse como me sentir, como se não houvesse propósito algum para a minha vida.

Eu não soube o que foi que me atingiu, mas, em um minuto, eu estava em uma tranquilidade assustadora e, no outro, eu estava chorando desesperadamente, socando a parede.

Levantei-me e olhei-me no espelho, soluçando. Com raiva e sem pensar, soquei-o, quebrando em mil pedaços. O sangue em minha mão, escorrendo mais rápido do que deveria ser considerado seguro, não me importava. Eu poderia sentir dor se Lizzie estava sentindo. Era como se a dor me deixasse mais próxima dela do que meus pensamentos ou minhas atitudes.

— SENHORITA? — Ouvi Izabely gritar da porta. — SENHORITA, O QUE FOI ESSE BARULHO?

Eu apenas joguei meu corpo contra a porta, desesperada.

— VÁ EMBORA. ME DEIXE EM PAZ. VÁ EMBORA!

E voltei a soluçar e a berrar de dor. Minha mão, ainda fechada em punho, estava apertada contra minha camiseta, que já ganhava um tom avermelhado por causa do meu sangramento. Izabely voltou a bater na porta e pedir que eu abrisse, mas eu não ignorei. Foram longos minutos nessa situação, minha camisa já ficando completamente avermelhada. Talvez eu sangrasse o suficiente para dormir de cansaço. Era a minha esperança.

— Mariana? — Erick disse, do outro lado da porta.

Eu fiz incapaz de conter meus instintos. Minhas pernas embaralharam-se, mas eu consegui levantar-me e correr para a porta, abrindo-a e encontrando um Erick preocupado e assustado do outro lado da mesma. Ele arregalou os olhos de surpresa ao me ver, mas não negou meu abraço quando eu empurrei meu rosto contra o peito dele.

Senti uma de suas mãos em meus cabelos raros, acariciando de forma estranha, como se não soubesse exatamente o que fazer agora, com eles tão curtos. A outra, segurava meu pulso, com minha mão ensanguentada. Ele se afastou, olhando para ela e, capturando minha

curiosidade, só então eu percebi que tinham cacos de espelho presos em pequenos cortes.

— O que aconteceu? — Ele questionou-me, os olhos arregalados de medo e preocupação.

Eu explodi em lágrimas mais uma vez. Erick, mesmo cuidadoso, soltou minha mão e levou suas mãos aos lados do meu rosto, segurando-o e beijando meus lábios docemente e secando minhas lágrimas com seus polegares.

— A... Caixa... Caixa — Eu gaguejei, entre soluços.

Erick continuou fazendo carinho em meu rosto, esperando que eu continuasse, mas eu não conseguia. Fechei meus olhos, deixando as lágrimas correrem livremente pelo rosto. Ele me abraçou e senti-o olhando para o lado. Só então percebi que Matilda estava ali.

— Ela recebeu uma caixa com os cabelos da Srta Lizzie, Sr. Harvey. — Ela disse, simplesmente, não sem falhar a voz, também mexida pelos acontecimentos recentes.

Senti os dedos de Erick se movendo pela minha cabeça quase nua, fazendo um carinho delicioso e acolhedor. Ele beijou-me nos lábios mais uma vez, afastando-se para olhar minha mão.

— Vem, vamos cuidar disso. — Ele chamou-me.

Erick segurou-me pelo pulso, guiando-me de volta para sala. Ele fez com que eu me sentasse no sofá e sentou-se no chão, à minha frente, encarando minha mão em todos os detalhes. Matilda se aproximou momentos depois, trazendo um kit de primeiros socorros e um alicate de unha.

Erick foi bastante cuidadoso, tirando os cacos de vidro, pedacinho por pedacinho do meu machucado, que, afinal, nem era tão ruim assim. Mas, como haviam sido vários cortes, havia sangrado um bocado.

— Você está sentindo mais alguma coisa? — Ele perguntou, procurando por mais algum pedaço em minha mão.

Abri e fechei a mão algumas vezes, tentando encontrar algo que me incomodasse. Mas não tinha nada, não ali. Então apontei com o nariz para a mesa de centro, atrás de Erick.

— Só quero que joguem isso fora. — Pedi.

Erick já estava se virando para fazer o que eu havia pedido quando Izabely correu em direção aos dois montes de cabelo, o loiro de Lizzie e o meu, negro. Ela os segurou com força, mantendo-o longe do alcance

de Erick.

— Não, senhorita! – Ela choramingou. – Conheço gente que dá uma grana gorda por um cabelo bonito assim. Podemos conseguir mais dinheiro para trazer a senhorita Lizzie de volta!

Encarei-a, impassível e concordei com a cabeça. Izabely balançou a cabeça, um agradecimento mudo, e sumiu da sala com o montante de cabelo apertado em suas mãos.

Erick estava me encarando. Ainda com cuidado, ele enfaixou minha mão com cuidado, apenas para me lembrar que eu deveria mexer aquela mão com cuidado para não me machucar mais. Feito isso, ele veio sentar-se ao meu lado e passou o braço ao redor da minha cintura, me acalentando.

Coloquei meus pés para cima do sofá, aconchegando-me no abraço de Erick, nossas mãos brincando uma com a outra em seu colo, distraído-se sem nada para ser dito em especial.

— Você ficou linda assim... – Erick disse, após algum tempo.

Sorri leve, apenas superficialmente, e balancei minha cabeça, agradecendo, antes de apertar um pouco mais o abraço de Erick ao meu redor. Fiquei apenas ali, esperando por algo que eu não sabia o que era, a respiração de Erick me distraído o suficiente para que eu não me afundasse em lágrimas.

Alguns minutos mais tarde, uma meia hora talvez, Erick estava lendo algum livro enquanto fazia carinho, nosso abraço meio bagunçado, mas ainda apertado, nós ouvimos movimentações na porta. Eu comecei a tremer e ele passou os braços ao redor da minha cintura, me puxando para o seu colo enquanto eu esticava meu pescoço por cima do seu ombro para ver o que estava acontecendo.

Foi assim que eu vi as expressões de completo choque que Jack e Kate fizeram ao bater os olhos em mim.

— Mas... Mas... o que... O que você fez... Fez... Com seu cabelo? – Kate foi a primeira a se pronunciar, devidamente revoltada com meu estrago.

Kate era a pessoa mais ligada em aparência que eu conhecia e eu, sendo sua enteada, tinha que estar impecável. Meu cabelo, porém, estava destruído agora e ela estava pensando em tentar me matar, com toda certeza.

Meu pai, porém, era uma pessoa observadora. Ele viu além do meu

cabelo, a forma com que Erick me segurava, mantendo-me apertada contra ele e em seu colo, mesmo na presença dele. Meus olhos vazios, minha mão enfaixada, minha blusa ainda coberta de sangue.

— Mariana, por favor. — Ele implorou, sentando-se ao nosso lado do sofá. — Por favor, seja o que for que você estivesse pensando, não nos deixe. Nós vamos passar por isso juntos, ok?

Balancei a cabeça negativamente, já com lágrimas nos olhos. Não precisei de muito para notar que meu pai estava pensando que eu tentara me matar. Mas, é claro, uma pessoa quebrada como eu, era surpresa que nunca tivesse passado por minha cabeça.

— Jack — Erick chamou a atenção de meu pai para si, colocando a mão no ombro dele. — Jack, não foi isso. Olhe, em cima da mesa.

O olhar de Jack foi diretamente para a foto de Lizzie, deixada em cima da mesa cuidadosamente por Matilda e Izabely. Por mais que sua imagem fosse dolorida, era a única coisa que tínhamos de Lizzie por esses dias. A única coisa que nos mostrava que, por mais que ela não estivesse *bem*, ela estava viva.

Jack pegou a foto, com os olhos arregalados do mesmo choque que eu tivera. Nesse momento, Kate cruzou a sala, estalando seus saltos pelo caminho, e arrancou a foto de suas mãos com uma expressão mais decidida impossível. E sua expressão também se congelou e se transformou em total choque, quase vazia de qualquer outra coisa.

Minutos se passaram enquanto Jack e Kate absorviam a informação, ou assim me pareceu. Erick apertava-me com força, dando-me beijos em minha nuca recentemente descoberta, tentando me manter nublada o suficiente para que eu estivesse longe do sofrimento, mas quando Kate levantou seu olhar para mim, lá estava eu, perdida nos mesmos sentimentos de novo.

Eram os olhos de Lizzie. Os olhos selvagens e desafiadores de Lizzie. Era o mesmo olhar da foto.

— Quero... Quero um... Corte... Quero — Ela tentou falar, mas suas lágrimas já haviam começado a correr por seu rosto e ela não estava conseguindo falar direito.

Mas eu sabia o que ela queria.

— MATILDA! — Gritei.

Com se esperasse por esse desfecho, Matilda apareceu na sala apenas momentos depois, já com a tesoura em mãos. Izabely a seguiu

com um novo elástico, recolhendo as madeixas de Kate com todo o carinho do mundo enquanto nós três, Jack, Erick e eu, assistíamos a tudo impassíveis, sobre os soluços de Kate.

Image

Era estranho me encarar no espelho, com aqueles cabelos curtos ressaltando todas as imperfeições do meu rosto. Minhas orelhas pareciam grandes demais, minhas bochechas pareciam vermelhas demais e meu nariz parecia torto. Não havia mais uma cascata negra para que eu os escondesse.

Mas, mais estranho que isso, era encarar Kate com seu novo corte de cabelo estilo tigelinha. Eu nunca tinha visto com o cabelo mais curto do que na altura da cintura e agora nós duas éramos como dois meninos escolares. Tony tinha cabelos mais longos que os nossos.

Suspirei, resolvendo me render aos meus pedidos e arrisquei uma maquiagem para tentar disfarçar todos os meus defeitos. Agora, tão amstras, eu teria que cuidar melhor deles.

Terminei de me arrumar e voltei para o meu quarto, pegando bilhete de Erick para ler mais uma vez, como se eu já não estivesse decorado suas palavras.

***Meu amor,
Eu não quis te acordar, você demorou tanto tempo para
conseguir dormir e você estava dormindo tão tranquila...
Fui pro trabalho e já estou morrendo de saudades. Mais tarde,
eu ligo pra você pra saber como você está.
Com muito amor,
Seu Erick***

Com o coração apertado, suspirei, completamente chateada. Não

me importaria se ele tivesse me acordado e ele sabia disso. E, além de tudo, o bilhete me preparava para mais um dia sem ele com um “te ligarei”. Eu queria entender o que estava se passando com Erick, mas a cada dia mais, mais confusão se instalava na minha mente.

Mas hoje... Hoje eu esqueceria Erick e todo o resto. Hoje, meu dia se concentraria no bazar e em ajudar minha irmã, que precisava de mim. Seja o que fosse que estava acontecendo com o Erick, podia esperar o desfecho desse problema.

Desci as escadas tão silenciosamente quanto me era permitido, meus ouvidos atentos à movimentação da sala. Não me admirei ao encontrar as únicas coisas que estavam trazendo vida à nossa casa por ali.

Sam e Tony estavam fazendo uma espécie de dança da chuva improvisada ao redor da mesa de centro, sobre o olhar atento de uma Kate completamente amorosa e atenciosa. O instinto materno dela era tão brilhante e inspirava tanta admiração que a estranheza por seu cabelo tão curto, na altura dos olhos, fora totalmente massacrada.

Ao me ver aproximando-me, Kate levantou o olhar e sorriu levemente para mim, carinhosamente como se ela fosse mesmo minha mãe – e nos últimos anos tinha sido -, mas seu sorriso não chegava aos olhos. Ao encará-la, pude perceber que ela dividia comigo a sua dor, como uma igual, uma semelhante. Mostrava para mim – e só para mim, que me entendia e que estava ali para dividir suas lágrimas, como nós havíamos feito no dia anterior.

Mostrando que eu entendia, concordei com a cabeça, sorrindo de volta. Foi nesse momento que meus irmãos perceberam minha presença e se jogaram contra as minhas pernas, quase me derrubando. Rindo, abaixei-me.

— Mããããã! – Eles falaram, cada um da sua vez, um “irmã” mais reduzido e tão adorável que me fez apertar suas bochechas, fazendo-os expressar caretas idênticas.

— Bom dia, meus amores – Eu disse-lhes.

Ganhei abraços de resposta, fazendo Kate sorrir. Tinha certeza de que, se ela estivesse bem, estaria com uma câmera fotográfica em cima de nós naquele momento. Minhas visitas à casa eram sempre terrivelmente fotografadas para a lareira.

— Cadê seu cabelo? – Tony perguntou.

— Posso cortar meu cabelo também? – Sam perguntou.

— Por que você não foi ao cinema ontem? – Tony continuou.

— Por que todo mundo cortou o cabelo menos eu? – Sam inquiriu.

Eu já estava ficando tonta com a enxurrada de perguntas quando ouvi o riso de Kate e levantei os olhos para olhá-la levantando do sofá e se aproximando.

— Vamos, vamos, vamos deixar sua irmã respirar, huh? – Ela disse.

Eles se afastaram, parecendo decepcionados e eu me levantei, encarando Kate com o mesmo sorriso contente, mas vazio.

— Ufa. – Eu murmurei, brincando. – Achei que eles iam me matar.

Kate riu quando os dois fizeram caretas para a minha declaração. Colocou, então, a mão em meu ombro e em encarei-a, esperando o que ela poderia dizer.

— Querida, sei que você gostaria de estar no bazar hoje, mas... – Ela cortou as palavras que diria, provavelmente por conta de Tony e Sam estarem assistindo avidamente por informações do tal *bazar*, que eles provavelmente nem sabiam o que era – Pensei que seria mais *agradável* que você e Alan levassem Tony e Sam no parque do shopping.

Cerrei os meus olhos para ela, tentando compreender e ela balançou a cabeça. O movimento dos cabelos dela me chamou a atenção e eu entendi. Ela queria me poupar dos olhares constrangedores dos amigos dela e de meu pai ao meu novo corte de cabelo, enfrentando-os todos sozinha. Como uma mãe faria.

— Você tem certeza? – Eu perguntei-a.

Tony e Sam estavam ao sofá, fazendo figa. Não pude deixar de sorrir ao olhá-los. Kate virou o corpo ao ver meu sorriso e, quando voltou a me olhar, ela também sorria, dessa vez, realmente mostrando ter um pinga de felicidade dentro de si.

— Tem como não ter? – Questionou-me.

Concordei com a cabeça, em um suspiro. Ela deslizou a mão pelo meu braço e, encontrando com a minha, apertou-a.

— Vocês dois – Ela disse, virando-se para Sam e Tony, sem soltar minha mão. – Vão acordar seu irmão para ir com vocês.

Os dois furacões-zinhos deixaram a sala em uma pequena confusão, subindo às escadas e sumindo em direção ao quarto de Alan

tão rapidamente que eu me perguntei de onde eles tiravam tanto fôlego.

— Venha aqui, querida. — Kate chamou-me, ainda me segurando pela mão e sentou-se ao sofá, fazendo com que eu a imitasse logo em seguida. — Tenho que dizer que eu gostei do que você fez com seu rosto hoje.

Sorri levemente. Mesmo toda quebrada, Kate arrumava um segundo para me agradecer quando eu me arrumava um pouco mais. Ela sorriu de lado para mim, parecendo perceber onde meus pensamentos estavam.

— Obrigada. — Sussurrei.

Ela pegou um pedaço de pano e colocou-o sobre suas pernas de uma forma que esperava que eu não percebesse, mas meu olhar captou seus movimentos e ela sorriu, triste.

— Espero que entenda o porquê eu te quero longe daqui hoje... — Ela murmurou. — Há muita gente maldosa no mundo e algumas pessoas virão aqui só para ver o caos que se instalou...

Concordei com a cabeça, tendo a confirmação do que eu achava que era. Ela sorriu, levemente, percebendo que eu estava aceitando bem.

— Só estou um pouco frustrada... — Murmurei.

— Eu sei — Ela murmurou, rapidamente. — Mas as condições mudaram e eu realmente não quero que você passe por mais isso. — Ela levou a mão ao meu rosto e acariciou-me, levemente. — Sei que nós não tivemos muito tempo e que nós nunca falamos muito sobre isso, mas... Você é minha filha, não importa as condições em que isso acabou acontecendo... — Ela disse, fazendo meus olhos marejarem. E sorriu, quando percebeu que me tocara. — E você é uma mulher maravilhosa, da qual eu tenho muito orgulho. Mas você também já passou por tanta coisa que, tudo o que eu desejo agora, é proteger você.

Eu funguei, deixando uma lágrima correr pelo meu rosto, que foi rapidamente secada por Kate.

— Eu sei, eu... — Não consegui dizer.

— Está tudo bem. — Ela sussurrou-me. — Por querer proteger você, eu queria pedir pra você usar isso toda vez que for sair. Claro, há mais modelos desse para você usar... — Ela entregou-me o pano que havia em cima de sua perna, só então me deixando perceber que era

uma touca. – Quero evitar que as pessoas sejam cruéis com você por causa do nosso cabelo. Você sabe que elas são.

Concordei com a cabeça, pegando a touca e colocando rapidamente sobre minha cabeça, fazendo-a sorrir. Sem se conter, suas mãos acabaram nas bordas da touca, arrumando-a para mim.

— Está linda – Ela me garantiu. – Promete pra mim que vai tentar se divertir hoje? – Perguntou-me. Concordei com a cabeça, sem mais ter o que dizer. Ela beijou-me na bochecha. – Ótimo, querida, ótimo.

E com isso, levantou-se, me deixando com o coração tão cheio de amor e admiração quanto ele podia ser.

Enquanto eu aguardava Alan e os gêmeos descerem para sairmos, o tédio me fez recuperar meu celular do bolso traseiro da minha calça e não resisti ao pedido dos meus dedos, digitando rapidamente uma mensagem para Erick.

“Estarei no shopping hoje. Será que consegue passar lá para o almoço?”

Enviei antes que meus dedos pudessem ser contidos ou que eu repensasse melhor sobre aquilo.

Alan desceu, parecendo extremamente desanimado em ter que passar mais um dia de babá apenas alguns momentos depois, com os gêmeos em sua cola, cantarolando alguma música infantil, parecendo bastante animados. Sem notar, Alan e eu entreolhamo-nos e nada podia disfarçar o bolo no estômago que sentimos ao notar que éramos nós quatro, não cinco como das últimas vezes.

E ele também parecia um bocado sem jeito pelo meu novo corte de cabelo.

A ida até o shopping foi marcada por Tony e Sam e suas musiquinhas. Alan estava desconfortável com a minha presença, então, tentando quebrar o gelo, passei meu braço pelo seu e encostei minha cabeça em seu ombro. Vi-o, de rabo de olho, sorrir enquanto passava o braço pela minha cintura.

— E lá vamos nós de novo... – Alan murmurou, à entrada do shopping, respirando fundo.

Empurrei-o levemente, vendo Tony e Sam saírem correndo à frente, sendo perseguidos pela babá dos dois, ligeiramente desesperada em manter o mesmo passo.

— Ah, vamos – Eu disse-lhe. – Não pode ser tão ruim.

Alan quase matou-me com seu olhar de revolta.

— Eles são dois monstros. — Disse. E ao perceber que eu não estava acreditando nele, completou: — Você vai ver.

E eu vi. O dia foi cheio de seguir Sam pra cá enquanto Tony corria para o lado oposto. Fazê-los almoçar foi quase um parto, enquanto eles choramingavam porque queriam ir ao brinquedo de gente grande, também conhecido como caixa eletrônico, que eu usara para sacar dinheiro pra pagar o almoço.

E eles não paravam, corriam de um lado para o outro, subiam em lugares que não era para subir... Quando eu achei que conseguiria um momento tranquilo para respirar e cheguei perto de Alan, que assistia aos videogames, onde Tony assentara-se para uma pequena batalha, foi quando tudo se escafedeu-se de vez.

— Sam está virando a Cinderella. — Disse à Alan, quando me aproximei. — Convenci-a que princesas devem ser comportadas e cuidar do seu povo. Acho que ela vai ficar quieta agora.

Alan suspirou e deu de ombros, o que me dizia claramente que ele não acreditava nem em uma vírgula disso. Mesmo assim, ele apontou com o queixo para a Tony, que jogava videogame com um garoto que parecia ter quase o dobro do seu tamanho.

— Tony está se divertindo — Disse.

Assim que nossos olhares bateram no garoto, quase como se ele estivesse esperando estar sob observação para fazer isso, ele jogou o controle do videogame no chão e empurrou o outro garoto.

— É O GOKU! — Ele berrou.

Alan e eu corremos até Tony. Tentei segurá-lo enquanto Alan continha o outro garoto que berrava:

— É O SONIC! O SONIC!

E, então, estávamos rodeados de crianças que torciam para o Goku ou para o Sonic e eu ainda não conseguia entender qual era o assunto que podia englobar os dois. Alan estava rindo da minha cara de pânico, tentando segurar meu irmãozinho que se debatia e, agora, gritava a favor do Sonic, sendo que torcia para o Goku apenas dois segundos atrás.

Assim que eu consegui conter Tony e arrastá-lo para longe do garoto, larguei-o no chão com um suspiro cansado e Alan se aproximou, rindo. Eu mal tinha recuperado o fôlego quando ouvi o grito:

— EU SOU A CINDERELLA!

Girei, com o olhar arregalado em tempo de ver Sam enfiando um sorvete no meio da barriga de uma menina que vestia a fantasia de Branca de Neve.

Respirei fundo enquanto Alan ria.

— Cuida dele, tá? – Disse, antes de correr em direção à Sam.

A Branca de Neve estava chorando junto à mãe e Sam estava subindo e descendo da ponte de seus pés quando eu me aproximei.

— Sam, por que você fez isso? – Eu perguntei à ela, baixinho, quando percebi que ela tinha lágrimas nos olhinhos claros, tão parecidos com os de Lizzie.

Ela fungou e a cascata de lágrimas se desfez diante dos meus olhos.

— Ela... Ela disse... que eu não... eu não podia... – Ela choramingou um pouquinho e, depois, completou tudo rapidamente: — ser a Cinderella porque eu sou morena e ela é loira.

E chorou de verdade.

Rindo de como os problemas das crianças eram tão simples, eu a puxei para um abraço e afofei seu cabelo negro igual ao meu com carinho.

— Claro que você pode ser a Cinderella, você é uma princesa! – Eu disse a ela. Ela se afastou para me olhar, com os olhinhos cheios de esperança. – Mas uma princesa não pode jogar sorvete na roupa da outra, então seja educada e peça desculpas, está bem?

Ela concordou com a cabeça, secou suas lagrimazinhas e caminhou até a coleguinha, que era confortada pela mãe. Segui de perto.

— Desculpe por ter jogado o sorvete em você, você não merece isso porque você é a Branca de Neve e a Branca de Neve é legal, mas a Cinderella é mais legal e eu sou a Cinderella e não devia ter jogado o sorvete em você. – Ela disse, antes de virar e caminhar até Alan, balançando seus cabelos negros.

Olhei para a mãe da garota, que ria levemente da resposta de Sam, enquanto sua filha piscava, tentando entender.

— Desculpe – Eu murmurei.

Ela balançou a mão, como se não se importasse. “Crianças”, murmurou antes de arrastar-se com a filha para o banheiro.

Achei que estava tudo terminado, mas no segundo seguinte, fui abordada por um funcionário que me pediu 50 libras pelo dano ao controle e para a lavagem do vestido da Branca de Neve.

— E você ainda acha que eles não são monstros? – Alan me questionou, quando eu voltei com as bochechas avermelhadas de esforço de correr de um caso para o outro, tentando resolver.

— Você tem razão – Eu lhe disse, fazendo-o rir. – Eu não aguento mais. Chega. Para casa, agora!

O coro de “ah” foi quase mais forte que os suspiros de alívio da babá e de Alan.

— Mas nós estamos nos divertindo! – Tony resmungou, fazendo bico.

Eles eram tão irresistíveis que eu quase cedi ao seu bico deixando-os ficar mais um pouquinho, mas eu acreditava que minhas pernas não aguentariam mais correr de um lado para o outro atrás deles.

— Mas não nós... – Alan sussurrou para mim, do meu lado. Eu ri. – Ei, que tal nós dois nos divertimos agora?

Enquanto a babá tentava conter Tony e Sam e suas reclamações, eu virei-me para Alan, claramente interessada. Fazia algum tempo que eu e Alan não saíamos juntos, só nós, para nos divertir com essa relação de irmãos que conseguimos construir contra todas as adversidades que nos assolaram na adolescência.

— E como você acha que a gente vai conseguir isso? – Perguntei-lhe.

Alan sorriu maleficamente.

— Kellet... – Ele chamou. Ela levantou o olhar da gola que tentava arrumar em Tony – Pode levar as crianças para casa que eu e a Mariana vamos... Ali.

Ele apontou com a cabeça para uma loja qualquer, mas Kellet sorriu e entendeu. Sob os protestos de Sam e Tony, ela os arrastou para o estacionamento, onde o motorista nos aguardava. Alan passou os braços ao redor do meu ombro.

— Bom, irmãzinha... – Disse. – Vamos encher a cara!

Meia hora depois e duas tentativas de tentar chamar Erick para a nossa confraternização, nós já estávamos na terceira cerveja e eu estava tentando fazer Alan entender o que estava acontecendo entre eu

e Erick.

— E ele me pediu em casamento, então eu realmente não entendo o porquê que ele está sendo um completo babaca agora – Choraminguei. – Quero dizer, ele não me atende, mas ontem, quando eu fui ao escritório, ele agiu super estranho, mas foi carinhoso. E em casa... Quando... Hm...

Alan sorriu de lado, compreensivo. Ele estava balançando a cerveja de um lado para o outro, completamente interessado no meu discurso infinito.

— A propósito – Ele disse. – Eu adorei seu novo corte de cabelo.

Eu ri, levemente. Deixei a touca escorregar um pouco para tocar meus fios de cabelo tão curtos quanto um pelo de um gato.

— É, eu também acho que gostei disso.

O silêncio se fez por alguns momentos e eu virei meu copo todo de uma vez, perdida em pensamentos sobre Erick. Alan pediu mais duas bebidas em seguida e, ao receber seu novo copo, curvou-se levemente sobre a mesa, parecendo desanimado.

Encarei-o por momentos, até que ele sorriu de lado, parecendo ceder à minha pressão e respondeu à pergunta imaginária que eu estava lhe fazendo:

— Estou... Me sentindo culpado. – Disse. – Por Lizzie. – Completou, ao perceber que eu não estava entendendo.

Franzi a testa e beberiquei um pouco da minha cerveja, antes de completar rapidamente, quase engasgada:

— Mas que bobagem! – Eu lhe disse. – Por que você acha isso?

Alan respirou fundo e quando ele voltou a me encarar, seus olhos estavam tão diferentes que eu paralisei. Alan, desde que passara pelo tratamento contra as drogas, era uma pessoa tão alegre, que fazia brincadeira com tudo... Raramente, ele ficava sério e mesmo com Lizzie e sua situação, ele continuava exalando sua costumeira alegria e seu senso de humor, mas não agora.

Só então eu percebia que tudo aquilo que ele ostentava era uma máscara que ele aprendera a vestir para não nos preocupar. E isso me deixava louca.

— Eu e ela fomos à uma festa que uma colega dela estava dando em uma boate pra comemorar alguma coisa muito escrota que eu não sei o que era e não me importava, a gente só queria mesmo era se

divertir. – Ele fechou os olhos, chateado. – E, então, eu a perdi de vista. Fiquei desesperado, liguei pra todo mundo e aí, no dia seguinte, seu pai recebeu a primeira carta de sequestro. – Ele bebeu um gole imenso de cerveja, e enquanto eu o olhava, impassível, ouvindo a história direito pela primeira vez. – Então, se eu não tivesse me pegado com a garota do top preto, talvez eu não tivesse perdido Lizzie de vista e ela estivesse aqui, bebendo com a gente. – E mais uma golada. – O que seria bem mais divertido.

Ignorei o fato dele não me achar divertida – o que eu realmente não era, tentando ser mais responsável do que eu podia – e balancei a cabeça negativamente com toda a vontade que eu tinha.

— Alan... – Eu chamei a atenção dele. – Você não sabe o quanto você está errado. Eu... – Suspirei. – Alan, o pai de Erick tem quase certeza que é Théo que está fazendo isso. E eu acredito que é pra se vingar de mim, por tê-lo colocado na cadeia. Então... Bom, a culpa é minha.

Nós dois nos encaramos por algum momento, sem saber o que dizer um para o outro. Concluímos, então, que a solução era beber um pouco mais.

Image

Fingi não perceber a luz cegante brilhando por detrás das minhas pálpebras fechadas, mas não pude impedir meu corpo de reagir, apertando os olhos com força para que ela não penetrasse e acabasse com meu sono gostoso e não levasse pontadas de dor à minha cabeça, que parecia que estava maior do que era, de fato.

Fingi, também, não ouvir uma risada de leve ao, quando minha coberta desapareceu, fato que eu me encolhi inteira para manter o calor do meu corpo intacto.

Mas era quase impossível, então, lutando contra todas as adversidades, eu enfiei minha cabeça embaixo do travesseiro e soltei um muxoxo inteligível, disposta a passar o resto da vida escondida ali.

Senti, então, minha cama afundar ligeiramente e, então, uma mão posicionou-se no meio das minhas costas, forçando-me a balançar de um lado para o outro de maneira a me despertar, mas eu não queria levantar, nem um pouco.

— Vou dormir mais – Murmurei, caso ainda não estivesse óbvio.

Ouvi um suspiro e o balanço ficou um pouco mais forte e constante. Apenas apertei o travesseiro um pouco mais contra minha cabeça, como se aquela linguagem corporal fosse tão explícita quanto era em minha cabeça tão cheia de dores: Eu queria dormir.

Queria dormir porque fazia algum tempo que eu realmente não conseguia; queria dormir porque minha irmã estava desaparecida e, não importava o que eu fizesse, eu não conseguia trazê-la de volta; queria dormir porque meu noivo não se lembrava que eu existia. Mas, principalmente, eu queria dormir porque, embora eu já tivesse prometido umas três vezes que isso nunca mais iria acontecer, eu havia

enchido a cara com meu irmão na noite anterior.

— Senhorita – Ouviu a voz de Matilda, quem me sacudia – Senhorita, precisa levantar.

Como uma criança mimada – que eu nunca fora -, bati meus pés no colchão, contrariada. Isso apenas lançou um pouco mais de dores em minha cabeça e eu me arrependi profundamente de tal feito.

— Só de...Depois – Bocejei.

Já estava quase dormindo novamente, quando o travesseiro desapareceu. Arrisquei abrir meus olhos para lançar meu melhor olhar de vingança para Matilda, mas isso apenas fez com que tudo acima do meu nariz entrasse em uma espécie de sacudidela de dor e eu fechei meus olhos com força, novamente.

— Senhorita, por favor! – É sobre a senhorita Lizzie!

Isso me despertou quase que instantaneamente. Levantei minha cabeça, os olhos abertos e quase não me importando com a dor. Ao ver que eu estava disposta a me levantar, Matilda fez seu caminho até a saída do meu quarto.

— O que aconteceu? – Perguntei, quase desesperadamente. – O que tem a Lizzie?

Ela não parou nem por um segundo, apenas virou-se de frente para mim e soltou uma última frase antes de desaparecer totalmente:

— Seu pai deseja todos na sala em dez minutos.

Dez malditos minutos para me arrumar e como é que eles esperavam que eu fizesse isso com o meu cérebro parecendo uma esponja com pedregulhos? Esfreguei minha testa com força e sentei-me, empurrando meus pés para fora da cama, apenas para sentir minha cabeça sacudindo de uma forma que eu achei que seria mais fácil arrancá-la fora do que convencê-la a parar de doer.

Enquanto eu apertava meus olhos e esfregava minha testa com força, como se fosse capaz de tirar a dor dali, ouvi uma risada e levantei meus olhos para encontrar Alan parado na porta do meu quarto.

— Bom saber que eu não estou sofrendo sozinho.

Dei-lhe língua, levantando-me – não sem um pequeno esforço para manter o equilíbrio – e caminhei até o meu banheiro, pronta para tentar esconder o estrago do meu rosto, mas até que eu não estava tão ruim quanto eu pensava.

Alan aproximou-se, encostando no batente da porta do banheiro enquanto eu passava os dedos pelos meus cabelos curtos, contente em identificar um ponto bom naquele corte: Por mais que eu me esforçasse, ele nunca estava despenteado.

— Você sabe do que se trata essa tortura? – Perguntei a Alan, antes de enfiar a escova de dentes na boca.

Ele suspirou, vendo-me escovar meus dentes enquanto o encava com cara de poucos amigos, porque ele nada dizia.

— Acho que é uma carta nova. – Disse, finalmente. – Sei lá. Estava dormindo, também.

Cuspi a espuma, revirando os olhos. Enquanto lavava a boca, parei para prestar atenção no estrago de Alan. Ele estava despenteado e com olheiras de quem pouco dormia há dias, assim como eu. A camisa totalmente amassada e a calça marrom, a mesma que ele utilizava no dia anterior, estava com uma mancha enorme de vinho que Kate piraria assim que colocasse os olhos nela.

Achei que se eu colocasse o robe, ninguém repararia em mim. Alan levaria todos os olhares repreendedores.

Já de robe, caminhei até a cabeceira da minha cama, com Alan prestando atenção em todos os meus movimentos. Peguei meu celular e escrevi “Parece que Jack recebeu outra carta. Preciso de você”. e enviei para Erick, soltando um suspiro vergonhoso. Alan estalou os lábios.

— Nenhum avanço com ele? – Inquiriu

Balancei a cabeça, antes de perceber que aquele era um dos movimentos proibidos e fiz uma careta, provocando um sorriso estúpido em Alan.

— Não. — Murmurei, por fim. — Ele continua agindo como um idiota completo.

Alan suspirou e caminhou até mim, dando uns tapinhas esquisitos em minhas costas. Sorri, fingindo que estava gostando. Eu andava fingindo muita coisa mesmo.

— Eu te disse. — Ele murmurou. Franzi a testa, não entendendo. — Anos atrás, quando eu mandei você largar ele e fugir comigo, eu te disse.

Espalmei minha mão em meu rosto, corando levemente. Aquele era um assunto extremamente delicado e, embora eu tivesse noventa

por cento de certeza que era apenas mais uma brincadeira sem graça dele, aquilo ainda era complicado.

— Alan... — Eu murmurei. — Por favor.

Ele empertigou-se todo, tirando a mão de minhas costas para me olhar nos olhos, totalmente perplexo.

— Você não... Ew! — Exclamou, me fazendo suspirar de alívio. — Não, credo! Eu estava drogado, eu nunca... Que nojo, Mariana, não vou falar mais com você!

E me fazendo rir verdadeiramente, ele saiu do meu quarto batendo os pés, parecendo realmente ofendido, apenas para voltar, colocando apenas a cabeça em meu campo de visão, me dando uma piscadinha.

Sentindo-me bem mais leve do que quando eu acordara, segui-o escadas abaixo.

Jack e Kate sorriram ao nos ver chegando a sala, de braços dados e nos cutucando, em uma sintonia perfeita. O clima no aposento, embora estivéssemos brincando, era tenso. Mas havia algo novo no ar, algo bom, diferente. Esperançoso. Eu não sabia dizer o que era.

Alan sentou-se no sofá em frente aos nossos pais e eu imitei-o, mas não sem antes tirar o celular do bolso do robe e checar se Erick havia me respondido. Alan me encarava, esperando novidades e eu apenas neguei com a cabeça, suspirando. Ele, rapidamente, passou os braços ao meu redor, em apoio.

Eu sempre tivera certezas com Erick, ali, agora, eu estava perdida em um momento que eu realmente precisava dele. No dia anterior, ele nem ao menos tinha atendido minhas ligações. Nem minhas mensagens ele estava se dando o trabalho de responder. Meu coração estava tão apertadinho que já devia estar do tamanho de um botão. Ou da ponta de um cadarço.

O pensamento de traição vinha à minha cabeça de tempos em tempos. Eu não podia evitar, minhas bochechas coravam de raiva e ciúme todas as vezes. Mas eu não podia me dar o trabalho de ficar pensando nisso... Lizzie era por deveras importante. Mais importante do que Erick do que Erick me ignorando, com certeza.

— Então — Jack pigarreou, tirando-me de meus devaneios. — Ontem, enquanto vocês pareciam estar bebendo como dois adolescentes inconsequentes... — Alan abriu a boca para retrucar, mas

Jack levantou a mão, impedindo-o — Sem repreensões. Alguém precisava se divertir e ficamos contentes que vocês tenham conseguido. — Alan e eu chegamos a afundar no sofá, de alívio por termos passado direto por aquela bronca. — Então, ontem a maior parte dos nossos amigos vieram ao bazar e temos pouca coisa, apenas o que a Mariana reservou para os que vem hoje. E nós conseguimos quase toda a quantia do resgate de Lizzie.

Alan chegou a dar um soco no ar de comemoração, mas eu havia me prendido em outras palavras. Aquelas eram más notícias mascaradas de boas, coisa que Jack, na sua posição, sabia fazer como ninguém.

— Quase — Eu frisei, congelando a animação de Alan. Kate sorria levemente para mim, já sabendo do que se tratava. — Quanto falta?

Jack sorriu tristemente e eu percebi a mão de Kate indo procurar a dele, apertando-a discretamente. Um sinal de apoio incondicional que me fez sorrir de leve. Eu os admirava mais do que tudo no mundo.

— Um pouco mais que um milhão — Ele sussurrou. — Ainda é muito, mas muito menos do que a gente precisava. Kate e eu vamos ao banco hoje ver se conseguimos nos desfazer de algumas ações e retirar um empréstimo com o valor que falta.

Ele olhou para Kate com os olhos mornos de amor incondicional e eu encarei-os dando um pequeno beijo, sob os resmungos de Alan sobre ter crianças — nós — na sala. Eles sorriram para nós por um momento.

— O delegado falou que ele vai acompanhar a troca e que podemos reaver o dinheiro — Kate disse. — Mas não estamos pensando nisso, só em tê-la de volta.

Eu concordei veementemente, sem perceber que Alan estava tendo a mesma reação que eu. Nós não precisávamos daquele dinheiro todo, eu, sobretudo, que vivi na dureza boa parte da vida. Lizzie era muito mais importante do que qualquer coisa no mundo.

Talvez mais importante até mesmo que Erick.

— Então, pagando o resgate, nós vamos ter um tempo ruim, vamos ficar um pouco apertados e cortar algumas despesas.

Alan e eu continuamos balançando a cabeça veementemente, afirmando que estava tudo bem e que a gente não se importava. Eu já estava começando a me perguntar se era por aquilo que eles haviam

me acordado, uma coisa tão besta, quando eu percebi que Jack estava tirando um pedaço de papel de dentro do bolso. Logo reconheci: A carta que Alan falara antes. Ela realmente existia.

— Nós recebemos isso ontem a noite — Jack murmurou e eu percebi que ele estava com a garganta apertada de emoção. — A carta afirma que Lizzie está bem, mas que ela não ficará assim por muito tempo se nós demormos demais com o dinheiro. E diz que nós vamos receber uma ligação essa manhã. O telefone já está sendo monitorado para tentar rastrear a ligação, mas achei que seria melhor estarmos todos juntos nesse momento.

Nós nos encaramos por um momento e eu, pateticamente, senti lágrimas em meus olhos. Lágrimas de medo. De algo sair errado, deles se irritarem. Alan me abraçou mais apertado, percebendo o meu incômodo, e beijou minha cabeça, da maneira que Erick sempre fazia para me acalmar. Ele provavelmente achara que isso ia melhorar meu estado, mas apenas me lembrou o quanto Erick estava sendo idiota e me deixou ainda mais nervosa, mas fingi que não.

Os minutos foram se arrastando em silêncio. Nós nos olhávamos, falávamos poucas coisas, tentando manter o ambiente em um clima que beirasse o agradável, mas era impossível. A espera era assustadora e cheia de perguntas: E se eles tivessem desistido? E se já havíamos demorado demais?

Depois de algum tempo, o telefone finalmente tocou. Matilda ainda tentou correr para atender, mas Jack levantou a mão e ela parou no meio do caminho, apertando as mãos em frente de seu avental, nervosa. Jack apertou o botão do viva-voz e todos nós seguramos nossas respirações.

— Bom dia — Jack cumprimentou, entredentes.

Houve o que pareceu um longo período de silêncio, enquanto ouvíamos a respiração do outro lado da linha. Jack levou um dedo ao lado, pedindo que ninguém falasse nada, além dele.

— Você já tem o dinheiro?

A voz era fria, masculina e cheia de maldades. Meu coração quebrou-se em mil pedaços, só de pensar que minha irmã estava sendo cuidado por aquela espécie de monstro falante.

— Teremos hoje à tarde — Jack respondeu.

Ouvimos um murmúrio pela linha telefônica nada que pudesse ser

identificado e, então, a voz voltou a se pronunciar:

— Amanhã de manhã, King Cross, plataforma sete. Onze horas.

E ouvimos o telefone bater no gancho e a ligação tinha caído. Muito rápido, nada sobre Lizzie.

Kate e eu estávamos chorando e nem tínhamos percebido. Eu estava apertando meu celular com força, como se aquela conexão falha com Erick fosse o que me manteria a salvo.

Mal nos recuperamos da ligação, o celular de Jack tocou. Ele soltou um suspiro cansado e atendeu, enquanto Alan me abraçava e Matilda servia um copo de água com açúcar para Kate. Momentos depois, Jack informou-nos que fora impossível descobrir de onde viera a ligação porque fora curta demais.

É claro que nós não teríamos aquela sorte. Nunca tínhamos.

Momentos depois, Jack anunciou que iria ao banco, Kate se aprumou e foi à garagem com Izabelly, a fim de encontrar com as últimas pessoas a comprarem coisas no bazar, antes de seguir Jack para o banco. Alan beijou-me a cabeça, se levantando.

— Por que você não descansa mais um pouco? — Perguntou-me.

Concordei com a cabeça, mesmo tendo certeza absoluta que eu jamais conseguiria dormir depois daquela experiência. Mesmo assim, quando Alan tomou o caminho para a sala de jogos dos gêmeos — provavelmente para jogar um pouco de videogame antes que Tony se apoderasse -, eu encaminhei-me para o meu quarto e joguei-me sobre a cama.

Sem conseguir me conter, meus dedos discaram o número de Erick e eu aguardei, impacientemente, enquanto o telefone chamava, antes de cair, mais uma vez, em caixa postal.

— Eu queria dizer que estou muito feliz com todo o apoio que você está me dando. Nós acabamos de falar com o sequestrador de Lizzie.

E desliguei. Fiquei meia hora rolando na cama, quando me arrependi amargamente de ter sido tão má com Erick e liguei para ele mais uma vez, novamente caindo na caixa postal.

— Olha, eu sei que você deve estar ocupado e desculpe-me por estar tão nervosa, mas eu realmente queria que você estivesse aqui comigo.

Depois do almoço, que eu engolira dentro do meu quarto mesmo,

eu me irritei com a falta de resposta de Erick mais uma vez, ligando para ele e deixando outra mensagem gravada.

— Quer saber? VAI SE FERRAR!

E aí fiquei choramingando na cama, mexendo nas últimas mensagens que eu havia recebido dele. Foi aí que eu finalmente prestei atenção em uma coisa que ele havia me dito: Erick estava saindo às três.

O que ele fazia, depois das três, que não podia ir me ver?

Olhei para o relógio e percebi que já eram duas e quarenta. Passei o braço pelo meu casaco favorito e, mesmo meio amassada e desajeitada, com um lenço completamente torto amarrado no meu cabelo, eu desci as escadas e exigi que o motorista me levasse até Erick, mesmo com ele me irritando e dizendo que eu deveria ficar em casa e tudo mais.

Como eu poderia ficar em casa?

Meu celular marcava três horas em ponto, quando eu desembarquei no gramado dos Wards e berrei, com muito mal humor, para o motorista ir embora e parar de me perturbar. Ele foi, contrariado em me deixar "passar a tarde/noite fora" e eu encaminhei-me para o caminho entre a mansão e a garagem, sorrindo levemente ao me deparar com a *noossa* casa, sempre tão linda, adorável e cheia de boas lembranças.

Apressei meu passo até a porta, só para girar a maçaneta e forçar a entrada algumas vezes antes de descobrir que estava trancada. Com um suspiro, me contentei em sentar-me ao chão, ao lado da porta e aguardar, silenciosamente, por Erick.

Antes que eu pudesse me conter, porém, enviei uma mensagem para ele com apenas um "Surpresa" escrito. Tinha certeza que ele ficaria encucado.

Então, quando ele surgiu, cerca de vinte minutos depois, atravessando o corredor entre a mansão e a garagem, olhando para a tela do celular com a testa franzida, eu sabia que ele estava lendo minha mensagem. Sorri à sua visão e levantei-me rapidamente, tirando a poeira da minha roupa, o que chamou sua atenção, a expressão de surpresa em seu rosto me fez sorrir vitoriosa.

Mas só então eu percebi que ele estava me olhando como se eu fosse uma surpresa ruim.

— Mariana! — Ele gaguejou meu nome e ainda assim soou como se ele estivesse me repreendendo. — O que você... O que você está fazendo aqui?

Ele alcançou a porta, ao meu lado, já colocando a chave na fechadura em uma pressa assustadora. Nem um beijo, nem nada. Nem parecia ter sentido um décimo das saudades que eu sentira dele.

— Eu... Quis vir te ver. Estava sentindo sua falta. — Eu disse, meio incerta de todos esses sentimentos agora.

Ele abriu a porta com um suspiro de alívio, enfiando sua mão em meu braço e puxando-me para dentro com uma violência assustadora.

— Entre, rápido. — Ele ordenou, mesmo que eu já estivesse dentro de casa.

Encarei, com os olhos marejados, enquanto ele batia a porta com força e respirava tão rapidamente que parecia que havia corrido uma maratona. Naquele momento, eu sabia que algo muito ruim ia acontecer e me arrependi amargamente de não ter conseguido me conter, de não ter ficado em casa e esperado que ele pudesse me procurar.

— O que você está fazendo? — Eu questionei, fazendo-o olhar para mim, meio assustado com o tom da minha voz. — Eu vindo aqui, toda amorosa, tentar entender o porquê você não me atende, não me responde, venho dividir as coisas que tem acontecido com o resgate da minha irmã e matar um pouco de toda essa coisa horrível que eu sinto quando eu estou longe de você e é assim que você me recebe? É assim que você se sente sobre mim, Erick? Algo que você precisa esconder, agora que é um super vice-presidente?

Eu vi quando toda dureza pareceu desaparecer de Erick e ele estendeu o braço até mim, tocando meu braço, que eu afastei com força.

— Não se atreva. — Eu disse.

Ele balançou a cabeça com um sorriso leve, como se tivesse sentido falta até mesmo disso em mim. Eu não estava entendendo mais nada, então deixei-o me puxar pela cintura para um abraço e apoiei meu queixo em seu ombro, sentindo as lágrimas correrem.

— Eu também senti sua falta, meu amor — Ele murmurou, em minha orelha, me fazendo estremecer. — Muita. Eu só ando... Ocupado.

Senti seus lábios em meu pescoço e apertei os olhos com força,

deixando mais lágrimas correrem pelo meu rosto sem que eu sequer tomasse conhecimento delas. Cravei minhas unhas em seus ombros, tentando me certificar que ele estava realmente ali, que estava realmente dizendo que sentira minha falta e que aquilo não era fruto da minha mente doentia e frágil.

— Tão ocupado... — Eu sussurrei. — Que não consegue nem uns segundinhos pra me responder uma mensagem?

Eu me afastei dele, ciente de que ele estava mentindo para mim de alguma forma que eu não entendia. Ele corou, levemente, sobre o meu olhar observador e deixou as mãos, que antes me envolviam, caírem dos dois lados do corpo. Suspirou, olhando ao redor da maneira que ele fazia quando estava prestes a contar alguma história. Meu coração estava em tantos pedaços que eu mal conseguia respirar mais.

— Bem... — Ele sussurrou, abrangendo a mão, cheia de papéis empilhados.

Antes que ele pudesse continuar, porém, eu caminhei até a mesa sobre o olhar chocado dele e me sentei em uma cadeira, cruzando as pernas, olhando para ele de maneira desafiadora.

— Pode trabalhar. — Eu disse. — Vou ficar aqui hoje, vou assistir você.

Chocado demais para pensar em algo para dizer, eu apenas o ouvi falar um tímido e assustado:

— Não...

Mesmo com meu coração despedaçado, eu sorri ironicamente para ele, sabendo que eu estava jogando um jogo onde eu sairia perdedora — mas eu me recusava em sair por baixo.

— Não, Erick? — Perguntei, a voz cheia de veneno que eu nem sabia que possuía, mas que, com certeza, eu havia aprendido com a minha madrasta. — Por quê?

A pergunta, soando inocente, era, na verdade, um desafio. Era um "conte-me a verdade, Erick, ou ao menos uma mentira convincente"

Erick parecia um bicho encurralado: Ele passava a mão pelo cabelo, estalava os lábios, torcia as mãos... Ele não sabia como reagir a pressão que eu lhe estava fazendo e eu podia acreditar que iria explodir em pouco tempo.

— Você... Você não pode. — Ele murmurou, confuso. Levantou o olhar para me encarar e, então, eu vi uma espécie de determinação tão

apaixonada que eu achei que nunca tinha visto nada assim nele. Era alguma coisa pela qual ele preferir morrer apenas para proteger e isso me congelou por algum tempo. — Eu... Eu preciso de um tempo.

Tão embasbacada quanto eu estava com seus olhos e essa expressão nova que eu pouco conhecia, suas palavras demoraram para fazer sentido dentro de mim. Mas fizeram, aos poucos. Meus olhos se arregalaram e eu deixei meu queixo cair, junto com o chão, que parecia estar desaparecendo embaixo dos meus pés.

— Tempo? — Eu questionei, chocada. — Tempo, Erick?

E lá estava toda a raiva que eu segurara desde que eu soubera sobre Lizzie. Toda a raiva da impotência com o fato de não poder proteger minha irmã e manter meu relacionamento com Erick. Estava tudo ali, quando eu me levantei e empurrei a mesa ao chão, com toda a papelada se espalhando, coisa que eu precisei de toda força que eu tinha e a que eu não tinha também, para fazer.

— Mariana! — Ele exclamou, chocado.

Mas eu estava perdida em um turbilhão de raiva e já tinha marchado até a pia da cozinha, pegando um copo e tacando em sua direção. Ele se abaixou e foi apenas por milímetros que o copo não explodiu em sua face.

— Mariana o quê, Erick? — Eu gritei pra ele. Na minha mão, antes que eu percebesse, estava outro copo, que estourou aos pés dele segundos depois. — Você vai me contar uma historinha ou vai me dizer qual o nome da vagabunda que fez isso com você?

Erick estava me encarando com um misto de admiração, choque e descrença.

— Não tem ninguém, Mariana! — Ele me berrou, como se seu grito pudesse me fazer prestar mais atenção do que uma voz normal.

Mas eu só estava decepcionada.

Decepcionada por ele parecer com todos os ex-namorados das minhas amigas de faculdade, que tanto me diziam que eu era sortuda por ele não parecer.

— Eu achei que você fosse diferente, Erick. — Eu sussurrei, mal conseguindo conter minhas lágrimas. — Mas você só é igual a qualquer outro cara.

E antes que eu desabasse na frente dele, eu me encaminhei até a porta e sai de casa, pisando duro.

— Mariana, espera! — Eu o ouvi dizer, mas eu não queria mais vê-lo, não queria mais olhar na cara dele. — Mariana, por favor, me desculpe! — Ele gritou.

Dessa vez, ele estava mais perto e eu apertei o passo, querendo sair de perto dele o mais rápido que eu conseguisse. Mas ele me alcançou e segurou-me pelo braço.

Antes que eu pudesse me conter, minha mão estourou em sua face e nós dois nos encaramos em total choque com o tapa que eu lhe dera. Antes que ele pudesse se recuperar, eu virei-me de costas para ele e corri como se minha vida dependesse disso, mal podendo ver o caminho devido às minhas lágrimas.

Image

Eu ainda chorava quando finalmente cheguei em casa. Caminhei aos tropeços até o sofá da varanda e tirei meus sapatos, suspirando de alívio. Massageei, com calma, meus pés machucados e ardentes por conta da caminhada de vinte quarteirões às cegas pelas lágrimas e com sapatos inadequados para tal feito.

Fingi não perceber meu celular vibrando mais uma vez. Erick me seguiu por algum tempo, chamando meu nome, e o resto da caminhada fora ao som de suas incansáveis ligações e mensagens, todas devidamente ignoradas.

Esfreguei meus olhos e então encarei uma mancha preta em minhas mãos. Ótimo, toda minha maquiagem estava destruída. Abri minha bolsa e encontrei o pacotinho de papéis que Kate fazia questão de que eu mantivesse – Para emergências – Ela havia dito. Aquela era uma emergência porque eu não entraria chorando dentro de casa, não quando todos estavam tão felizes em ter Lizzie de volta no dia seguinte.

Foi quando eu tentava tirar todo o borrado do redor dos meus olhos, tentando evitar chorar novamente quando tudo me lembrava Erick, que eu ouvi passos se aproximando. Levantei o olhar para encontrar Kate sentando ao meu lado e tomando o papel de minhas mãos, para que ela terminasse por ela mesma.

— Você já ficou sabendo, querida? – Perguntou-me.

Franzi a testa para ela, mas ela passou o papel com um pouco mais de força, segurando meu rosto pelo queixo para que eu não fugisse, e meu rosto se transformou em uma careta de dor.

— Sabendo do quê? – Questionei.

Ela rapidamente balançou a cabeça, como se não importasse. Passou de limpar meu borrado e me encarou nos olhos, devidamente preocupada.

— O que houve, meu amor? – Perguntou. – Por que você estava chorando tanto? E quem deixou você tirar seus sapatos bonitos?

Ao mesmo tempo que lágrimas encheram meus olhos pela primeira pergunta, um riso meio desesperado arranhou minha garganta pela última. Afastei-me de seu aperto, esfregando meus olhos, ardendo pela constante visita de lágrimas na última hora.

— Erick e eu... Nós... Nós terminamos. – Eu gaguejei.

Essa era, obviamente, a última coisa que ela esperava ouvir. Era comum ouvir que brigávamos, mas era sempre “nós estamos brigados”. Nós nunca terminamos. Mesmo sem nos falar, nós estávamos juntos. Então, ao ouvir minha escolha de palavras, o queixo de Kate caiu ligeiramente, incapaz de conter sua surpresa.

— Mas... Mas por quê? – Ela perguntou, a curiosidade clara em seu tom de voz, estando tão admirada que esquecera um pouco de seu tão admirável tato. – Vocês... Vocês não estavam planejando se casar dias atrás?

Concordei com a cabeça, meus olhos já transbordando de lágrimas por um futuro perfeito que jamais chegaria a existir.

— Ele estava tão esquisito. Não estava me atendendo, eu falei com você sobre isso. – Ela concordou com a cabeça. – Então eu fui fazer uma surpresa pra ele hoje e estava esperando-o em casa e ele foi... Tão estranho. Disse que estava ocupado e que achava melhor a gente dar um tempo. Então eu taquei um copo na cabeça dele, mandei ele procurar a vadia que ele estava fodendo e nunca mais encostar em mim. E vim andando pra casa.

Funguei, as lágrimas correndo deliberadamente pelo meu rosto. Kate encarou meus pés por alguns segundos e, então, abriu seus braços e me puxou, acalentando-me em seu abraço.

— Ah, querida, tenho certeza que vocês vão fazer as pazes. – Ela garantiu-me. – Olha, não deve ser nada, ele só deve estar com muita coisa na cabeça e não está sabendo lidar... Vocês são novos e se amam. Tenho certeza que vão arrumar um jeito de resolver isso...

Tremi e me peguei chorando um pouco mais por conta dos seus

carinhos. Ela passou seus braços pelos meus ombros, me apertando como se isso fosse tirar parte da dor que eu estava sentindo.

— Eu nunca mais quero olhar pra cara dele, *mãe* — Eu disse, sem pensar.

A palavra simplesmente saiu da minha boca sem nenhuma permissão. Congelei em meu lugar, sentindo-a paralisada por alguns momentos, sem saber como reagir. Meu coração disparou e minhas bochechas ganharam um tom rosado e envergonhado. Arrisquei olhar para ela, que estava olhando para o quintal com seu abraço sem se afrouxar um milímetro sequer.

— Me... Me desculpe. Simplesmente... Saiu. — Gaguejei.

Ela, então, olhou para mim, com um sorriso tão lindo que eu achei que não poderia ter algo mais bonito. Beijou-me a testa com cuidado e voltou a apertar-me um pouco mais em seu colo.

— Pra quê desculpas, meu bem? — Perguntou-me. — É maravilhoso ouvir você falar isso. É assim que eu me sinto sobre você também e você pode me chamar assim quando quiser.

Meio que sem jeito, eu me afastei dela, secando minhas lágrimas e um pouco desengonçada.

— Me desculpe... Eu não sei. Eu...

Como se entendendo o que eu pensava, ela segurou meu rosto e acariciou minhas bochechas, fazendo com que eu olhasse para ela e seu sorriso doce, totalmente dedicado para mim.

— Olhe... Sei que isso deve ser um pouco complicado — Ela sussurrou. — Mas me chamar assim não vai fazer sua mãe ser menos sua mãe, mas vai me fazer me sentir mais assim do que eu já me sinto. E eu adoraria. Tenho muito orgulho dessa jovem maravilhosa e forte que você se tornou, mesmo com tudo que já aconteceu com você.

Fiz bico, sentindo as lágrimas voltarem a cair e, sem me conter, me joguei nos braços dela, abraçando-a. Ouvi seu riso bobo.

— Obrigada. — Eu sussurrei. E, então, completei. — Mãe.

Senti-a sorrir e percebi que ela também tinha lágrimas escorrendo por seu rosto ao senti-las pingar em meus ombros. Nos mantivemos abraçadas por um tempo e, então, ela se afastou abruptamente.

— Quer saber? — Disse. — Tenho certeza que isso vai acabar logo e então nós tiraremos umas férias bem longas no Caribe. Chega disso. Vai ser só Sol, diversão e bebidas!

Eu ri, secando minhas lágrimas e tentando me arrumar um pouco, ajeitando meu lenço e fungando meu nariz.

— Isso seria ótimo – Eu disse, por fim.

Ela riu baixinho e passou os braços pelos meus ombros. Acabei por deixar minha cabeça cair em seu colo, respirando tão calmamente que achei que eu poderia acabar conseguindo dormir, mesmo ainda sendo relativamente cedo. Ela parecia perdida em pensamentos e eu encarei-a quando ela suspirou. Ela percebeu e sorriu triste para mim.

— Os sequestradores ligaram de novo. Querem mais cinco milhões. – Ela sussurrou. – Parece que conseguimos dinheiro fácil demais e eles querem um pouco mais agora.

A frase demorou para fazer sentido dentro da minha cabeça confusa, mas quando eu finalmente entendi, fez menos sentido ainda. O que ela estava falando? Nós não teríamos Lizzie tão cedo?

— Cin...Cinco? – Eu gaguejei – O que nós vamos fazer agora?

Ela suspirou levemente, tão entorpecida pela dor que eu achava que ela não estava mais capacitada a chorar.

— Não sei, querida. – Confessou-me. – Seu pai está falando em vender a casa e irmos morar em um apartamento menor no centro.

Imaginei, para todos eles, como seria morar em um apartamento menor no centro. Nós estávamos todos beirando à loucura e o desespero. Medidas desesperadas para casos desesperadores.

— No centro. – Eu repeti.

Ela suspirou, olhando para a rua, o dia já estava escurecendo, ficando tão negro quanto nossos corações no dia de hoje.

— Na verdade, o Sr. Ward ofereceu-se para comprar a casa. – Ela comentou. – E que nós poderíamos continuar morando nela e iríamos pagá-lo por ela aos poucos, quando começasse a dar e tudo mais, mas você sabe como é seu pai. Ele não está nada feliz com ficar devendo favores a ele. E, agora... Menos ainda, com certeza.

Abaixei a cabeça, me sentindo culpada, mesmo não tendo culpa alguma pela bagunça. Eu sabia que o Sr. Ward não tiraria sua ajuda, mesmo com toda a confusão comigo e Erick, mas isso com certeza seria algo que faria meu pai negar veementemente. E só agravava pelo fato de não ter, aparentemente, um controle mais exato. Pagaríamos quando pudéssemos. Parecia, na verdade, uma ajuda.

E meu pai odiava que precisasse de ajuda. Ele provavelmente

preferiria perder a casa a ficar devendo favores.

— É um problema, eu acho. — Murmurei, perdida.

— E nós temos só três dias para resolvê-lo. — Ela sussurrou e eu não tenho certeza se era para que eu ouvisse.

Três dias para conseguir cinco milhões significava que nós não tínhamos opção alguma e nem tempo para pensar em nada.

— Mas, Kate — Eu chamei-a — Se só são três dias, nós temos que aceitar a proposta dele. — Eu disse, firme. — Não podemos pensar em mais nada, é uma oportunidade. São cinco milhões e se ele pode nos ajudar, então é o que temos que fazer!

Ela sorriu-me e passou os dedos pelo meu lenço, colocando-o atrás de minha orelha com cuidado. Tão carinhosa, sempre, tão adorável.

— Se você conseguir convencer seu pai...

Cinco minutos depois, nós estávamos na sala e eu tinha encontrado algo para manter minha cabeça longe de Erick e nossos problemas. Meu pai estava olhando pensativo para mim, enquanto eu falava todo o meu discurso sobre nossas possibilidades, com Kate ao seu lado, bastante contente ao ver que eu tinha muito mais argumentos do que ela poderia imaginar.

— E pra completar, hipotecar nossa casa pode render em juros absurdos devido ao valor que precisamos — Eu disse. — E a probabilidade de vendermos ela em três dias, pelo valor e a riqueza que ela tem, são de 0,89%, excessivamente baixa. Acredito que a proposta do Sr. Ward é meio incomoda, mas também é a que não vai oferecer nenhum tipo de risco ou problemas para a nossa família. E não sei o que vocês conversaram com ele hoje, no bazar, mas ele quer realmente ajudar. Está se sentindo culpado.

Terminei meu discurso e meu pai revirei os olhos, levemente e eu sorri, sabendo que ele estava apenas nervoso com o fato que eu tinha argumentos poderosos para o contradizer. E que ele não teria mais descanso até aceitar a proposta de Sr. Ward, agora que Kate sabia exatamente como ele estava errado.

— Certo. — Ele falou. — Ponderarei isso e nós resolvemos tudo amanhã de manhã.

Ele levantou e subiu, provavelmente para o quarto, para pensar. Sorri para Kate. Aquilo era o suficiente por hora, amanhã seria outra

batalha e nos a venceríamos.

Lizzie estaria de volta à nós muito em breve, embora nossas férias para o Caribe, talvez, estivessem bem, bem longes.

Sem dizer nada, dei um beijo na testa de Kate e segui o mesmo caminho que meu pai, mas parando na metade do corredor do segundo andar, em meu próprio quarto. Fechei a porta com uma batida muda e encostei a testa na superfície gelada da madeira, respirando tão fundo quanto eu conseguia, tentando manter a calma.

Era difícil ignorar aquele aperto no meu coração, principalmente quando eu estava sozinha. E eu precisava estar.

Sentei-me na cama e abracei meu travesseiro, que tinha um resquício do perfume dele, apertando meus olhos em um choro silencioso e completamente dolorido. Como eu podia aceitar que aquilo estava acontecendo? O que eu tinha feito de errado para Erick procurar outra pessoa para satisfazê-lo, quando eu estava sempre presente, sempre prestativa e sempre dava um jeito de fazer as coisas que ele queria, mesmo que eu achasse algumas delas pervertidas demais para mim?

Eu mal me lembrava como era estar sem ele ao meu lado. Já era um bocado complicado girar na cama e não encontrar seu corpo, mas saber que ele não estava nem esperando por uma ligação minha, para que nós ríssemos, bobos, de nossos dias complicados, era muito mais difícil.

Pus me a lembrar de como nós nos conhecemos, embora eu mesma não tivesse essa memória, mas ela estivesse gravada em minha mente da maneira que ele sempre me contava. Sempre tão cheio de magia, sempre tão encantado com a minha beleza inexistente...

Eu estava nessa lanchonete, esperando o pessoal para gente lanchar junto. Estávamos comemorando alguma coisa, mas eu não lembro direito o que era. Jenna chegou com uma galera logo depois e ocuparam a mesa ao meu redor, fazendo um bocado de bagunça, mas eu vi quando você desceu do carro com Alan, ele parecia um bocado sem jeito com você por perto. Acho que foi a coisa mais linda que eu tinha visto até aquele momento. Um dos caras me mandou fechar a boca e parar de babar porque eu estava parecendo um idiota. Então eu me levantei e fui comprar algo para comer. Alan entrou com você um momento depois e te apontou o banheiro. E então ele me falou algo,

mas eu não me lembro se eu pude ouvir. Eu estava te acompanhando até o banheiro e você parecia triste. Mas ainda era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

Eu ainda estava tão abalada pela morte da minha mãe que eu não conseguia prestar atenção nas coisas. Mas ele prestava. E ele trilhou um longo caminho, sozinho, até que eu pudesse ver que ele estava por ali, apenas uma mão de distância, esperando que eu o aceitasse por perto.

Nosso primeiro beijo, proibido, quando eu ainda namorava o idiota do Ward... Só de lembrar, arrepios perpassavam pela minha coluna. Eu não entendia como tanto sentimento podia caber em um beijo, mas Erick só estava começando a me impressionar. E aquilo continuou e nunca mais parou, era sempre um arrepio diferente, um carinho diferente, era sempre nós dois. Sempre fora algo certo e devidamente perfeito, mesmo com nossas crises de ciúmes e costumeiras brigas.

Até agora.

Eu simplesmente era incapaz de entender: Erick me pedira em casamento na semana anterior. Era impossível que uma mulher tivesse confundido a cabeça dele em tão pouco tempo... Só se fosse algo antigo. Mas quão antigo aquilo poderia ser? Não fazia sentido algum.

Toda vez que eu estava muito feliz ou muito triste, minha primeira reação era sempre ligar para Erick e dividir. Ele era sempre muito interessado em tudo que acontecia comigo, como se houvesse alguma espécie de magia nas coisas que eu fazia. Inconscientemente, lá estava eu, com o celular na mão. E como se entendesse o que estava acontecendo, o celular vibrou, acendendo a tela e me mostrando que haviam seis mensagens não lidas e três ligações não atendidas.

Eram todas de Erick, eu sabia.

O telefone continuava a vibrar com a ligação de Erick e apertei o botão vermelho, cancelando-a. Mesmo assim, a curiosidade falou mais alto e eu me deitei na cama, abrindo a primeira mensagem.

“Você entendeu tudo errado, por favor, me atende, vamos conversar”.

Encarei a tela do celular por alguns segundos e apertei meus olhos com força. Minha cabeça estava girando de uma forma impressionante e eu não sabia mais como raciocinar. Eu tinha entendido errado? Mas ele fora claro comigo – pedira um tempo. O que

eu podia ter entendido errado nisso?

É claro que ele queria me dizer que não estava me traindo, mas qual explicação mais poderia ter? Trabalho? Ele achava que eu era estúpida? Erick sempre fora apaixonado pelo seu trabalho e eu aprendera muito cedo a como dividir. E ele sempre conseguia arrumar um tempo para mim, então por que agora ele precisava de um tempo? Era um trabalho mais complicado? Talvez. Mas eu também estava em uma fase complicada e ele nunca me deixaria sozinha sem qualquer outro motivo.

Abri outra mensagem: *"Por favor, Mariana, assim que você ler isso... Por favor, me liga. Eu preciso muito falar com você".* e a seguinte: *"Eu estou muito preocupado, você chegou em casa bem? Por favor, Mariana, me atende!"*

Minha cabeça girou e eu certamente não estava me sentindo nada bem. O agravante de não entender nada do que estava acontecendo comigo e com Erick apenas piorava. Nervosa, abandonei o celular por alguns segundos, levantei-me correndo e vomitei todo o meu almoço no banheiro. Encostei-me na parede do banheiro, esfreguei bem meu rosto e resolvi que tudo o que eu precisava, era de um banho para refrescar a cabeça.

Embora eu precisasse passar mais tempo no banheiro, o barulho que meu celular fazia fez com que meu banho não durasse muito mais que cinco minutos. Descuidada, vesti meu robe – pretendendo dormir com ele – e voltei para minha cama, para encontrar mais duas mensagens novas, além das três que eu não havia lido. Todas elas parecendo devidamente preocupadas.

Sem poder me conter, eu acabei lhe respondendo: *"Eu realmente achei que você não queria mais me ver, Erick. Não estávamos falando sobre um tempo?"* Achei que aquilo seria o suficiente para que ele soubesse que eu estava em casa e que não queria mesmo falar com ele, mas não fora.

Apenas dez segundos depois que eu enviei a mensagem, meu celular tocou. Dessa vez, encurralada, eu atendi.

— O que é que você quer, Erick? – Eu questionei.

Senti sua respiração aliviada, embora meu tom de voz e minhas palavras duras. De alguma forma, ouvir minha voz havia feito-o se sentir melhor.

— Eu te segui por três quarteirões, tentando falar com você, e você acha que eu não quero mais te ver? – Questionou-me, o tom doce fazendo com que meu coração batesse um pouco mais acelerado e as lágrimas voltassem aos meus olhos. – Você é mesmo uma terrível cabeça-dura.

— Cabeça-dura, Erick? – Questionei. – Talvez eu precise mesmo ser, pra aguentar o peso do chifre que você colocou em mim.

Ouvi-o suspirar, mantendo a paciência com meu comportamento completamente hostil.

— Quantas vezes eu vou ter que te dizer que eu não tenho ninguém? – Ele perguntou-me. – Eu amo você. Nunca teria outra pessoa na minha vida.

Meus olhos, cheios de lágrimas, começaram a transbordar, inundando meu rosto. Minha respiração já estava falha e minha voz, terrivelmente alterada.

— Se você me ama, Erick, e tem tanta certeza disso, por que você me pede um tempo? – Eu perguntei. – Você não sabe o que você está fazendo comigo, você não faz ideia de como eu estou me sentindo agora, e você ainda me liga e me fala essas coisas tão... Tão contraditórias? Você acha que eu sou burra? Que eu sou estúpida?

— Mariana, olha...

— Olha aqui você, Erick! – Eu berrei. – Você não tem direito de fazer isso comigo, não depois de tudo que a gente passou. Eu merecia um pouco mais de consideração sua. E, quer saber? Me deixa em paz.

Com isso, desliguei o telefone, as lágrimas embaçando minha visão de tal forma que eu mal conseguira achar o botão correto.

Afundi o rosto no travesseiro e o celular vibrou mais uma vez, uma mensagem de Erick pedindo um pouco mais de compreensão. Atenção.

A mensagem seguinte veio com um pedido de desculpas. A terceira me perguntava se podia passar em casa no dia seguinte, caso Lizzie estivesse de volta. A quarta pedia paciência, porque logo eu iria entender o que estava acontecendo.

Mesmo cansada daquele jogo, eu sabia que ele não pararia de me ligar, mandar mensagens, até que eu lhe respondesse. E, se eu desligasse o celular, ele ligaria para casa, para Alan e talvez até aparecesse em casa. E então eu lhe respondi: *“Entender o quê, Erick?”*

Que você tem outra? Isso eu já entendi”.

Sua resposta não demorou nada para chegar e eu estava começando a ficar impressionada com a rapidez com que ele digitava: *”Eu já te disse, meu amor, não há ninguém que não seja você. Você é o meu tudo, Mariana, é só isso que eu quero que você entenda. Mas tem umas coisas acontecendo, umas coisas ruins, e é melhor pra você que a gente não se veja por um tempo. Eu amo você”.*

Eu encarei a mensagem por alguns segundos, com lágrimas nos olhos por tão verdadeira que ela parecia soar. Eu queria acreditar, queria que fosse verdade. Mas se fosse, o que estava acontecendo?

”Que coisas são essas, Erick?”

Aguardei, olhando impacientemente para a tela do celular, até que ele vibrou, segundos depois.

”Não posso te dizer. Você não podia ter vindo aqui hoje”.

Não podia? Por quê?

Pensei que talvez fosse algo com o pai dele, mas ele estava sendo prestativo com a minha família, querendo ajudar de alguma forma, mesmo que meu pai fosse tão negativo com todas as suas ofertas. Ele estava insistindo, queria tentar consertar as besteiras que Théo fizera. Então por que ele faria Erick parar de me ver?

Não podia ser o Sr. Ward. E eu não conseguia entender o que mais podia ser, tudo o que eu queria era que Erick estivesse com os braços ao meu redor. O mundo parecia mais tranquilo assim.

E, então, contra todo o meu orgulho – que nunca era muito grande quando se tratava dele, eu lhe mandei: *”Tudo o que eu queria era poder dormir com você hoje..”.*

Eu já estava no primeiro andar, na cozinha, girando as chaves do carro quando recebi sua resposta: *”Eu também. Você não faz ideia do quanto”.*

E era tudo o que eu precisava.

Image

Eu não conseguia entender o que havia me dado. Horas atrás, eu saíra dali decidida a nunca mais voltar e, após algumas mensagens, eu estava lá, em sua porta, espancando-a, quase incapaz de me conter em saltitar para dentro da *nossa* casa.

Erick abriu a porta alguns momentos depois, minhas batidas insistentes incapazes de se cessarem, com uma expressão de pura surpresa no rosto. Antes que ele pudesse me parar, porém, eu sorri um sorriso esperto e empurrei-o para dentro de casa, fechando a porta atrás de mim.

Ele não conseguiu reagir, a boca ligeiramente aberta de surpresa ainda e eu sabia que tinha o controle total da situação. Então, levei as mãos à gola da sua camisa amarrotada e puxei-o em minha direção, grudando nossos lábios.

Ele reagiu instantaneamente, grunhiu com seus lábios grudados nos meus e puxou-me pela cintura, apertando nossos corpos. Logo, eu revirando os olhos, joguei minha cabeça para trás e ele se pôs a beijar meu pescoço deliciosamente.

— Você não devia estar aqui, mulher. — Ele murmurou. — Não devia.

Eu escorreguei minhas mãos de seu pescoço, descendo pela sua camisa, sentindo o contrair o abdômen ao meu toque. Minhas mãos pararam no nó do meu roupão, desfazendo-o sem pressa.

— Você não vai me mandar ir embora agora, vai? — Perguntei, quase enfrentando-o.

Abri meu roupão e ele encarou-me, boquiaberto, totalmente nua.

Seu olhar me aquecia de uma forma incrivelmente surreal.

Sorri de lado, vendo-o sem reação por alguns momentos, seu olhar me dizendo tantas coisas quanto poderia dizer e eu estava impressionada com tal fato.

Ele me amava. Seja lá o que estivesse acontecendo com a gente, não havia interferido no que ele sentia por mim.

Fechei meus olhos e suspirei uma espécie de alívio apaixonado, sentindo os lábios de Erick no meu, ensandecidos. Senti suas mãos em minha cintura, puxando-me mais para perto do seu corpo ao mesmo tempo em que me apertava com mais força contra a parede, fazendo-me que seu membro já estava mostrando sinais de excitação.

Joguei minha cabeça vagorosamente para trás, fazendo com que Erick sugasse meu lábio inferior até o limite, deixando com que Erick, desprovido de meus lábios, descesse seus beijos para meu queixo e, então, meu pescoço.

Entranhei minha mão em seus cabelos, puxando-os levemente, mas não o suficiente para que ele se afastasse e nós dois soltamos grunhidos contentes pelo prazer que nossos corpos sentiam quando estavam em contato.

Senti os dedos de Erick em minha bunda, tateando levemente a linha entre eles e soltei um bufo desesperado, enquanto ele levantava meus pés no chão e encaixava-se entre minhas pernas, apertando cuidadosamente cada pedaço de coxa ao seu alcance.

— Ah, Erick, eu te amo tanto – Eu soltei, em meio à um bufo ensandecido.

Erick beijou-me o lábio, tão doce quanto conseguia ser no momento, nossas línguas se esfregando de maneira sublime e sensual enquanto nossos corpos, tão grudados quanto o possível, se arrepiavam pelo contato tão íntimo e tão conhecido um do outro.

— Eu também te amo, mulher – Ele sussurrou, nossos lábios ainda grudados em um selinho esquisito. – Nunca duvide disso.

Embora eu estivesse perdida em dúvidas, gemi desesperadamente, meu corpo reagindo aos momentos anteriores, quando eu achava que nunca mais o teria. O desespero descontrolado povoando cada milímetro do meu corpo aos seus toques e beijos, deixando-me cada vez mais enlouquecida.

Cravei minhas unhas em seus ombros, enquanto ele ainda beijava

meu pescoço em busca de mais gemidos como os que eu soltava. Parei de pensar o tanto que eu ainda pensava sobre minhas dúvidas e deixei-me levar pelo momento, tão como eu havia feito anos atrás, sem pensar no amanhã. Meu corpo, desprovido de comando inseguros, guiou-se sozinho a movimentar-se contra ele, esfregando meu sexo no seu, ainda protegido pelo fino tecido de sua calça social.

Erick socou a parede, dos meus dois lados, apoiando-se enquanto eu me movimentava contra ele para cima e para baixo, me esfregando sem pudor nenhum e deixando a frente da sua calça ligeiramente molhada com meu líquido, seu membro tão visivelmente pronto para me preencher, mesmo ainda coberto. Ele gemeu gostosamente, tanto gostoso quanto era possível, arrepiando todos os pelos do meu corpo e fazendo minha mão deslizar para sua nuca, arranhando-o levemente naquela região.

Meus olhos estavam bem abertos, um caso estranho para se comentar, visto que eu era sempre a primeira a apertá-los e me concentrar em todas as sensações que Erick me fazia sentir. Mas eu queria ver; queria ter certeza de que eu não estava enganada sobre Erick e eu, saber que eu era a única que o fazia se descontrolar daquela maneira. Eu precisava daquele momento, precisava me recorda daquilo caso ele me enxotasse novamente. E, por estar de olhos abertos, eu percebi que, em meio à todo o nosso descontrole, Erick me encarava pelos seus olhos quase fechados, de maneira incrivelmente ávida, tão embasbacado com minha movimentação que mal se mexia, mal reagia. E eu continuei a investir nele, vendo-o grunhir entre dentes, quase como não soubesse exatamente como reagir àquela situação.

Em algum momento, ele abriu seus olhos, os seus azuis brilhando tão maravilhosamente em prazer como sóis de verão. Então, ele entranhou seus dedos em meu cabelo ralo e puxou-me para seus lábios em um beijo tão desconcentrado que mais pareceu uma lambida e um chupão em meu lábio inferior, encostando sua testa na minha e empresando-me contra parede com tanta violência que tirou o ar de meus pulmões.

— Você me deixa louco, Mariana – Ele disse, rouco, no pé do meu ouvido. – Completamente maluco por você.

E, com isso, ele mesmo continuou sua movimentação, mais

concentrado do que antes e, dessa vez, me fazendo grunhir e fechar meus olhos apertados. Minhas mãos, perdidas e sem saber exatamente o que fazer, escorregaram até encontrar a gola de sua camisa, apertando-a e puxando-a enquanto ele sugava meu pescoço, sem entender o que ela ainda fazia por ali. Meio descontente, deslizei minha mão por seu peito até encontrar o primeiro botão de sua blusa, trêmula, quase não consegui desabotoá-lo, mas o fiz.

Minha movimentação pareceu fazer com que Erick percebesse que haviam outros lugares para explorar, então ele parou de se movimentar, beijando-me os lábios de forma até doce, para a nossa situação e sorriu-me de uma forma que me fez suspirar. Nesse mesmo segundo, enquanto ele ainda sorria para mim, senti sua mão deslizar da minha cintura para cima, alcançando um de meus seios e apertando-o de uma forma que me fez soltar um ligeiro gemido e apertar meus olhos, jogando a cabeça para o lado, sem concentração nenhuma para manter meu corpo firme.

Erick riu de minha moleza e me deu um beijo na linha do meu maxilar. Então, senti suas mãos, ambas, em minhas coxas e ele pareceu me sustentar por um segundo, tirando nossos sexos de contato. Estava pronta para reclamar, quando senti sua boca preenchendo meu seio, capturando toda área ao redor do bico, enquanto sua língua brincava com o mesmo.

— Ah! Erick... — Eu gemi, surpresa, jogando minha cabeça para trás, completamente mole.

Erick empurrou-me com uma certa brutalidade para a parede, com medo que eu acabasse nos desequilibrando, sem soltar a boca de meus lábios. Abaixei a cabeça para tentar procurar seus lábios, mesmo eles estando abaixo de mim, mas tudo o que eu consegui foi capturar seu olhar brilhante, selvagem, observando cada expressão de prazer que meu corpo poderia ter, como se quisesse se recordar daquilo pela eternidade.

Para me provocar apenas um pouco mais, Erick mordiscou meu seio em sua parte inferior e eu não tive escolha senão apertar meus olhos e apoiar minha testa no topo da sua cabeça, soltando um gemido extremamente alto e deixando-o muito satisfeito.

Impaciente e desesperada por mais, eu agarrei a gola de sua blusa, puxando-a para mim, sem me recordar como eu conseguia abri-

la. Erick riu baixinho e reforçou, mais uma vez, meu apoio na parede, soltando suas mãos das minhas coxas e levando as minhas até o segundo botão da sua blusa.

Bamba, eu escorreguei-me de volta ao chão sobre o olhar atento de Erick e deixei minhas mãos desabotoarem o segundo botão de sua blusa, levando meu olhar até o rosto dele.

Erick me encarava avidamente e eu fui impossibilitada de quebrar nosso contato visual enquanto desabotoava mais um botão. Era um contato íntimo, singelo. Parecia que Erick conseguia ver dentro de mim, dos meus problemas, do meu desejo incontrolável pelo seu corpo...

Suas mãos foram às minhas, ajudando a abrir o resto dos botões em meio aos meus movimentos trêmulos, tão carinhosas e prestativas, tudo isso sem cortar nosso contato visual.

Desabotoei o último botão da sua blusa e Erick escorregou-a para longe de si e eu me vi com minhas mãos em seu cinto, puxando-o levemente para mim.

Erick ainda me encarava e eu percebi seu leve sorriso. Sua mão veio ao meu rosto e acariciou minha bochecha lentamente, docemente, e eu apertei meus olhos, sentindo sua carícia.

Seu nariz encostou-se ao meu, sua respiração se misturando com a minha. E, então, nossos lábios se encontraram em um frenesi de emoções misturadas. Desejo? Paixão? Amor? Medo? Eu não saberia dizer, mas era uma coisa maravilhosa e assustadora e fez com que meus pelos todos se arrepiassem, sentindo sua mão em minha cintura, doce e carinhosa, puxando-me mais para perto.

Minhas mãos, desajeitadas, escorregaram lentamente para baixo, encontrando sua ereção quase estourando sua calça de tão rígida. Assim que eu a envolvi e apertei, Erick encerrou o beijo, mordiscando meu lábio inferior em um gemido meio perdido, meio surpreso.

Espalmei uma de minhas mãos sobre sua ereção e a movimentei para cima e para baixo, para um lado e para o outro, sentindo-o estremecer e gemer baixinho com a carícia. Rendido, Erick encostou a cabeça em meu ombro, escondendo o rosto em meu pescoço, beijando o que ele alcançava entre os seus resmungos ininteligíveis.

Sua mão escorregou da minha cintura, deslizando lentamente pela minha barriga até a curva da frente da minha vagina, colocando dois dedos e começando a balançar-los de um lado para o outro,

freneticamente. Eu parei meus movimentos por uns momentos, congelada e boquiaberta e Erick levou sua boca a minha, entranhando sua língua em mim, lambendo e sugando minha boca e isso foi o suficiente para que eu voltasse a mexer minhas mãos em sua ereção.

As mãos de Erick empurraram minhas pernas, obrigando-me a abri-las um pouco mais, escorregando sua mão por entre meus grandes lábios, para finalmente encontrar minha entrada e me penetrar com seus dedos. Soltei um gemido ensandecido, apertando a ereção de Erick com um pouco mais de força e fazendo-o gemer comigo. Permiti que uma de minhas mãos fosse até seu pescoço e o puxasse para um beijo. Erick empurrou-me contra a parede e correspondeu-me, fervorosamente, o espaço ficando apertado e desconfortável para que nossas mãos continuassem nos provocando e, então, preferimos simplesmente nos abraçar e apertar lugares ao nosso alcance: Ele, minha bunda; Eu, suas costas.

Erick escorregou seus lábios, mordiscando meu queixo, e eu voltei minhas mãos para o cóis de sua calça, segurando-o de leve por cima do cinto. Com um sorriso de lado, eu girei com ele, empurrando-o contra a parede.

Erick arregalou os olhos para mim e sorriu sob o meu olhar travesso. Levantou as mãos para o ar, mostrando rendimento e eu fiquei na ponta dos pés, capturando nossos lábios por um momento. Ele ainda chegou a enlaçar minha cintura para aprofundar ainda mais o nosso beijo, mas eu caminhei para trás, decidida, puxando-o pelo cóis da calça para me seguir em direção à cama, o que ele fez sem nem pestanejar. Ele me encarava de uma forma enlouquecedoramente quente e eu apenas estava tentando corresponder à altura, sorrindo de lado, andando lentamente para trás em um caminho que eu conhecia tão bem quanto as linhas da minha mão.

Senti a beirada da *nossa* cama bater em minha perna antes mesmo do que eu esperava, embasbacada demais com o olhar de Erick para prestar, exatamente, atenção no caminho. Erick, por outro lado, não se abalou e continuou caminhando em minha direção. Cerrei meus olhos para ele e seu sorriso charmoso e quente, esperando pacientemente até que seus braços me envolvessem pela cintura, prestes a jogar-me na cama, quando eu girei com ele, novamente e empurrei-o, fazendo com que ele caísse desajeitadamente em cima do

colchão.

Erick encarou-me meio embasbacado enquanto eu me ajoelhava, afastando suas pernas para me encaixar entre elas. Ele apoiou os braços na cama, franzindo a testa, e impulsionou-se para me olhar.

— O que você está fazendo, amor?

Eu abri seu cinto, jogando-o para longe com o mesmo sorriso no rosto, encarando um Erick apreensivo a me encarar. Abri sua calça e ele suspirou ao sentir-me abaixá-la junto com sua cueca, arranhando minhas unhas pela pele que se revelava.

Sorri para ele, sua ereção amostra e a visão dela excitando-me ainda mais. Levantei o olhar para ele, e reparei que ele estava respirando com uma certa dificuldade.

— Uma coisa que eu nunca tive coragem de fazer – Eu disse, curvando-me. – E você nunca teve coragem de me pedir.

Parei com meus lábios a milímetros de seu pênis, encarando-o com um sorriso, enquanto ele me admirava, quase desacreditado que eu fosse levar aquilo a frente. Seis anos juntos e aquele era um limite que ainda não havíamos cruzado, algo que ficou silenciosamente definido como proibido e, por mais que eu soubesse que ele morria de vontade que eu fizesse com ele, eu não conseguia. Não conseguia porque me lembrava de coisas ruins. Mas há coisas piores na vida, como uma irmã sequestrada e quase perder o homem que você ama, então eu estava disposta a fazer tudo que estivesse ao meu alcance, mesmo eu não sabendo exatamente o que e como fazer.

Com esse pensamento, coloquei minha língua para fora e passei levemente pela ponta de seu pênis, lambendo ao redor de sua glândula e coloquei a cabeça dentro da minha boca, chupando e sugando só um pouco, meio incerta, mas Erick derrubou o corpo, apertando os olhos e jogando a cabeça para trás, então eu achei que devia estar no caminho certo.

Tirei-o de minha boca, arranhando os dentes de leve e Erick gemeu de uma forma diferente, apertando as mãos em punhos.

— Me... me desculpe? – Eu disse, meio que questionando, ainda em dúvida se eu realmente o machucara. – Eu não sei exatamente como fazer isso. Acho que... hm... foram meus dentes, talvez?

Erick abriu os olhos para me encarar, o olhar brilhando em uma chama corrente de prazer que me entorpeceu por alguns segundos

dentro do seu redemoinho.

— Você... Você não...

A voz dele estava incerta e rouca, deliciosamente quente e apenas me informava que aquilo estava deixando-o louco. E, embora eu soubesse que ele ia sugerir que eu parasse, eu não o faria.

— Não se preocupe comigo – Eu disse. – Eu estou achando isso... hm... – Eu curvei-me, meu nariz roçando em sua ereção, parando bem ao talo – Interessante.

Erick apertou os olhos, deixando-os quase fechados, apenas com uma fresta para me ver passando minha língua pela extensão de seu pênis, de baixo para cima e ao redor, de todas as maneiras que eu podia.

Sua barriga subia e descia com sua respiração descontrolada e eu estava mais que contente com o fato de que eu podia provocar tais reações nele. Em nenhum momento, enquanto eu lambia e acariciava seu membro, senti nojo ou algo parecido. Eu estava feliz.

Voltei a abocanhar a cabeça de seu membro, sugando-a como eu podia, passando minha língua pela sua volta. Erick grunhiu e eu achei que devia estar fazendo algo certo, então continuei, acrescentando minha mão à sua base e mexendo-a, masturbando-o enquanto eu o sugava.

Inesperadamente, Erick abriu os olhos, encarando-me de uma forma tão intensa que eu achei que não deveria ser possível. Tirei a cabeça do pênis da minha boca e sorri-lhe, passando a língua pelo seu membro mais uma vez. Ele cerrou os olhos à minha provocação e sentou-se, sua mão posicionando-se em minha nuca, puxou-me para beijar-me os lábios.

O beijo voraz e sedento cerrou-se rápido e ele me encarou, apenas por alguns segundos, com aquele olhar enlouquecedor. Então, empurrou minha cabeça de volta ao seu membro e eu sabia que estava acertando quando o abocanhei mais uma vez. Dessa vez, Erick forçou os movimentos da minha cabeça para cima e para baixo e eu deixei-o me guiar, enquanto ele gemia, passando minha língua pelo espaço em que eu conseguia.

Quando eu percebi, estava com mais da metade do membro de Erick e desvencilhei-me dele, tossindo e rindo. Erick, meio embasbacado, fez um esforço para sorri-me de volta e eu beijei seus

lábios de leve, sentindo-o desconcentrado no beijo, mais lambendo meus lábios que qualquer outra coisa. Aprofundei nosso beijo, levando minha mão ao seu pescoço e Erick apoiou suas mãos na cama, para nos sustentar, então eu mordisquei seu lábio inferior, descendo minha mão pelo seu peitoral, sentindo-o se contrair ao meu toque, até seu pênis, o qual segurei contra sua barriga.

Com um sorriso levado, desci meus beijos pelo seu corpo até alcançar seu membro mais uma vez, descendo minha língua apenas de leve por ele, até me encontrar com sua base, descendo mais um pouco para o seu saco.

Erick grunhiu desesperadamente, falando palavras desconexas enquanto eu envolvia uma de suas bolas com a boca e passava a língua de leve por ela, encarando-o avidamente.

— Ahh... – Ele gemeu. – Merda!

Ele puxou meu rosto mais uma vez até o seu, beijando-me apaixonadamente, segurando minha cintura. Sorri, agraciada, encerrando o beijo, já me preparando para descer novamente e continuar a brincar com o prazer de Erick, quando ele me segurou pelo queixo, beijando a linha da minha mandíbula até encontrar seus lábios com meu lóbulo da orelha e suga-lo lentamente, deliciosamente.

— Se você me provocar mais um pouco, eu vou acabar gozando na sua boca – Ele me alertou.

Deslizei minhas mãos pelos seus braços fortes que me envolviam, tentada, mas com a plena consciência de que aquilo podia ser um pouco demais para o meu emocional sempre cheio de limitações, além de eu ter planos um pouco mais interessantes para aquela noite, as quais não terminariam assim.

Com um ímpeto de praticidade, eu empurrei-o de encontro à cama e ele se estatelou, arregalando os olhos de surpresa e admiração. Arrastei-me para frente, passando minhas pernas para fora de seu corpo e sentando-me ao fim de sua barriga, curvando-me para trás, para poder ver seu pênis. Peguei-o em minha mão, movimentando-a para cima e para baixo mais uma vez e, então, empurrei-o em direção a minha entrada e escorreguei lentamente para trás, fechando os olhos.

Erick jogou a cabeça para o lado no travesseiro, apertando os olhos, quando eu o olhei. Senti-o percorrer as mãos pela a batata da minha perna, escorregando-as até a curva de meu joelho. Curvei-me,

capturando seus lábios doces e fervorosos, movimentando-me para cima e para baixo em sua ereção, cada vez permitindo que ele me penetrasse mais fundo ainda.

Eu gemia em seus lábios e ele gemia aos meus, de forma deliciosa e progressiva. Palavras desconhecidas soavam excitantes aos nossos ouvidos, em uma língua que era desconhecida por todos, menos por nós dois, naquele momento. Espalmei minhas mãos em seu peito e ergui-me ereta, escorregando e finalmente devorando-o todo dentro de mim. Erick apertou seus olhos, levando sua mão para minha cintura e impulsionando-me a movimentar-me contra ele, coisa que eu fazia de todo o bom grado.

Não foi demorado até que eu alcancei o meu ápice, gemendo deliciosamente alto, pulando algumas últimas vezes sobre o seu membro, ficando mole e me esgotando rápido. Ao perceber, Erick puxou-me para o seu abraço, me fazendo deitar sobre o seu corpo e girou comigo, ficando por cima e movimentando apenas mais duas ou três vezes antes que explodisse seu líquido dentro de mim, gemendo em meu ouvido apenas para me provocar.

Apertei minhas unhas contra o seu ombro, jogando minha cabeça para o lado, enquanto eu sentia seus lábios preguiçosos deslizarem pelo meu pescoço, antes dele afundar a cabeça no travesseiro, tentando recuperar sua respiração. Eu respirei fundo e ele girou, saindo de cima de meu corpo para permitir que eu também recuperasse a respiração.

Foi o mesmo momento em que eu voltei a sentir a insegurança que vinha me assolando nos últimos dias. Ainda perdida nos sentimentos de prazer, deixei que lágrimas viessem aos meus olhos ao reparar que era só algumas palavras para que eu não sentisse aquilo nunca mais. Girei meu corpo para fora da cama e funguei baixinho, para que Erick não percebesse.

Ele logo encaixou-se atrás de mim. Senti seu sorriso no beijo que ele depositou em meu ombro, antes de posicionar seu rosto sobre o meu, abraçando minha cintura e puxando meu corpo para moldar-se ao seu.

— Até onde fomos, hoje? – Ele questionou, parecendo tão normal quanto podia ser.

Fechei meus olhos, tentando conter as lágrimas e as batidas

esperançosas e descontroladas do meu coração.

— Nós não estamos indo à lugar algum, estamos, Erick? – Questionei-o, com a voz rouca. – Achei que estávamos parados no *tempo*.

Eu percebi que aquilo o atingira como um foguete. Ele soltou meu corpo e escorregou de volta ao seu lugar, olhando para cima. Virei-me para olhá-lo e ele mantinha as mãos entranhadas em seu cabelo, como se tivesse se lembrando de algo totalmente importante e desesperador. Ao perceber minha movimentação, ele virou-se para me olhar e eu pude ver seu desespero por alguns segundos, antes dele suavizar-se. Senti sua mão em meu rosto e então percebi que ele estava secando uma de minhas lágrimas que se desgarrara sem meu consentimento.

— Minha vida está uma bagunça agora. – Ele sussurrou, fracamente. – Só quero deixar você longe disso.

Eu levei minha mão à sua, a que acariciava meu rosto e apertei-a, sustentando seu olhar implorativo com um decidido e apaixonado.

— Nenhuma bagunça é maior do que a minha vida sem você – Eu soltei.

Erick sorriu, doce, e abaixou o olhar por alguns segundos, antes de levar seu rosto ao meu, beijando meus lábios de forma doce e rápida.

— Essa é, meu amor – Ele sussurrou. – Essa é.

Eu suspirei, sentindo-o passar os braços ao meu redor, desesperado em manter nossos corpos juntos e eu lembrei-me de quando éramos adolescentes e nos encontrávamos às escondidas, enquanto eu mantinha um relacionamento de fachada com seu irmão e meu grande problema. E, então, entendi que aquele momento não era bem uma reconciliação; era uma quebra de regras, uma exceção. E isso fez com que eu o apertasse de volta.

Tão distraída quanto estava em seus braços, se eu não tivesse sentido todo o seu corpo enrijecer estranhamente, nunca teria reparado no barulho leve e baixo que seu celular havia feito. Mas reparei. Reparei porque Erick, repentinamente, afrouxou o nosso abraço e pareceu tenso demais para perceber os beijinhos e as mordidinhas que eu estava depositando em seu pescoço.

— O que há no celular? – Eu questionei, rapidamente alerta, desvencilhando-me dele e sentando-me na cama. Erick me encarou por

alguns segundos, meio tonto com o susto – O que há no celular? – Eu questionei mais uma vez.

Ao ver que ele não me respondia e que parecia que não iria demonstrar reação nenhuma, encarando-me com uma expressão patética no rosto, eu pulei sobre ele antes que ele pudesse me segurar e peguei seu celular, abrindo a mensagem que havia acabado de chegar.

— *Você foi avisado pra ficar longe dela.* — Eu li, a informação me batendo com força. — Dela? — Eu questionei, olhando para ele, de olhos arregalados. — DE MIM?

Eu estava respirando com dificuldade, minha cabeça pensando mil coisas ao mesmo tempo quanto Erick me alcançou, arrancando o celular de minhas mãos e segurando meus pulsos na altura de seu peito, sacudindo-me levemente para que eu prestasse atenção nele.

— Escute — Ele disse. — Você não devia saber disso, então eu vou te falar e você não vai repetir isso para ninguém, em nenhuma circunstância, entendeu? — A voz dele era poderosa, imponente e urgente, mas mal passava de um sussurro. Ele sacudiu-me, ansioso por uma resposta e eu concordei com a cabeça. — Você sabe de onde essa mensagem veio — Ele disse e eu concordei com a cabeça novamente, lágrimas de medo enchendo os meus olhos com a única resposta lógica que eu poderia pensar: *O sequestrador de Lizzie, Théo.* — Eles querem que eu fique longe de você e faça algumas coisas esquisitas no escritório do meu pai. Tudo o que eu quero é que você e ela fiquem seguras, então, a partir de agora, você vai fazer tudo o que eu te falar, certo? — Eu concordei com a cabeça mais uma vez, as lágrimas já escorrendo pelo meu rosto. — Eu vou responder suas mensagens, mas assim que você recebê-las, apague. Nunca me ligue e eu não vou ligar para você. Não venha me ver de forma alguma. E, por favor, não saia de casa, principalmente sozinha. Entendeu? — Ele questionou e eu concordei com a cabeça mais uma vez, apertando os olhos. Ele puxou-me para um abraço rápido, beijando o topo da minha cabeça. — Vou te levar em casa, vista-se rápido.

Ele soltou-me, jogando-me sua boxer para que eu vestisse e vestiu sua calça, puxando uma camisa do armário para vestir. Puxou-me pela mão até a cozinha assim que eu consegui me vestir e passou sua camisa pelos meus braços, fechando os botões com uma rapidez

impressionante. Paramos à porta e ele grudou seus lábios nos meus com uma voracidade incrível e eu passei meus braços pelo seu pescoço, na ponta dos pés, aproveitando um último segundo por um tempo indeterminando.

Erick finalizou o beijo, sorrindo triste, passando a mão de leve pela minha bochecha e girou a maçaneta.

E, então, nós dois fomos puxados para fora.

Tentei lutar contra algo – alguém, que me segurava por trás, forte e fedendo a cheiros humanos terríveis. Ao tentar me desvencilhar, encarei Erick, à minha frente, sendo segurado por um homem encapuzado, enquanto outro lhe dava um golpe certo na barriga.

— NÃO! – Eu gritei.

Nesse momento, um pano molhado com cheiro forte tampou meu nariz e minha boca. Ainda arregalei os olhos para Erick tentando chutar seu agressor, apenas para levar mais um soco – esse em seu rosto – antes de sentir as forças se esvaindo de mim.

Image

Eu não posso dizer que eu tenha acordado, exatamente falando. Eu apenas tomei conhecimento da dor em minha cabeça, que era tão forte que latejava. Assim, resolvi tomar conhecimento de outras áreas do meu corpo e logo percebi que haviam braços ao redor de mim e pulei, me afastando, antes que eu tomasse conhecimento de que aqueles braços eram de Erick.

Ouvi seu gemido e engatinhei de volta para perto dele, afundando minha cabeça em seu peito, sentindo seus braços me envolvendo logo em seguida. Ali, virei meu rosto para o lado e, acalentada pelos braços dele, olhei ao meu redor.

Eu mal podia ver alguma coisa. Estava tudo completamente escuro e meus olhos, longe de se acostumarem com tamanha escuridão, apenas capturaram alguns movimentos de Erick, alguns centímetros além deles.

Porém, eu podia sentir algumas coisas. Como o chão, gelado, que com certeza era apenas cimentado. Era úmido de tal forma que a cueca de Erick que eu vestia estava gelada e ligeiramente molhada contra minha pele.

Embora não conseguisse ver direito, eu podia dizer com toda certeza que o teto não era muito alto. Devia ser um porão mal construído e, de tão baixo que parecia, eu achava que Erick seria incapaz de ficar totalmente em pé naquele lugar. Eu, talvez, conseguisse.

Mas além de tudo, de todo asco e imundice que havia naquele lugar, ele emanava algo ruim, algo terrível. E a incerteza da direção que Erick e eu teríamos que tomar para nos manter vivos e bem me

assombrava de tal forma que minha respiração começou a falhar, como se eu tivesse claustrofobia. O medo desesperado do futuro me preencheu de uma forma deliberadamente completa.

— Erick... — Chamei, só para ter certeza de que ele estava realmente ali comigo.

E eu não sabia se Erick estar ali comigo me acalmava ou me deixava ainda mais desesperadamente assustada com o que poderia acontecer com ele. Eu devo ter tremido um pouco porque ele apertou seus braços ao meu redor e me deu um beijo no topo da cabeça.

— Ei — Ele sussurrou — Você está bem?

Eu pensei se eu estava bem, na medida do possível à situação que eu me encontrava. Tirando a dor da minha cabeça, provocada, provavelmente, pela química do que eles haviam feito eu respirar para desmaiar, eu estava relativamente bem. E ao recordar daqueles momentos assustadores, lembrei-me do pânico ao ver Erick ser surrado antes de apagar completamente.

Levantei minha cabeça e, conseguindo enxergar um pouco melhor à medida que meus olhos se acostumavam com o ambiente, eu levei minha mão ao rosto de Erick delicadamente, tateando-o e notando que algumas áreas estavam inchadas. Parei com o polegar em seu lábio, onde encontrei uma falha. Um corte razoável, com sangue pisado ao redor. Meu coração estava aos pedaços.

— Eu estou. — Disse-lhe, sentindo-o respirar aliviado. — E você?

Vi pela sombra do que eu enxergava do rosto de Erick — e seus dois olhos brilhantes azuis — que ele meneara a cabeça, como se quisesse entender o que eu realmente pretendia com aquela pergunta. Senti seu lábio esticar-se embaixo do meu polegar e percebi que ele estava sorrindo doce, para me tranquilizar.

— Sim, claro que sim — Ele me disse. — Você está bem, eu estou bem.

Suspirei fundo por sua mentira e voltei a encostar a cabeça em seu peito, sentindo o estremecer. Minha mão passou por dentro de sua camisa fina, tateando seu corpo e procurando por falhas que eu sabia que estavam ali. Erick devia saber que não me enganava e, desconfortável ao meu toque, ele segurou minha mão e afastou-a, sorrindo amarelo.

— Você tem que aprender que não pode mentir pra mim, Erick —

Eu lhe disse, saindo de seu abraço para poupá-lo.

Vi-o fechar os olhos e dei-lhe um beijo de leve em seus lábios. Sentei-me ao seu lado, encostando minhas costas na parede e deixando o gelado dela fazer melhorias em minha enxaqueca. Não demorou muito para ele escorregar e colocar a cabeça sobre minhas coxas, rendido às minhas carícias e cafunés.

— Eu estou bem, só estou com alguns machucados, nada demais — Ele disse, mentindo, novamente. Eu sabia que era para me poupar, da mesma forma que eu faria, se fosse eu a estar machucada, da mesma forma que eu nãoalaria para ele que minha cabeça estava prestes a explodir. — Só... Bom, deu tudo errado pra gente, não deu?

Arrisquei um riso tímido, meio sem humor, mas só para deixar claro que eu realmente estava bem. Ouvi Erick respirar fundo, como se tentasse manter a paciência com sua frustração naquele ambiente hostil.

— Eu não faço ideia do que está acontecendo — Disse-lhe, quase implorando para ser informada — Só entendo que não é nada, nada bom.

Erick balançou a cabeça afirmativamente, minha mão em seus cabelos pegando mais sobre sua movimentação que meus olhos, ainda meio cegos em toda aquela escuridão.

Mas, mesmo com o meu pedido claro, Erick nada disse. Ficou quietinho, deitado, ganhando cafuné, minha paciência cada segundo ficando menor. Eu estava enfiada em toda essa porcaria e eu precisava saber o que era.

— Você pode me contar agora, não pode? — Sussurrei, deixando ainda mais claro que eu queria saber de tudo.

Erick suspirou, demonstrando derrota. Mesmo com bosta ao redor de nós e até o nosso pescoço, mesmo com ele completamente machucado por conta da surra que tomara de dois marmanjos por motivo algum, ele ainda estava tentando me proteger com tudo que tinha.

E eu ainda era a inconsequente e desesperada namorada dele.

— É tudo muito sujo, meu amor — Ele me disse. — Eu não sei nem por onde eu posso começar.

Foi a minha vez de suspirar, cansada de tudo aquilo, de todo aquele mistério e de coisas que eu não entendia.

— Pelo começo – Murmurei-lhe. – Por favor?

Eu não podia ver, mas eu sabia que Erick estava revirando os olhos para a minha impaciência e insistência como ele sempre fazia. Porque eu conhecia todos os detalhes de Erick e mesmo quando eu achava que eu estava errada sobre alguma coisa nele, eu estava certa.

— Começou em Boston, ainda – Ele disse, por fim. – Eu recebi uma mensagem muito estranha na noite em que Lizzie foi sequestrada. Na verdade, foi tão esquisita que eu, a princípio, achei que se tratava de você e voltei correndo para o quarto que nem um maluco pra checar que você estava bem – Ele suspirou e eu sorri de leve, acariciando seus cabelos. Meus olhos, agora, já quase conseguiam ver todo o seu corpo naquela escuridão sem fim. – A mensagem seguinte mandava que eu retornasse com você para Londres. E foram mensagens sem fim, ordenando coisas que eu tinha que fazer pra evitar que coisas ruins acontecessem.

Senti algo diferente em sua voz e percebi, com um assombro de resolução, que ele estava emocionado e à beira de chorar. Segurei meu coração apertado e minha garganta se fechando apenas por sua voz balançada e tentei manter-me firme para entender melhor o que havia acontecido com ele.

— Mas... – Sussurrei – Que tipo de coisas?

Erick quase bufou, frustrado e, com dificuldade, voltou a se sentar, ao meu lado, passando os braços pelos meus ombros. Como se quisesse me distrair, ele beijou meus lábios de leve, mas assim que ele se afastou, eu continuei a encará-lo, curiosa, o nariz dele encostado no meu.

Rendido, esse suspirou e fechou os olhos, me abraçando. Encostou sua cabeça em meu ombro e continuou.

— Mandaram que eu voltasse a trabalhar com meu pai e fizesse algumas transações esquisitas e deixar uns documentos e dinheiro em uma mala em uma lixeira nos confins da cidade – Ele sussurrou – E me mandaram me afastar de você. Eu achei que era bobagem, mas eu pedi que você fosse pra casa do seu pai por precaução. Eles tinham meu telefone e deviam saber onde eu morava, como sabiam, e eu não queria que nada de ruim acabasse acontecendo com você. Mas, então, eu soube que era sério quando... Bom, você teve lá no escritório e aí você recebeu aquela caixa. Desculpa por ter me afastado tanto, mas eu

simplesmente não sabia o que fazer. Eu pensei que, se houvesse uma próxima vez, poderia ser pior. Poderia ser algo que não fosse crescer de novo, entende?

Estremeci com a ideia e Erick beijou-me a bochecha, abraçando-me apertado. Sua bochecha estava molhada e eu percebi que, durante o seu discurso, ele acabara chorando, então apertei-o ainda mais contra mim.

— Eu só achei que poderia piorar a cada segundo – Ele murmurou – e eu achei que, em algum momento, eles podiam fazer algo com você, diretamente, pra me atingir. – Ele me apertou ainda mais forte – E por Deus, Mariana, eu não sei se eu aguentaria a culpa por algo assim.

Minha garganta fechou totalmente e meu choro saiu junto com um grunhido desesperado. Erick beijou meu pescoço e me apertou, acariciando minhas costas para que eu me acamasse.

— Me des...desculpe – eu murmurei, sem saber o que falar. – Erick, você começou a agir tão estranho... Eu nunca... Eu nunca...

Ele me interrompeu:

— Eu sei – Ele murmurou – está tudo bem.

Balancei minha cabeça, as lágrimas explodindo em meus olhos. Toda aquela bagunça teria sido evitada se eu tivesse aceitado o fato de que eu poderia passar um tempo sem Erick, enquanto ele me dizia que se ajustava ao emprego e às suas responsabilidades. Teria dado certo. Estaríamos em casa e, provavelmente, Lizzie já estaria conosco.

— Não está nada bem! – Eu disse, um pouco mais alto do que o tom de voz que ambos havíamos usado durante toda conversa – Estamos no meio dessa porcaria toda e tudo é minha culpa!

E desabei desesperadamente em lágrimas vergonhosas. Erick sentou-se de lado e puxou-me para um abraço, acariciando meus cabelos ralos e minha nuca.

— Ei – Ele disse. – Não é sua culpa, ok? É culpa de seja lá quem está fazendo isso com a gente. – Ele empurrou-me levemente para olhar-me nos olhos. – Você foi até compreensiva. Eu teria feito mil vezes pior se fosse ao contrário, você sabe disso. Você só tacou um pouco de vidro na minha direção e aí resolver que podia me seduzir mesmo sem saber o que estava acontecendo com a gente – Ele riu e eu sorri de lado, fungando.

Encostei minha cabeça em seu olho e deixei ele fazer vários

carinhos em mim enquanto eu tentava me acalmar emocionalmente, embora aquele lugar não fosse exatamente o lugar apropriado para que eu conseguisse realizar tal feito bem como eu gostaria.

— Eu só queria poder voltar e consertar toda essa confusão que eu criei – Eu sussurrei, mais pra mim do que para ele.

Não tenho certeza se Erick ouviu o que eu havia dito, mas tenho quase certeza que não, embora ele tenha respirado profundamente logo em seguida ao que eu proferi essas palavras.

Ficamos algum tempo em silêncio, nossas respirações ressonando em eco naquele ambiente fétido e gelado. Erick continuou a acariciar meu rosto, minhas costas e trocamos alguns beijinhos de leve em alguns momentos, nada muito elaborado pela situação e pelo machucado em seu lábio, que eu ainda achava que era um pouco mais grave do que me parecia.

— Desculpa por ter te deixado no escuro – Ele me disse, por fim. Achei engraçado o uso da palavra *escuro* porque era exatamente onde nós estávamos agora. – Eles me falaram que eu não podia falar nada para ninguém, nada para você. E eu fiquei com muito medo que eles pudessem machucar mais alguém.

Concordei com a cabeça e afundei meu rosto ainda mais em seu pescoço, suspirando pesadamente para tentar controlar meu medo com o que poderia acontecer conosco agora.

— O que nós vamos fazer, Erick? – Eu questionei, meio desesperada. – O que eles vão fazer com a gente agora?

E eu me sentia uma marionete com essas pessoas que estavam controlando Erick por mensagem, modificando nossa vida ao seu bel-prazer. Naquele momento, meu coração se encheu de raiva por Théo e por suas artimanhas, sempre querendo nos prejudicar de alguma forma. Mas eu faria questão de sair dali só para enfiá-lo na pior cadeia que conseguisse pelo maior tempo que lhe fosse permitido. Eu queria que ele apodrecesse até a morte.

Eu poderia até mata-lo, se alguém me desse a chance e a oportunidade perfeitas.

— Eu não sei – Erick me disse, totalmente sincero. – Tudo o que podemos fazer agora é esperar que não seja tão ruim quanto parece.

Concordei com a cabeça, embora tudo o que eu fizesse era pensar que aquilo era pior do que realmente parecia. Se não fosse, nós

não estaríamos trancafiados em um lugar escuro e sujo.

Aquilo era para ser ruim.

— Estou assustada, Erick – Eu confessei, minha voz quase tão baixa que eu mesma não me escutei.

De alguma forma, Erick me ouviu e passou a mão pelo meu braço, esfregando como se aquele gesto pudesse me transmitir alguma espécie de força para passar por aquela provação.

— Eu também estou – Ele confessou-me.

E foram suas palavras que me fizeram suspirar aliviada por saber que eu não estava sozinha ali. De alguma forma, tudo era menos assustador como poderia ser quando os braços dele me apertavam e ele beijava minha cabeça. Eu quase acreditava que tudo poderia terminar bem, como ele passou a repetir de minuto em minuto, assim que eu me calei.

Ficamos assim, em silêncio, ouvindo nossas respirações em sem nada para dizer. Havia muita coisa não-dita, mas eram coisas ruins e acho que nós preferimos ficar calados a colocar nosso medo tão claro para o outro. Erick começou a cochilar e isso me deixou um pouco mais tranquila, saber que ele podia descansar um pouco, mesmo parecendo estar tão machucado.

Foi mais ou menos aí que eu ouvi passos e me sentei, tão alerta como podia estar. O braço de Erick caiu ao meu lado e ele balançou a cabeça de leve, abrindo os olhos vagarosamente.

Ouvi um barulho de ferro em ferro, como uma tranca se abrindo e congelei. Senti o braço de Erick em minha barriga, puxando-me para trás ao mesmo tempo em que ele se engatinhava para a minha frente, tomando posição para me defender, se fosse necessário.

Então, um pequeno quadrado de luz se acendeu no que eu pude, finalmente, ver onde era a porta, em sua exterminada inferior. E o quadrado inteiro se revelou luz quando eu ouvi algo se arrastando para dentro do nosso cubículo gelado. Uma luz se acendeu no teto e eu fechei meus olhos apertados, tentando protege-los, ouvindo o mesmo barulho de ferro arrastado enquanto o quadrado debaixo da porta voltava a ser lacrado.

Em frente a ele, uma bandeja com dois pratos de comida.

Levantei-me em um pulo, não permitindo que Erick me segurasse e caminhei até a porta, as mãos em punhos fechados, batendo em seu

metal e fazendo o barulho ecoar por todo o nosso aposento, que agora revelava um vaso sanitário imundo e um colchão velho, fedorento e rasgado.

— ONDE ESTÁ MINHA IRMÃ? – Eu berrei, socando a porta.

Do outro lado, só pude ouvir uma risada masculina debochando de meu pedido desesperado por notícias. Continuei socando a porta, sem me importar com meus punhos doloridos pelo esforço. Porém, Erick logo estava ali, segurando meus pulsos e me impedindo de continuar.

— Ei – Chamou-me.

Solucei, voltando a me afundar em desespero e Erick me puxou para um abraço. Abracei-o, afundando minha cabeça em seu peito, mas logo percebi que havia algo um pouco mais importante para me preocupar.

Com a luz acesa, eu finalmente podia olhar Erick. Seu rosto estava ferrado. Havia um corte grande em seu lábio, que estava inchado e avermelhado. Ao redor do olho esquerdo, uma macha avermelhada que logo ficaria roxa e seu olho já quase não conseguia se abrir por completo.

Afastei-me dele, levantando sua camisa antes que ele pudesse me impedir, apenas para encontrar mais alguns avermelhados e inchados pelo seu tronco.

Erick segurou minhas mãos e abaixou-se um pouco, encarando-me nos olhos.

— Nada que o futebol nunca tenha feito comigo – Ele disse, a voz tão firme que eu quase acreditei. – Okay? Isso não é tão importante agora.

Embora eu achasse que aquilo era, sim, muito importante, concordei com a cabeça para agradá-lo porque eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para ajudá-lo a sentir menos dor naquele momento. Eu só podia me preocupar e isso eu já estava fazendo muito bem.

Olhamos ambos para a bandeja de comida e nós encaramos por um momento, nos comunicando pelos nossos olhares. Minha barriga reclamou de fome, mas eu balancei a cabeça.

— Você não está com fome, está? – Erick perguntou, incerto.

Eu sabia que ele deveria estar com muito mais fome que eu,

depois do que nós havíamos feito e depois dele ter apanhado. Ele precisava comer.

— Não – Eu menti.

Erick concordou com a cabeça e me puxou para um canto e eu encarei-o, estranhando não vê-lo pegar a comida. Ele encarou-me, sentando e fazendo com que eu sentasse ao seu lado.

— Eu acho que pode ter veneno – Ele sussurrou, ao perceber que eu estava questionando suas atitudes, mas ao mesmo tempo me alertando para não comer.

Encostei a cabeça em seu ombro e tentei relaxar, mas meu olhar ainda estava preso e conectado com a porta, vigiando-a, mesmo sabendo que nada iria acontecer tão cedo.

— Mas não acho que está – Erick sussurrou, logo depois – Tenho certeza que somos um encorpador de resgate – disse. – Apenas vão cobrar mais caro agora e meu pai vai poder ajudar o seu com mais dinheiro porque eu estou aqui e logo eles vão nos tirar daqui, então vai ficar tudo bem.

Concordei com a cabeça, entendendo seu ponto de vista e aceitando-o. Percebi que Erick não falava como se fosse Théo e eu franzi a testa, lembrando dos caras que nos sequestraram. Não fazia sentido tentar mexer com a nossa vida pelas mensagens se não tivesse o dedo do irmão dele, mas não ponderei.

Suspirei, pensando que tudo iria se resolver tão rápido que eu não notaria. Talvez fosse bom conseguir dormir um pouco com os braços de Erick ao meu redor, mesmo sentindo tanto frio naquele lugar.

Eu estava quase relaxando, quase cochilando, quando ouvimos passos outra vez. Dessa vez, porém, estavam mais agitados e o barulho de ferro arrastado estava sendo muito maior. Apertei a mão de Erick com força e ele, novamente, posicionou-se à minha frente e eu mal conseguia ver a porta por cima de seus ombros.

Mas vi quando ela se abriu totalmente e duas figuras masculinas estavam prostradas à frente dela. Um deles foi jogado barra dentro com um lampejo. Ao levantar o olhar para a homem, jogado ao chão, seus olhos castanhos cruzaram com um meu, lançando uma onda de pavor por todo o meu corpo.

Théo.

Image

Théo manteve seu olhar fixo no meu por alguns segundos e depois eu o vi levar o olhar lentamente para observar a posição defensiva de Erick. De alguma forma, ele parecia absorto em completa admiração e respeito para nós dois, mas a visão dele, que tanto mexera com a minha vida, me desagradava.

Apesar de parecer calmo e não provocar nenhuma ameaça, eu estava em total choque. A única reação sensata que meu corpo conseguiu fazer foi apertar minhas unhas no ombro de Erick que, com isso, pareceu finalmente reagir à situação inusitada.

— Théo? – Ele questionou, quase como se não acreditasse que ele estava realmente ali.

Théo meio que ignorou as palavras de Erick, seu olhar se prendendo na bandeja de comida, para qual ele se encaminhou logo em seguida, pegando uma coxa de galinha e a mordendo-a com uma vontade que me fazia crer que não comia há bastante tempo.

— E aí, irmão? – Ele cumprimentou Erick, de boca cheia.

Minha boca escancarou-se de choque e eu encarei-o por uns momentos. Ele levantou as sobrancelhas e balançou a cabeça, como se me cumprimentasse também, silenciosamente.

Não sei qual das suas ações me fez reagir. Não sei se foi sua displicência, sua calma ou se foi simplesmente o fato dele estar ali, mas meu coração disparou de uma forma absurda e eu reagi instintivamente, de uma forma que eu nunca agira antes na minha vida: Eu empurrei Erick para o lado – tão preocupado em me proteger dele que acabou cambaleando e caindo – e avancei contra Théo com uma força que eu não saberia ter.

Chutei-o na barriga e ele encurvou-se, deitando no chão. Passei uma de minhas pernas por cima da barriga dele e soquei-o bem no nariz, enquanto sentava em sua barriga. Antes que eu pudesse perceber seus movimentos, porém, ele segurou minhas mãos e girou, ficando por cima de mim.

Arregalei meus olhos instantaneamente e ele encarou-me, tentando entender minha reação congelada. E, impressionantemente, ele se afastou, indo para o canto do cômodo, antes que Erick sequer me alcançasse.

Erick me puxou pelo braço e me arrastou para outra ponta do quarto, o mais longe de Théo que ele conseguia me levar, e me sacolejou para ver se eu reagia, mas eu não pude. O segundo que eu passei sob o total domínio de Théo tinha se arrastado em câmera lenta e havia sido o suficiente para que eu me recordasse de memórias que eu havia afundado há tempos, além daquelas que ainda estavam brilhantes em minha mente e me provocavam reações totalmente estúpidas mesmo depois de tanto tempo.

Por um segundo, não mais que isso, ele esteve sobre mim, entre minhas pernas e segurando minhas mãos. Tal como havia feito, além de diversas outras coisas, na noite que me quebrou em mil pedaços. Ele pareceu perceber e se incomodar, também. Nos olhos dele, no milésimo de segundo em que nos encaramos, antes de eu arregalar meus olhos em puro medo, eu vi um resquício de loucura, tão similar a minha que meu coração disparou como se eu tivesse corrido uma maratona. E, então, antes mesmo que eu pudesse ter alguma reação – como gritar ou me debater, ele se retesou e se afastou, encolhendo-se no canto como uma criança assustada, abraçando seus joelhos.

Então, quando Erick me sacudiu, esperando que eu pudesse encará-lo e dizer que estava tudo bem, eu não pude fazê-lo. Meu olhar estava perdido na reação que Théo tivera, percebendo que ele parecia mais quebrado do que eu, que já conseguira juntar alguns pedaços. Eu tremia, meu corpo não respondia meus comandos, mas ele sequer reagia.

Erick entrou no meu campo de visão, seus olhos azuis ardendo em preocupação por não conseguir chamar minha atenção. Ele segurou meus ombros, uma mão em cada lado e me sacudiu um pouco mais forte. Fechei meus olhos e suspirei, tentando me concentrar nas

palavras que ele dizia.

— ... Bem? Me responde, Mariana! – Seu tom de voz beirava o pânico.

Suspirei mais uma vez, percorrendo meu olhar por todo o seu rosto, todo expressado com pavor e desespero. Sorri de leve para ele, percebendo que nada poderia me derrubar enquanto eu o tivesse ao meu lado.

— Só um susto – Eu sussurrei-lhe.

Ele sorriu, aliviado e encostou os seus lábios nos meus. Consegui sorrir um pouco mais, enquanto ele mordiscava meu lábio. Então ele se sentou e puxou-me consigo para que eu me aconchegasse em seu abraço, acariciando meus cabelos ralos com delicadeza, quase como um cafuné.

Eu achava complicado que eu pudesse amar mais alguém como eu amava Erick.

— Olhe... – Ele sussurrou-me, baixinho, na orelha. Senti seus dedos dedilhando em meu ombro e tomaram o caminho na minha cintura pelas minhas costas. Sua outra mão percorreu minha barriga e entrelaçou-se com a outra, fechando um círculo protetor ao redor de mim. – Ele está machucado.

Levantei meu olhar do braço de Erick que rodeava minha cintura para olhar para Théo, encolhido e de cabeça baixa no canto. Ele pareceu perceber que estávamos analisando-o e levantou a cabeça. Pude ver o que Erick me dizia: Um de seus olhos estava com bordas arroxeadas e parecia inchado e meio fechado, meu lábio estava cortado em três lugares e havia hematomas nas duas bochechas, além de conseguir ver alguma coisa em seus braços.

— Eu não consigo mais ver... Que seja ele – Erick sussurrou em meu ouvido. – Parece que ele está na mesma que a gente.

Encarei Théo por uns momentos e, para meu assombro, ele correspondeu. Seus olhos pareciam espelhos de tão nítido que suas emoções pareciam a mim: E eu consegui ler pesar, dor, inveja, a admiração que eu já havia identificado antes e, para meu total pânico, loucura. Total e extrema loucura.

Desviei o olhar com rapidez e encarei os olhos azuis de Erick, me olhando com uma esperança contida que eu tinha certeza que ele esperava esconder de mim. Suspirei e apertei minha mão em seu

braço, na altura da minha barriga e levei meu lábio à sua orelha.

— Entendo que ele é seu irmão e que você não quer vê-lo dessa maneira – Sussurrei. – Mas não consigo ver de forma diferente. Acho que isso é um artifício dele, de alguma forma que não consigo entender. Mas é.

Erick ficou instantaneamente tenso com minha declaração e pareceu ponderá-la por momentos. Seu abraço apertou-se ainda mais, como se estivesse totalmente disposto a me proteger de qualquer maneira e a qualquer custo.

— Há quanto tempo estão aqui? – Ouvi Théo dizer.

Estremeci levemente e foi impossível para mim e Erick não encará-lo. Ele demonstrava uma curiosidade genuína e eu desviei o olhar para Erick, apenas para vê-lo franzir a testa e cerrar os olhos, analisando o irmão como se quisesse entender o que se passava na cabeça dele, sem realmente conseguir se aproximar de nada satisfatório.

— Um dia. Mais ou menos. – Respondeu.

Théo concordou com a cabeça e abaixou-a, encostando o queixo no joelho, sem tirar os olhos de nós dois. Eu não conseguia me acalmar, mesmo com os braços de Erick ao meu redor e o carinho esquisito que ele começara a fazer em minha cintura para que eu me mantivesse sã.

— Acho que estou aqui por umas duas semanas – Respondeu, mesmo que não tivéssemos perguntado nada. – Com a Beth.

Sem nem pestanejar de dúvida, olhei-o rapidamente, meus olhos cerrados para o apelido que ele havia dado à minha irmã. Ninguém — *ninguém* — a chamava de Beth, exceto Kate quando queria que ela fizesse algo para ela, e parecia que era uma maneira carinhosa e especial de chama-la. Uma forma tão íntima que meus pulsos se cerraram automaticamente.

Erick, por outro lado, não teve a mesma reação rápida que eu. Ele franziu a testa para Théo e preferiu um:

— Beth?

Théo concordou com a cabeça e pareceu encolher-se ainda mais ao meu olhar ameaçador. Eu sempre achei que eu poderia ficar com medo se o encontrasse de novo, mas tudo o que eu conseguia sentir era raiva e ele parecia estar assustado com isso.

— Elizabeth — Disse, simplesmente. — Sua irmã, certo? — Ele questionou-me, olhando diretamente para mim. Engoliu a seco ao meu olhar, mas levou os meus olhos cerrados como uma afirmação. — Eu costumo dividir a cela com ela, desde que chegou. Mas agora... Eles me tiram de lá... Às vezes...

A incerteza e a dificuldade com que ele proferiu as últimas palavras aguçaram minha curiosidade e também a de Erick.

— Te tiram de lá? — Ele questionou, não compreendendo. — Por quê?

Ele abaixou o olhar, incapaz de me encarar por muito mais tempo. Olhei para Erick, que também mantinha o olhar fixo no irmão, como se quisesse entender cada partícula incompreensível no seu novo comportamento submisso e quase tímido, contrastando totalmente com o que nós recordávamos dele: Rude, agressivo, mandão, superior...

— Porque eu não gosto quando eles fazem maldades com ela — Ele sussurrou, tão baixo que eu quase não entendi. — E eu brigava. Então eles acham mais fácil me tirar de lá.

Meu coração disparou e eu desvencilhei-me de Erick com uma facilidade que o deixou completamente tonto. Levantei-me rapidamente e caminhei até Théo, parando à frente dele.

— Você está me dizendo que eles... Eles estão fazendo coisas ruins com a minha irmã... — Eu respirei com dificuldade, o ar faltando em meus pulmões, não preenchendo totalmente como deveria — Agora mesmo?

Théo, com o olhar totalmente assustado, apenas concordou com a cabeça. Fechei meus olhos e antes que eu pudesse me conter, joguei meu corpo com toda minha força contra a porta de metal que nos mantinha naquele ambiente. Soquei-a e chutei-a várias vezes, proferindo várias injúrias para um ninguém que estivesse do outro lado antes que Erick pudesse me segurar pela cintura para impedir que eu machucasse a mim mesma.

Diante da minha incapacidade de fazer Erick me soltar, chutando e socando o ar vazio, eu debulhei-me em lágrimas de frustração, deixando meu corpo todo pesar, incapaz de me sustentar em pé. Erick ajoelhou-se, levando-me consigo e me abraçou. Deixei-o me acalantar, enquanto eu chorava alto demais para conseguir ouvir as palavras doces que ele me dizia.

Théo se afastou silenciosamente para outro canto, longe de nós dois. Erick levou os lábios para os meus ouvidos e cantou uma canção infinitas vezes até que o pavor e as lágrimas me esgotaram e sua voz rouca na canção me guiou para um sono sem sonhos completamente profundo.

Não sei quanto tempo eu dormi, mas acordei para encontrar o cômodo todo escuro novamente. Tateei ao meu redor, sem conseguir enxergar direito e reparei que estava sobre o colchão imundo da nossa cela. Erick provavelmente me colocara ali porque achara que eu estaria confortável, mas me arrastei para fora dele o mais rápido possível, discordando completamente.

— Erick? – Chamei.

Meus olhos conseguiram ver sua figura se levantando do canto oposto do quarto e caminhando em direção à minha voz. Ele agachou-se ao meu lado, os olhos azuis doces e um sorriso tranquilizador no rosto. Suspirei, aliviada, por ele estar por perto. Acho que toda a minha coragem em encarar Théo – mesmo um Théo tão frágil quanto esse parecia – se vinha da presença protetora de Erick. Se ele saísse dali, mesmo por um segundo, eu poderia pirar.

— Fico feliz que você tenha dormido um pouco – Ele sussurrou, dedilhando meu rosto da forma que ele fazia quando queria colocar um cabelo atrás da minha orelha, embora não houvesse mais tanto cabelo para que ele conseguisse fazer isso.

Olhei de seu sorriso doce para o local de onde eu sabia que ele viera, tentando enxergar através da escuridão. Erick suspirou.

— Ele ainda está aí? – Sussurrei.

Erick segurou meu rosto com as mãos e me deu um selinho, acariciando minha bochecha como se isso fosse capaz de tirar todo aquele peso do meu peito e me acalmar. Ele sempre fora capaz de fazer isso, mas, no momento, eu só queria chorar.

— Mandaram mais comida – Erick sussurrou. – Não acho que ele vá sair daqui por enquanto.

Abaixei o olhar e concordei com a cabeça, sem ter mais nada que eu pudesse fazer no momento. Erick sorriu de leve e me deu mais um selinho, esse um pouco mais demorado que o anterior.

— Nós estávamos conversando – Ele sussurrou. – Sobre isso. Acho que você deveria ouvir...

Ele estava carinhosamente me pedindo permissão para me contar algo que eu provavelmente não gostaria de saber, mas... Deveria. Levantei o olhar para ele e ele simplesmente me encarava avido por uma resposta. Concordei com a cabeça, apenas, e ele suspirou.

— Hm... Quando o Théo estava preso... – Ele sussurrou. Vi Théo meio que engatinhar mais para perto de nós, para que pudesse ouvir. Ele se aproximou o suficiente para eu conseguir distinguir seu contorno e apenas isso. – Jenna. Jenna o visitava. Ano passado, quando ele saiu, eles ficaram juntos. Conseguiram um apartamento razoável para morar, presente do meu pai e Théo começou a trabalhar em uma empresa de um amigo nosso como mensageiro...

Erick parou e eu o vi abrir e fechar a boca várias vezes, sem saber o que dizer. Podia ver que ele estava completamente sem jeito de continuar a história e eu levei minha mão a dele, apertando-a.

— Eu gostava do meu emprego. – Théo disse, se metendo, percebendo o tom de voz de Erick ao falar mensageiro. Um emprego devidamente inferior para a pessoa que Théo era, antes de ser preso. Ele nunca teria aceitado esse trabalho antes, muito menos gostado dele. – Eles me pagavam cursos e eu ia ser promovido no final do ano. Trabalhar no escritório mesmo, com uma mesa só pra mim. Como auxiliar, mas era um pouco melhor. Eles querem me ajudar, mesmo, gostam de mim. – Ele se aproximou só mais um pouco e eu pude ver seus olhos me encarando, como se ele quisesse dizer mais do que realmente dizia. – Mas Jenna estava infeliz. Eu conseguia pagar as contas e as coisas da casa, com dificuldade, mas ela queria mais. Pedia dinheiro para os pais e depois jogava na minha cara. E ela sempre... Sempre falava de vocês dois.

Ele suspirou e eu senti que aquele era o pesar que ele vinha demonstrando desde que entrara na nossa sela e, em parte, a admiração. Se aquilo realmente havia acontecido, algo daquela obsessão de Jenna podia ter passado para ele de alguma forma. Talvez ele também desejasse nossa vida – sem saber que ela não era exatamente o mar de rosas que havia parecido a ele – e, com isso, acabava tendo aquela admiração confusa e esquisita que me assombrara.

“Falava que vocês estavam se formando e estagiando e como a vida de vocês era boa, diferente da nossa. E, as vezes, ela aparecia

com umas fotos de vocês em lugares bonitos e falava que nós nunca íamos em lugares assim. Um dia, ela acordou com a ideia de que queria viver a vida de vocês e que, pra isso, a gente precisava pegar dinheiro de vocês, das suas famílias. Eu disse que ela estava completamente louca, mas ela não me ouviu. Veio com um plano de extorsão completamente ridículo e eu disse a ela que não queria, que eu estava bem e ela chorou, disse que ela não estava”.

A voz dele embargou como se realmente se importasse com os sentimentos de Jenna e aquilo realmente o tivesse afetado. Consegui sentir pena dos dois e me comovi um pouco com sua história.

”Eu não queria fazer nada disso, eu estava reconstruindo minha vida e não queria correr o risco de ser preso de novo e falei isso pra ela. Ela ficou zangada comigo e não disse mais nada. Algumas semanas depois, três caras da prisão onde eu estava apareceram lá em casa e ela perguntou se eu estava dentro ou não. Beth estava com eles, amarrada e amordaçada. Tentei soltá-la, mas eles me prenderam também. E então jogaram a gente nesse lugar”.

Meus olhos, agora mais acostumados com a escuridão, conseguiram ver Théo morder o lábio em expectativa à minha reação. Tentei avaliar a situação friamente, mas não pude.

Jenna era minha melhor amiga e, embora nós estivéssemos afastadas há tanto tempo, eu não acreditava que ela fosse capaz de fazer algo do gênero. Sequestrar minha irmã, controlar Erick? Tudo para ter mais dinheiro? Não, não parecia com ela. Théo, por outro lado, embora estivesse parecendo um cordeiro, era um lobo, na verdade. Ele tinha estuprado a mim e outras meninas. Ele tinha torturado Erick psicologicamente por toda sua adolescência. Ele tinha assassinado o meu bebê.

Ele tinha todos os elementos necessários para extorquir, sequestrar e ainda mentir descaradamente para nós sobre isso.

— Não acho que isso seja coisa da Jenna – Eu disse, simplesmente.

Erick suspirou e senti-o segurar minha mão daquela forma que ele fazia quando queria me convencer de algo. Já conseguia sentir sua respiração em minha bochecha, seus lábios a caminho da minha orelha para proferir palavras com aquele tom de voz que nunca me permitia dizer que não...

Mas as palavras nunca foram ditas. Nós, nós três, congelamos ao ouvir os passos no corredor de fora da nossa cela. Ouvimos o barulho de ferro arrastando ferro e, então, a luz nos cegou apenas por alguns momentos, para então se cerrar. E nós ouvimos um choramingo baixo e assustado que eu reconheceria em qualquer lugar, em qualquer momento.

Era minha irmã.

Image

— LIZ! – Eu gritei.

Corri aos tropeços pelo escuro até ela e passei os braços ao seu redor antes mesmo que ela conseguisse perceber o que estava acontecendo. Incrédula, ela me abraçou de volta.

— Mari? – Sussurrou, com a voz fraca e trêmula, como se fosse incapaz de acreditar que eu estava ali com ela.

Abracei-a ainda mais apertado, deixando as lágrimas correrem livremente pelo meu rosto. Ela estava bem e, embora estivéssemos em uma enrascada, eu estava ali e faria de tudo para defendê-la.

— Ah, meu amor – Eu sussurrei.

Queria continuar a falar e dizer coisas bonitas como o quanto que eu a amava, mas não pude. Minha garganta parecia fechada pelo alívio e pela corrente de lágrimas que descia pelos meus olhos de forma constante. Afastei-me de seu abraço e segurei seu rosto com minhas duas mãos, meus polegares secando as lágrimas dela, sem me importar com as minhas próprias.

Eu mal podia acreditar que eu tinha meus braços ao redor dela, que eu podia tocá-la. Embora as circunstâncias – eu incluída no seu terror e não ela de volta à casa – eu estava feliz. Ela estava em meu alcance e eu podia fazer tudo o que eu queria para protegê-la.

Respirei fundo, sentindo minhas narinas começarem a congestionar por causa do meu constante choro, agarrada a um dos seres que eu mais amava na vida e que eu não tinha certeza se eu teria a sorte de ver novamente.

Lizzie era um pequeno raio de Sol na minha vida.

Senti suas mãos em minha cabeça e encostei minha testa na dela,

nós duas respirando com dificuldade por causa de nosso choro. Mas não era no reencontro, em si, que Lizzie estava pensando.

— Seu cabelo... — Ela sussurrou.

Sentei-me ereta, orgulhosa do meu novo corte. O cabelo de Lizzie já crescia, pequenos fios dourados sobre sua cabeça, quase imperceptíveis. Meus fios não estavam muito maiores.

— Você gostou? — Disse, displicentemente, apertando meus fios curtos como se pudesse afofá-los.

Ela esticou a mão, passando-a pelo meu cabelo como se pudesse sentir o restante dos fios cortados, com uma expressão de choque impossível de não notar.

Naquela proximidade e enquanto ela se distraía admirando o meu cabelo, eu prestei atenção a cada detalhe do rosto dela, aproveitando que estava com a luz acesa. Seu rosto estava marcado e inchado com tapas e cortes davam seu ar da graça, um bocado em seus lábios e um em sua sobrancelha. O cabelo estava começando a crescer, apenas um pouquinho de amarelo em sua cabeça lisa.

— Você mesma fez isso com você? — Ela perguntou, chocada, afastando sua mão de meu cabelo.

Ela estava confusa e eu tive ainda mais certeza que aquela fora a atitude certa a se tomar. Se antes eu estava fraca e sem esperança, agora, com Lizzie ao meu alcance, eu estava brilhando em confiança de que eu podia fazer tudo que eu pudesse para protegê-la.

— Sim — Eu respondi, casualmente. — Eu e sua mãe vimos seu corte e ficamos com inveja. Ficou realmente bom em você, então resolvemos cortar parecido. Ficou bom, não ficou? Erick adorou.

Ao ouvir seu nome, Erick engatinhou para perto de nós duas e abriu o maior dos sorrisos para Lizzie, que estava confusa e com lágrimas nos olhos. Ela olhou para ele e seu choro veio intenso, começou a tremer e soluçar.

Encarei Erick apenas por um segundo, sem saber exatamente como reagir e ele puxou-a para um abraço fraternal.

— Ei, pequena — Ele sussurrou, tentando acalmá-la. — Vai ficar tudo bem, você vai ver só.

Ela afundou o rosto no peito de Erick e arriscou uma olhadela para mim. Estendeu sua mão em minha direção e eu não pude me conter a puxá-la para o meu abraço. Erick soltou uma risada baixinha e puxou a

nós duas para nos aconchegarmos nele, encostando-se na parede para nos sustentar.

— Vocês não precisavam ter feito isso – Ela sussurrou, para mim.

Eu passei minha mão pelo rosto dela, secando suas lágrimas de forma desajeitada, mas amável.

— Fizemos e não nos arrependemos, Liz – Eu sussurrei. – Nós amamos você muito.

Mais lágrimas nasceram de seus olhos e correram por seu rosto sem que eu pudesse secá-las. Apagaram as luzes mais uma vez e tudo que eu pude fazer foi continuar segurando seu rosto, para ter certeza que ela ainda estava ali.

— Eu sei. Eu também. – Ela murmurou. Arrisquei-me a beijar sua testa e acertei um de seus olhos molhados, sem me importar. – Fizeram coisas comigo – Ela murmurou, meio incerta se deveria dizer.

Ao mesmo tempo em que eu congelei em meu lugar, senti Erick enrijecer todos os seus músculos. Eu tentei não tremer porque ela, embolada em meu abraço, praticamente deitada em mim, sentiria. Senti a mão de Erick passeando em meu braço em uma fricção de apoio, me sustentando incondicionalmente para que eu pudesse sustentá-la.

— O quê? – Ele não segurou a pergunta.

Erick sempre perguntava demais. Anos antes, ele tinha perguntado demais e me fizera confessar que minha primeira vez tinha sido um estupro de uma forma não muito agradável e que deixou um clima completamente esquisito por um tempo. É claro, ali onde estávamos, sequestrados e dividindo a cela com meu estuprador e assassino do meu filho, além de meio-irmão de Erick e, aparentemente, protetor da minha irmã, o clima era bem mais esquisito.

Lizzie, em meu abraço, tremeu à pergunta. Pela movimentação do corpo de Erick, encostado ao meu, em senti que ele se arrependera instantaneamente de ter perguntado aquilo.

— Eles me beijaram – Ela sussurrou. – Dois. E tocaram... Lugares.

Ao mesmo tempo que eu fiquei horrorizada com o que ela havia dito, eu senti meu corpo flutuar ao notar que parecia ter parado por aí. Erick também parecia infinitamente mais relaxado.

— Eles fizeram algo mais com você? – Erick questionou, desejando ter certeza de que era somente isso.

Ela suspirou e senti-a balançando a cabeça negativamente, meu coração parecendo desacelerar – e eu nem sentira que ele havia se acelerado.

— Não – Murmurou. – Eles tiraram Théo de perto de mim e só me tocaram. – Senti-a suspirar e olhar ao redor, como se tentasse ver alguma coisa no aposento escuro – Théo está aqui?

Havia intimidade no tom de voz que ela usou ao chama-lo. A mesma intimidade que me deixara nervosa ao ouvi-lo chama-la de *Beth*. Era quase uma admiração contida e soou como esperançosamente ao fato dele se encontrar no mesmo lugar que ela.

Era quase como eu soava quando falava de Erick quando ainda nos encontrávamos às escondidas e isso me deixou irritada. Erick percebeu e segurou minha cintura de leve, tentando me ajeitar em seu colo para que eu me sentisse mais confortável e relaxada. Como se fosse possível.

Do canto do aposento, ouvimos Théo se mexer, como se tentasse se arrumar em uma nova posição, agora que havia sido notado.

— Estou aqui – O ouvimos dizer.

Lizzie suspirou, quase que aliviada, como se o fato dele estar ali tivesse o efeito contrário nela do que tinha em mim: a acalmava. Isso me deixava ainda mais nervosa e confusa.

— Ela voltou antes que eles fizessem algo mais – Ela murmurou, mais para ele do que para Erick e eu. – E, então, me jogaram aqui.

Arregalei os olhos para o nada e meio que me afastei um pouco de Lizzie para tentar olhá-la em meio a escuridão, agora que meus olhos conseguiam distinguir o contorno dela do resto do escuro.

— Ela? – Questionei, de sobrancelhas arqueadas.

Pela expressão que consegui ver no rosto de Lizzie, ela havia franzido a testa, como se não entendesse o porquê eu estava agindo tão estranho à uma coisa que parecia *normal* a ela.

— Jenna – Foi Erick que respondeu, naquele tom irritante que ele usava quando descobria que ele estava certo e eu errada.

Eu abri e fechei a boca várias vezes, sem conseguir reagir. Afundei-me em mim e soltei Lizzie de meu abraço, jogando meu corpo para trás e atingindo Erick, que passou os braços ao meu redor, como se pudesse conter todas aquelas fagulhas de dor em meu coração.

Jenna e eu havíamos nos afastado depois que eu me mudara

para os Estados Unidos, mas eu ainda a tinha como minha melhor amiga. Trocávamos cartões em datas comemorativas e eu fazia questão de falar com ela em toda a oportunidade que tinha.

Erick e eu estávamos voltando para a Inglaterra agora e, embora meus pensamentos estivessem nublados por todos aqueles problemas, havia se passado, em algum momento, que eu poderia voltar a ter contato com ela, que poderíamos resgatar um pouco do nosso colegial saindo juntas para fazer compras ou algo assim. Fazia muito tempo que eu não fazia esse tipo de coisa com alguém, tivera muito poucas amigas nos Estados Unidos porque a maioria delas só se aproximava de mim por causa de Erick e me odiavam ou por ser filha de meu pai (as que cursavam direito comigo) ou porque eu trabalhava bem (as que fizeram estágio comigo) ou porque tinham algum interesse em Erick e queriam passar a perna em mim (e eu percebia logo). Tive colegas, mas nunca mais amigas. Jenna sempre fora especial.

E agora eu descobria que ela era, na verdade, uma criminosa maníaca que me perseguia e tinha sequestrado minha irmã. Era realmente ótimo para mim.

— Amor? — Erick me chamou. Percebi que havia fechado os olhos e os abri, encontrando minha visão bem melhor que antes e Erick e Lizzie me encarando com curiosidade. — Está tudo bem? — Ele me perguntou.

Como se Erick não soubesse que eu não estava bem, concordei com a cabeça em uma mentira totalmente deslavada. Ele sorriu seu sorriso perfeito de lado e encostou os lábios nos meus. Desejosa por mais, levei minhas mãos ao seu pescoço e pedi, praticamente implorei, que ele aprofundasse o beijo e ele o fez sem nem pestanejar, de uma forma tão carinhosa que levou lágrimas aos meus olhos. Senti-me estúpida, mas eu teria tempo para pensar sobre isso depois. No momento, apenas continuei a beijá-lo.

— Ei! Ainda estou aqui! — Lizzie reclamou.

Erick e eu nos afastamos instantaneamente, com sorrisos bobos e culpados no rosto. Lizzie também estava rindo e eu estava me sentindo mais leve. O clima de tensão havia se dissipado no ar. Erick levou os lábios ao meu pescoço e deu um beijinho de leve, uma informação de que ele queria continuar com aquilo, mas as circunstâncias não nos permitia. Já era o suficiente para que eu estremecesse.

Deixei-o passar os braços pelo meu corpo e me aconchegar em seu abraço. Lizzie cerrou os olhos para nós e, com um sorriso sapeca, se jogou em cima de mim. Deixei-a deitas sobre minha coxa e passei meus dedos pelo seu cabelo ralo, sentindo-a suspirar.

— Está tudo bem? – Perguntei a ela, preocupada.

Claro que não estava nada bem, mas ela concordou com a cabeça, como se toda a situação fosse irrelevante.

— Sim – Murmurou – Estou bem graças ao Théo.

Respirei fundo e Erick beijou minha cabeça de leve, sentindo-me ficar tensa mais uma vez. Eu apenas não conseguia evitar.

— Eu não fiz nada – Théo murmurou, do outro canto do quarto.

Levei meu olhar ao local de onde vinha sua voz e consegui ver ser contorno. Encolhido em uma das quinas, abraçando suas pernas, parecendo subjugado e desconfortável.

— Me defendeu – Ela sussurrou em um tom apaixonado. – Não sei o que teria acontecido se ele não estivesse aqui.

Suspirei, totalmente desconfortável. Lizzie mantinha os olhos fechados e tinha um sorriso tão bobo no rosto que eu não quis ver. Fechei meus olhos e tentei relaxar com o corpo de Erick moldado ao meu. Sentia sua respiração em minha orelha e beijinhos foram depositados ali, para tentar me acalmar.

— Eu não fiz nada – Ele repetiu. – Eles não podem me machucar. *Muito.*

Eu estava tentando não prestar muita atenção na conversa e me concentrando nos beijinhos deliciosos de Erick, que estavam descendo em direção ao meu pescoço, mas ao ouvir o irmão dizer aquilo, ele parou instantaneamente.

— Por quê? – Ele perguntou, incapaz de conter a pergunta.

E, depois disso, ele se manteve tão curioso e atento por uma resposta que eu não tive opção a não ser abrir meus olhos e deixar-me esperar para entender aquela história também.

Ouvi Théo suspirar, mesmo à distância, como se aquele fosse um assunto do qual ele não gostava muito.

— Ela só está me mantendo aqui porque eu sei o que está acontecendo e tem medo que eu conte tudo – Ele sussurrou. – Ela acha que se conseguir o dinheiro, eu vou aceitar tudo e que nós vamos ficar bem. Ela quer viajar pra algum lugar ao Sul e que a gente vai viver uma

espécie de férias para sempre.

Ele suspirou, mais uma vez, e, dessa vez, pareceu cansado daquilo, cansado de tudo que estava ao seu redor.

"Então, ela não quer que eu me machuque. Ela também não quer que machuquem a Beth, mas ela não se importa tanto, só com o dinheiro. Mas ela está tentando viver a vida normalmente, para que não suspeitem dela. Então, quando ela sai para ser vista na rua, eles tentam fazer coisas com a Beth. E eu normalmente apanho porque não permito. Aí ela fica zangada com todo mundo".

Théo realmente parecia machucado e chateado com toda aquela história, mas eu não queria vê-lo daquela forma. Ele fora o monstro da minha adolescência, aquele que destruiu todo o meu psicológico, ao qual eu ainda tinha sequelas até hoje. Eu não acreditava que ele pudesse mudar assim.

Para me contrariar, a coisa que ele disse a seguida, foi algo que soou extremamente preocupado, de uma forma que eu mesma soava quando me referia a ela:

— Você está bem, Beth?

Lizzie, deitada sobre minhas coxas, suspirou, ainda de olhos fechados. Um sorriso brindou sua face, quase iluminando-a em todo desespero em que nos encontrávamos.

— Sim – Disse. – Estou.

E antes que aquele momento ficasse ainda mais desconfortável para mim, ouvimos os passos e o arrastar de ferro, a comida sendo jogada para dentro da cela e em uma quantidade ainda maior que da outra vez.

Encarei a comida, sentindo meu estomago roncar de uma forma impressionante. Erick também parecia esfomeado, mas segurou meu braço, impedindo-me de comê-la. Eu podia ouvir seu alerta, mesmo que as palavras não tivessem sido pronunciadas.

Théo entrou em meu campo de visão e arriscou pegar um prato, comendo tão rápido e desesperadamente que eu quase não conseguia vê-lo mastigar. Olhei para Erick em uma pergunta muda e ele balançou a cabeça afirmativamente.

Lizzie engatinhou para perto de Théo e ele lhe passou uma garrafa de água, da qual ela bebeu desesperadamente rápido, molhando parte de seu rosto, dando-se por satisfeita.

E, embora esfomeada, não me mexi. Erick percebeu o que era e esticou-se, ainda comigo encaixada em seu colo e Lizzie voltando a deitar em minhas coxas, e Théo empurrou dois pratos de comida em direção às mãos que Erick esticava.

Nada foi dito, mas era subentendido. Eu não chegaria perto de Théo por nada do mundo.

Comi minha comida com o máximo de tranquilidade que eu conseguia e limpei meu prato com medo de ratos e outros vermes. Erick já havia terminado o seu há algum tempo e coloquei meu prato vazio sobre o dele, voltando a me encostar-se a seu corpo.

Théo havia se afastado um pouco, mas não tanto quanto estava antes. Eu sabia que ele estava prestando atenção em cada detalhe nosso, mas não me importei quando Erick beijou-me.

Novamente, lágrimas vieram aos meus olhos e eu dei por mim que era porque eu sentia que podia ser nosso último beijo. Erick encerrou-o e esfregou o nariz no meu carinhosamente, enquanto eu suspirava. Encostei minha cabeça em seu ombro e deixei-me fechar os olhos e tentar relaxar.

Lizzie estava dormindo há algum tempo com a cabeça deitada em minhas coxas. Acaricieei seu rosto por um momento e então tentei dormir, mas meu corpo simplesmente não relaxava o suficiente.

Mantive-me de olhos fechados e Erick deve ter achado que eu estava dormindo, porque ele não se mexeu um milímetro sequer, excetuando os carinhos e beijinhos que ele continuou me dando.

Algum tempo de silêncio se passou até que Théo quebrou-o – e eu tive que me esforçar para não pular de susto.

— Ela cuida mesmo muito bem da Beth – Ele sussurrou.

Não tenho certeza se era para Erick ouvir, mas certamente não era para os meus ouvidos. Ambos achavam que eu e Lizzie estávamos dormindo, então resolvi continuar quieta.

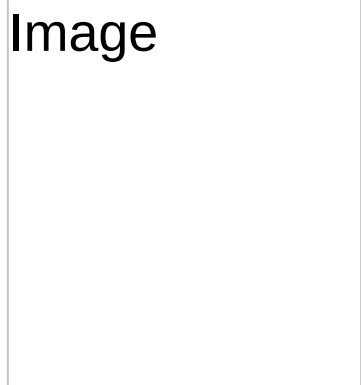
Porém, Erick pareceu incomodado com o assunto. As mãos que acariciavam minha cintura há algum tempo congelaram-se e ele fechou uma das mãos em punho, da forma que havia aprendido para controlar seus impulsos de raiva e violência.

— É – Ele murmurou. Havia amargura em sua voz. — Tenho certeza que ela seria uma ótima mãe.

E o resto da frase ficou no ar, ecoando, mesmo que as palavras

não tivessem sido ditas. *Se você não tivesse estragado tudo.*

Mesmo afetada e com a garganta fechada pela vontade de chorar, eu fiz o melhor que eu podia fazer naquele momento: Continuar fingindo que dormia.



Image

Eu acordei em um pulo só e mal tinha reparado que havia caído no sono depois de algum tempo. Quando eu olhei ao redor, já era tarde demais para reagir com a minha lerdeza de recém-desperta.

Lizzie foi arrancada de meu colo com uma brutalidade repreensível. Erick ainda estava bocejando, tentando entender, quando em me joguei para frente, agarrando a perna de um dos três brutamontes que a seguravam.

— SOLTA ELA! – Eu gritei.

Ele sacudiu a perna como se eu fosse um chiclete que ele havia pisado sobre. Incomodada, soltei-o e levantei-me, sem saber exatamente como agir. Parecia que tudo estava acontecendo em câmera lenta.

Erick finalmente pareceu entender o que estava acontecendo, sua expressão se transformando em puro horror e ele começou a se levantar. Théo, na parede ao lado, estava escorado nela, meio tonto de sono, tentando manter o equilíbrio.

Então, realmente tinha algo na nossa comida, eu realizei, sentindo meu corpo meio mole também. Devia ser alguma espécie de calmante para todos estarmos tão devagar para reagir.

Com a cabeça nublada de pensamentos confusos e meu corpo não reagindo tão bem quanto eu gostaria, encarei os três brutamontes por um momento. Dois deles eram negros, um era de um tom quase chocolate e o outro se assemelhava mais à um latino, de queimado de

sol. O terceiro era bem mais claro e os três tinham tatuagens terrivelmente assustadoras.

O chocolate tinha os dois braços fechados com caveiras, caixões e cruzeiros. Em algum lugar, próximo ao ombro, tinha uma tatuagem de homenagem à mãe dele e um beija-flor. Quase fofo.

O mais claro tinha correntes nos pulsos e as tatuagens eram uma forma de expressão política, mas uma política assustadora. Embora eu pouco pudesse entender dos símbolos, eu tinha a impressão que eles eram de alguma sociedade com valores de repressão, como o nazismo, símbolo também tatuado nele, nos dois antebraços. O que era um pouco irônico, visto que ele estava no meio de dois negros.

O latino tinha diversas mulheres tatuadas e eu conseguia ver ao menos três delas estando mortas ou sendo mortas em suas tatuagens. Estremeci só de olhar.

Encarei seus rostos com cuidado, na esperança de sair dali e poder descrevê-los com a destreza necessária para eles não se safarem daquela. Mas, infelizmente, não tive tanto tempo para tal.

O cara branco parecia se deliciar o suficiente com a beleza da minha irmã para se arriscar a enfiar a mão por dentro da blusa dela e agarrar-lhe seus seios, sorrindo, realmente contente, na minha frente.

Primeiramente, eu não reagi ao fato, o calmante ainda tendo algum efeito. Acompanhei os outros caras batendo em suas costas e o latino também colocou sua mão por sobre o outro seio dela, ainda por cima da blusa.

Aí houve uma explosão de raiva e adrenalina em meu corpo e cerrei meus olhos, avançando contra os dois como se eu pudesse conter todos aqueles músculos com a minha força de vontade.

Tudo que eu consegui foi ser jogada contra a parede onde Théo estava encostado, perto demais dele, mas sem conseguir me importar. Minha cabeça bateu contra a parede e eu senti-a explodir de dor. Pisquei, tentando acompanhar o que acontecia, mas meus olhos pareciam não conseguir se focar direito, estrelas pareciam ter tampado tudo o que eu podia ver.

Apertei meus olhos com força e abri-os outra vez para encontrar Théo e Erick reagindo e tentando brigar com os três caras. Certamente, eles tinham mais chances que eu. Lizzie havia sido esquecida por um momento e estava escorregando-se para trás, até a parede mais

próxima. Um pouco mais despreocupada, fechei meus olhos mais uma vez, apertando-os com força para tentar lidar com a dor na minha cabeça.

Senti algo incomodar minha mão e só então percebi que havia caído sobre a louça de Théo e o vidro cortara minha mão. Abri os olhos para admirar o corte feio da minha mão, mas meus olhos não conseguiam ver direito e eu estava tonta. Fechei-os mais uma vez

E então eu ouvi dois estampidos.

Tremi da cabeça aos pés e escorei-me na parede, sem me importar com dor, tontura, nada. Abri meus olhos e tudo o que eu consegui ver foi um filete de sangue correndo próximo aos meus pés. Ouvi gemidos masculinos e com uma dor no coração, percebi Erick entre eles.

Olhei para um brutamontes sem distinguir muito bem as coisas ainda, mas eu sabia que ele segurava alguém. Sem saber, nem me importar, qual dos três ele segurava, joguei-me contra ele e consegui acertar meu pulso em seu nariz, fazendo-o soltar a pessoa.

— SUA VAGABUNDA! – Ele berrou para mim e avançou em minha direção.

Comecei a recuar, mas tropecei no alguém que ele havia soltado e tentei engatinhar para trás, apenas adiando o inadiável. Ele iria me matar.

— PARADO – Ouvi a voz de Lizzie inundar o ambiente com uma fibra que eu nunca imaginava que ela teria. Ainda tonta, eu conseguia ver melhor e meu coração pareceu se apertar ao vê-la segurar uma arma, tão segura de si, apontando para o cara que me perseguia – Encoste um dedo na minha irmã e eu explodo sua cabeça sem nem pensar duas vezes.

Pisquei mais uma vez, tentando focar meus olhos um pouco mais enquanto ele erguia as mãos e ela acenava para ele ir até a parede. E, então, ele passou por cima de alguém e eu finalmente consegui distinguir que era Erick.

Congelei em meu lugar, minha boca entreaberta, meus ouvidos finalmente identificando os gemidos constantes dele. Suas mãos estavam sobre a barriga e elas, além dos braços, estavam emplastados de sangue.

O filete de sangue que escorrera em minha direção era dele.

Desesperada, engatinhei-me em sua direção e puxei suas mãos para longe de sua barriga, apenas para encontrar um buraco de bala na altura de sua cintura.

— Erick! — Eu murmurei, nervosa. — Erick, Erick, Erick... — Eu repeti, em desespero, sem saber exatamente o que falar.

Ele abriu seus olhos e os azuis, opacos encararam os meus e eu me peguei chorando desesperadamente.

Curvei-me sobre ele e beijei seus lábios, tentando, com aquilo, dar-lhe certeza que ele ficaria bem, já que eu não conseguia falar direito.

— Eu... Eu to bem — Ele murmurou para mim.

Chorei mais ainda, com a certeza de que ele não estava nada bem, mas achando lindo ele tentar me acalmar. Com cuidado, dobrei sua camisa ensanguentada até conseguir tampar o ferimento e pressionei-o de leve, tentando entancar o sangramento. Erick gemeu, fechando os olhos novamente e apertando-os, demonstrando dor, mas eu sabia que eu deveria estar fazendo alguma coisa certa. Ele não podia sangrar tanto assim.

— TOM! — Ouvi uma voz feminina berrar e levantei os olhos para ver Jenna entrar no aposento as pressas e se dirigir para Théo, deitado aos pés de Lizzie.

Olhei ao redor para ver os três brutamontes na parede de fundo da cela e Lizzie com a arma em punho na direção deles. Ela deu alguns passos para trás e Jenna entrou em sua mira também.

Vi Jenna levantar o olhar para Lizzie, seu rosto brilhando de extremo ódio para minha irmã. Lizzie apenas arqueou a sobrancelha e balançou a arma para ela, mandando-a se levantar.

Olhei para Théo e achei que ele estava desacordado — ou morto, mas vi seu peito levantar e descer com uma certa dificuldade. E, então, ele cuspiu uma quantidade assustadora de sangue. Isso distraiu Lizzie por um momento e o cara branco se mexeu em minha direção.

Surpreendendo a todos nós, Lizzie atirou no teto.

— Você acha que eu estou brincando? — Ela questionou a ele. Ele voltou a levantar aos mais e retornar a parede. — Você — Ela disse à Jenna. — Entregue o celular a Mari.

Jenna continuou encarando-a com raiva e sem se mover. Théo soltou um gemido e a atenção das duas se voltou para ele por um

momento. Lizzie se recuperou mais rápido e parecia ainda mais nervosa.

— ANDA! – Ela berrou.

Jenna, completamente contrariada, caminhou em minha direção. Soltei o ferimento de Erick e estendi minha mão para pegar o aparelho e ela praticamente jogou-o em meu colo, irradiando ódio de uma forma que eu não sabia que podia. Encarei-a nos olhos, mas ela apenas me ignorou e foi para a parede junto com os capangas dela.

Tremendo, disquei números de emergência.

— Por favor, socorro – Eu implorei, antes mesmo que a atendente pudesse falar “alô”. – Nós fomos sequestrados, meu noivo levou um tiro.

“Querida, por favor, se acalme. Nós vamos te ajudar. Onde vocês estão?”

Eu abri e fechei a boca por um momento.

— Eu não sei! – Exclamei nervosa. Senti a mão de Erick em meu joelho, apenas um encostar de leve para me lembrar que eu precisava ser rápida. Olhei para Jenna – Onde estamos?

Jenna encarou-me com um sorriso sádico no rosto e eu estava em pânico com a menina da emergência pedindo para eu me acalmar que ela poderia tentar rastrear minha ligação.

— FALA PRA ELA! – Lizzie gritou.

“Estamos triangulando sua ligação agora, fique calma. Quantos feridos?”

— Dois – Eu disse, tentando ser prática. – Meu noivo levou um tiro na barriga... Do lado esquerdo, perto da cintura. E o outro...

Levantei o olhar para Lizzie e ela nem pestanejou.

— No peito, lado direito.

— No peito, lado direito – eu repeti, no telefone. – Eles estão perdendo muito sangue.

“Estamos mandando uma ambulância” Ela disse, parecendo mais apressada. *“Fique comigo mais um pouco”*. Passou-se mais alguns segundos. *“Pronto, achamos vocês. Não mexa nos dois, estamos chegando. Vamos leva-los para o hospital mais próximo... Ealing Hospital”*.

Ela me disse mais algumas palavras tranquilizadoras e eu desliguei para dar atenção a Erick. Segurei sua mão e apertei-a,

tentando, sei lá, passar alguma espécie de força e ele sorriu, meio fraquinho, pra mim.

— Liga... Seu pai. — Ele sussurrou. — Meu pai.

Concordei com a cabeça e peguei o celular novamente, discando rapidamente o número do meu pai.

— Mariana... — Ouvi Théo murmurar.

Ignorei-o totalmente.

"Quanto você quer agora?" Ele já atendeu dizendo.

— Pai! — Eu chorei.

Ouvi uma barulhada e ele pareceu mais ativo.

"FILHA! Como você está? O que eles estão fazendo com você?"

— Nada. Está tudo... — Bem não parecia certo de se dizer. — Ok agora. Estamos indo pro hospital. Ealling. Erick está machucado. Ele pediu pra avisar o pai dele.

"Ealling? Nós estamos indo para lá agora. Sua irmã está bem?"

— Sim, pai, ela está ótima — Eu disse, sem conter um sorriso para Lizzie. — Nos vemos lá.

Desliguei, com o coração doído de saudade, mas a esperança brincando em meus olhos. Minha única preocupação era se Erick ficaria bem. Segurei sua mão mais uma vez e apertei-a, desejando que eu pudesse curá-lo assim.

— Mariana... — Théo chamou mais uma vez.

Eu ignorei-o outra vez, mas Erick me olhou com um olhar determinantemente zangado.

— Fala... Com ele — Ele sussurrou. Eu neguei com a cabeça. — Vai sim — Disse.

Ele puxou sua mão de mim e continuou me olhando daquele jeito. Suspirei e abaixei a cabeça, rendida e levantei-me.

Contra minha vontade, ajoelhei perto demais de Théo e olhei para Lizzie, para não encará-lo. Porém, pelo o que eu entendia de anatomia e onde havia visto que ele levara um tiro, eu tinha certeza que ele estava com o pulmão comprometido. Isso significava que ele estava fazendo uma força fenomenal para falar comigo e isso me deu um pouco mais de respeito.

— Estou aqui — Eu disse.

Lizzie encarou-me com o mesmo olhar zangado de Erick e eu revirei os olhos, me obrigando a encarar Théo. Ele tinha os olhos

fechados com força e estava tremendo um pouco. E respirava com muita dificuldade, é óbvio.

— Queria... Desculpas – Ele sussurrou. Tossiu e cuspiu mais um bocado de sangue. – Pelo... que te fiz – As palavras não se conectavam com exatidão, mas eu sabia o que ele estava falando e não conseguia entender como ele me pedia uma coisa daquelas. – Eu não sabia... Não sabia – Ele tossiu mais um pouco. – O que... Fazendo.

Ele estava ofegante, mal conseguia falar. Eu não sabia muito bem sobre nada, mas entendia que Théo estava pior que Erick. Ele corria muito mais risco de vida com um tiro no pulmão e estava cuspidando sangue – o que provavelmente indicava que o órgão já estava inundado dele. Ele podia, além de tudo, se afogar.

E eu tinha certeza que ele sabia disso. E, por isso, estava me pedindo desculpas. Como um último pedido, antes de morrer. Como se eu pudesse dizer que sim e ele pudesse descansar.

Mas eu não podia dizer que sim e eu sentia os olhares repreendedores de Erick e Lizzie em cima de mim, não me arriscando a olhá-los. Apenas encarei minhas mãos e respirei fundo.

Théo fizera muita coisa ruim na minha vida e, além de ter me estuprado porque não havia conseguido esperar por eu aceitar dormir com ele, ainda havia me enganado e fingido de namorado bonzinho. Me traíra, me batera, matara meu filho e ainda havia usado minha melhor amiga para me atingir.

Sem contar toda a tortura psicológica que ele fizera com Erick por anos a fio. Até hoje, Erick mal conseguia cogitar a hipótese de comprar uma camisinha, quanto mais usá-la.

Como eu poderia perdoar o cara que me marcara para ser quebrada? Que destruía minha vida de uma forma que nem eu mesma conseguia entender? O cara que havia enchido minha existência de “E se?” e “Ele agora estaria aprendendo a soletrar”.

E, todas as vezes, por toda minha vida, eu vou olhar para uma escola e me perguntar se meu filho teria estudado ali. Se ele gostaria de filmes da Disney. Se ele comeria macarrão de dinossauro. E eu choraria, todas as vezes, quando essas possibilidades me enchessem de dúvidas.

Tudo isso por causa dele.

Eu poderia perdoá-lo?

— Mariana... — Erick me chamou. Não soava como uma repreensão, então virei meu rosto para olhá-lo. — Tantas vezes... Maravilhosas... Por que essa... Importante?

Apertei meus olhos e mordi meu lábio, deixando as lágrimas correrem livremente pelo meu rosto.

De alguma forma, Théo também havia conectado Erick e eu de uma maneira impossível de ser quebrada. E Erick era a coisa mais maravilhosa que eu poderia ter.

Em voltei a olhar para Théo e ele havia aberto os olhos e me encarava com eles marejados. Eu não sabia se por minha causa ou de dor, mas me afetou o suficiente.

— Um dia, talvez — Eu sussurrei.

Um sorriso leve apareceu em seus lábios manchados de sangue e ele tossiu, mais uma vez, cuspidando sangue. Ouvimos o som da ambulância e eu suspirei, quase aliviada.

— Isso... Bom — Ele me agradeceu.

Quase pude sorrir.

O aposento foi dominado por paramédicos e policiais. Erick e Théo foram pré-atendidos com uma rapidez impressionante, assim como Jenna e os capangas foram algemados e retirados dali.

Eu segurava a mão de Erick com força enquanto eles terminavam de arrumá-lo na maca.

— Você não pode ir, moça. — O paramédico me informou.

Erick soltou a mão da minha e eu tentei seguir a maca para fora da casa, mas o paramédico me segurou. Só então ele percebeu minha mão e a segurou na altura dos olhos.

— Como arrumamos isso?

Lizzie passou por ali, acompanhada por dois paramédicos e tomando água. Ela sorriu para mim, parecendo a mesma garota doce de sempre — e não aquela mulher poderosa, segurando uma arma, de minutos atrás.

— Eu... — Olhei para ele, meio confusa. — Um dos caras me jogou na parede. Eu cai em cima de um prato e cortei a mão.

Ele tirou uma lanterna de sabe-se lá onde.

— Bateu com a cabeça? — Perguntou-me.

Concordei de leve e ele ligou a lanterna na direção dos meus olhos.

— Siga a luz — Ele disse. Balançou a luz de um lado para o outro e eu acompanhei-a. Eu acho. Ele suspirou. — Vamos. Vamos levar você também.

Image

— Querida, você precisa se acalmar – Kate sussurrou para mim
Eu tinha certeza que ela só me falava isso porque havia acabado de checar Lizzie dormindo em seu quarto de hospital. Ela estava no soro, apenas, porque estava desidratada.

Eu, papai, ela e Alan estávamos na sala de espera do hospital. Eu também estava tomando soro, mas me recusei a ficar em um quarto relaxando até que pudesse ver que Erick estava bem. *"Ele ainda está na cirurgia"* me disseram. *"Eu não estou nem aí, quero vê-lo"* eu disse. E, então, eu arrastei meu soro pra fora do quarto e acabei ganhando um locomotor de soro com rodinhas.

Duas enfermeiras acharam tudo aquilo romântico, mas a enfermeira que estava cuidando de mim, no momento, só me achava irritantemente mimada.

Meu pai estava com os braços ao meu redor e, embora não aprovasse minha atitude, ia concordar com tudo que eu fizesse, no momento, porque eu estava de volta. Então, a enfermeira estava certa. Eu era apenas mimada.

— Só não fique muito nervosa, meu amor – Ele me disse – Vamos evitar problemas.

Cruzei meus braços e bati o pé no chão porque ele estava certo. Mas eu não conseguia me acalmar.

O Sr. Ward entrou na sala de espera segurando um café e sentou-se ao lugar vazio, ao meu lado. Entregou-me uma caixinha de cookies, mas eu não consegui comê-los. Estava nervosa demais.

Sorri para ele como se dissesse "me desculpe" e ele concordou com a cabeça. Carinhosamente, mais do que eu poderia prever, ele

beijou o topo da minha cabeça. Senti-me estúpida por deixar meus olhos marejarem. Malditos hormônios.

— Aqui – Minha enfermeira retornou com um copo de água e um comprimido que só poderia ser calmante. – Tome.

Apenas neguei com a cabeça.

— Só depois de ver Erick – Eu respondi a ela.

Papai pegou o copo da mão dela e balançou-o na minha frente até que eu pegasse, porque estava nervosa se ia derramar tudo em mim.

— Vai fazer bem tomar – Ele disse.

Sorri-lhe e tirei o comprimido da mão da enfermeira. Taquei-o na lixeira mais próxima e curvei-me sobre Christopher para jogar a água na planta que estava ao lado dele.

— Não – Foi minha resposta.

A enfermeira estava ficando roxa com minha atitude. Kate estava ficando roxa com a minha atitude. Christopher e Alan apenas riram, ambos adoravam meu temperamento. Meu pai pareceu um pouco em dúvida se deveria me repreender ou me deixar continuar fazendo a pequena revolução.

Minha sorte mudou quando, no segundo antes de meu pai decidir me repreender, um médico entrou na sala. Levantei-me em um pulo só e puxei meu soro para me acompanhar, antes que eu me embolasse e estourasse minha veia – Sim, já havia acontecido.

— Você deve ser Mariana – Ele disse, sorrindo de leve.

— Erick está bem? – Eu questionei, rapidamente.

Isso apenas aumentou o sorriso dele. Vi-o olhar para Christopher, daquela forma que médicos faziam ao olhar um ambiente e saber quem é parente de quem.

— Seu filho está bem e mais tarde poderá vê-lo. Ele não deveria receber visitas agora, mas... – Ele voltou a atenção para mim. – Não consigo deixa-lo quieto e ele só sabe repetir que quer ver a senhorita, então resolvemos fazer uma exceção.

A enfermeira ainda estava por ali e a vi revirar os olhos e murmurar um “esses jovens” antes de desaparecer para o corredor.

Acompanhei o doutor alegremente e ligeiramente nervosa até que ele parou em frente a uma porta escrito “unidade de tratamento intensivo”.

— Ele não pode falar muito porque quebrou uma costela e o

movimento do abdômen o incomoda. Tente deixa-lo calmo e não mais nervoso. Ok? – Eu apenas concordei com a cabeça e ele abriu a porta para mim.

Erick estava deitado na cama e a cor havia voltado ao seu rosto. Ele sorriu para mim assim que pôs os olhos na minha pessoa e eu caminhei até ele, ouvindo o bip do seu batimento cardíaco na máquina ao seu lado.

Beijei-o nos lábios e o bip da máquina ficou um pouco mais constante. Eu ri, baixinho e encerrei o beijo. Erick estava ligeiramente envergonhado. Poderia ouvi-lo dizer “Mas que máquina fofqueira!”, mas ele não podia falar muito e parecia ter algo mais importante pra falar.

Ele apertou minha mão direita, pressionando meu anel ao meu dedo quando eu nem me recordava mais que ele continuava ali – acostumada que estava.

— Casar... Amanhã – Ele sussurrou.

Fingi não perceber que ele havia feito uma careta de dor ao final das palavras e sorri-lhe, tranquilizando-o. O bip da máquina ficou um pouco mais demorado.

— Assim que você levantar dessa cama. Ok?

Erick concordou com a cabeça e sorriu pra mim. Olhei ao redor do quarto e suspirei fundo, decidindo que eu deveria contar a ele.

— Eu fiz uns exames... Quando cheguei ao hospital.

Erick olhou-me avidamente e eu não tive escolha a não ser encará-lo de volta. Ele apertou a minha mão com mais força e balançou a cabeça, querendo saber mais. O bip da máquina ficou mais rápido e eu corei, apressando-me.

Sorri e levei minha mão ao seu rosto, acariciando-o para tranquiliza-lo. Ele sorriu e fechou os olhos, a máquina me informando que havia dado certo.

Peguei sua mão, que segurava a minha outra mão e levei-a até minha barriga. Ele abriu os olhos e eu sorri.

Nada mais precisava ser dito. Ele acariciou meu ventre com carinho e encarou-me nos olhos e sugou o ar com força, abrindo o mais belo dos sorrisos.

O bip da máquina havia voltado a ficar acelerado.



AUTORA

Letícia Black tem 28 anos e é natural do Rio de Janeiro. Estudante de marketing e viciada em livros e séries e escreve desde muito nova. Tem cerca de 70 histórias de todos os gêneros e gostos e é apaixonada por

Letícia Black tem 28 anos e é natural do Rio de Janeiro. Estudante de marketing e viciada em livros e séries e escreve desde muito nova. Tem cerca de 70 histórias de todos os gêneros e gostos e é apaixonada por

apaixonada por todas as suas leitoras. Seu primeiro livro foi publicado em 2012 e ela não pretende parar.

Autora orgulhosa dos livros *Deserto*, *Jogando os Dados*, *Safira*, *Toque de Recolher*, *Contos de Uma Fada* e *Garota de Domingo*.

Acesse: www.leticiablack.com.br

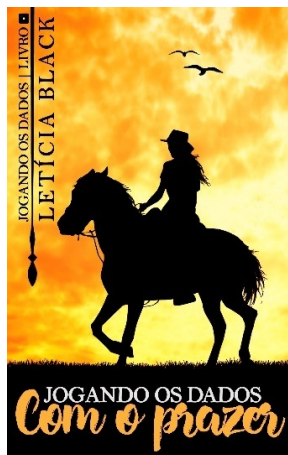
Conheça mais sobre a autora através de suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Fanpage](#) | [Twitter](#) | [wattpad](#)

OUTROS LIVROS

Jogando os Dados com o Prazer

Jogando os Dados #1

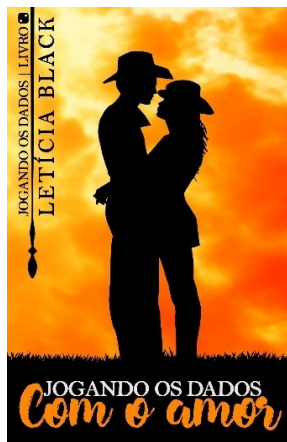


Em algum lugar, em algum momento, um ser iluminado disse que os opostos se atraem. E não há verdade mais clara e óbvia que essa quando um cara convencido, arrogante e violento, vencedor invicto dos rachas de uma cidadezinha do interior de Goiás, cruza o caminho de uma jovem mulher justa, defensora dos indefesos e para lá de discreta. Diferenças a postos, seus mundos entram em colapso e uma aposta maluca é a única solução para colocar seus problemas a limpo, então eles resolvem deixar os dados rolares. Se ela ganhar, ele terá que aprender a se controlar e não ser um babaca o tempo todo; Se ela ganhar, ela terá que passar longos três meses de férias em sua companhia. E a única certeza do jogo é que nenhum dos dois é um bom perdedor.

[Baixe agora!](#)

Jogando os Dados com o Amor

Jogando os Dados #2



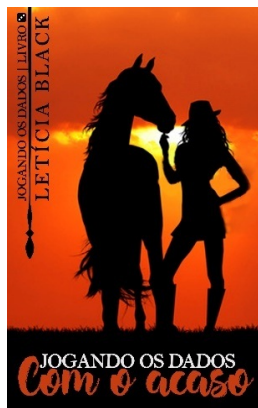
Desde que deixamos Talles e Mila, após o verão, eles trilharam um longo caminho por entre descobertas de prazer e sensações —porém, ainda tem muito pela frente para desenvolver seu frágil relacionamento criado em cima de atração sexual em um amor de companheirismo. Mila deve ceder ao seu medo de entrega e confiança, Talles deve dar o braço a torcer com seus próprios problemas de envolvimento.

Os dois extremos se chocaram, faíscas foram espalhadas por todo o campo, agora é necessário que a chama seja controlada antes que se alastre em um acidente fatal.

[Baixe agora!](#)

Jogando os Dados com o Acaso

Jogando os Dados #3



Mais de dez anos se passaram desde a primeira aposta, a blusa rasgada e a Pepsi desperdiçada.

Talles e Mila agora são um casados e acabaram de receber sua terceira filha ao lar.

Ambos sucedidos profissionalmente, Mila acaba recebendo uma proposta que vai abalar as estruturas do lar que eles criaram.

Brigas, apostas, intrigas e muito sexo nos esperam na continuação de Jogando os Dados.

Em breve!

Toque de Recolher



Drica e JP são dois jovens cheios de problemas. Drica está em seu ano de vestibular, desejando passar para uma faculdade em outro estado e se livrar da favela onde cresceu, mesmo que sua mãe não a apoie. JP realizou esse sonho alguns anos antes, mas precisou voltar para casa quando não conseguiu se manter em outra cidade porque ninguém estava muito confiante em contratar um jovem negro recém formado e filho de bandido. Os dois se encontram em circunstâncias desfavoráveis, em um verão confuso, cheio de medos de um futuro incerto, pequeno demais para seus próprios sonhos, e encontram, um no outro, o apoio que precisam para passarem por essa fase sombria de suas vidas.

[Baixe agora!](#)

Deserto



O que você levaria para uma ilha deserta?

Eles levaram sua maior desavença.

Morena e Gustavo trabalham na mesma empresa de arquitetura e urbanismo. Ela é designer de interiores e ele é arquiteto. Ambos são os melhores

profissionais de sua área no escritório em que trabalham e, por esse motivo, acabam pegando um ou outro projeto juntos, embora evitem porque se detestam e não conseguem se entender. Porém, quando o esforço é feito, o trabalho fica impecável.

A empresa resolveu presenteá-los —e aos outros funcionários reconhecidos em premiações —com uma viagem pela costa brasileira e até o Caribe.

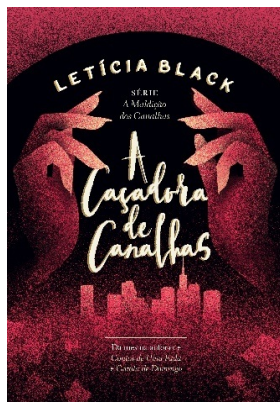
O que eles não esperavam é que, logo nos primeiros dias de viagem, em uma bebedeira, acabarem à deriva, sozinhos, em um bote salva-vidas.

E, agora, a sobrevivência dos dois depende deles encontrarem essa balança impecável também em suas vidas pessoais.

[Baixe agora!](#)

A Caçadora de Canalhas

A Maldição dos Canalhas #1



Após ser demitida de seu emprego, Tainá acaba aceitando fazer alguns favores para suas amigas em troca delas pagarem sua parte do aluguel. Descobre, então, um talento especial que logo a faz virar uma lenda urbana e a fornecer-lhe uma nova fonte de renda.

Porém, o que tinha tudo para ser um subemprego de investigadora particular, a Caçadora de Canalhas acaba se envolvendo em tramas que transcendem o valor monetário, sua índole e mexe com coisas antigas que ela preferia manter enterradas.

Embarcando em uma busca para salvar mulheres e exterminar a exportação e sequestro de jovens mulheres para a prostituição, guiada por um investidor que ela jamais viu, Tainá se põe a enfrentar os perigos da noite afim de desembaraçar uma rede de crimes contra as mulheres de sua cidade.

Em breve!